

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 2 - Número 14 - Outubro de 1997

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 2 - número 14 - Outubro de 1997

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jonatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

Em bora fiéis à proposta de estimular o fazer teatral e, conseqüentemente, a criatividade, temos também buscado publicar textos que conduzem à reflexão da realidade brasileira. Desde modo, pretendemos reforçar a função da TEATRO DA JUVENTUDE como instrumento educacional.

Nesta edição, no ano que comemoramos o centenário da Guerra de Canudos, estamos publicando o texto **O evangelho segundo Zebedeu**, de Cesar Vieira. A peça narra a saga de Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos - a mais importante rebelião camponesa do Brasil - por meio do cordel e do drama de circo. Premiadíssima e reconhecida no território nacional e no exterior, onde tem percorrido uma carreira de sucesso, a peça é fruto de intensa pesquisa histórica e folclórica além da análise da vivência no circo. Para melhor compreensão do trabalho e utilização como objeto de estudo, mantemos a introdução do autor, e reproduzimos alguns pareceres sobre a obra, inclusive publicados na imprensa estrangeira.


Quanto aos textos infantis, apresentamos a peça **Praça de Retalhos**, de Carlos Meceni que, em 1976, recebeu os prêmios Molère (autor), APCA (autor e melhor espetáculo), Governador do Estado (autor e melhor espetáculo), Mambembe SNT (melhor espetáculo).

E, entrando no espírito de final de ano, **Festa de Natal**, de Maria Vera Siqueira e **A magia dos brinquedos**, de Rita Marta Mozetti. Aos adolescentes selecionamos **A história de Tião Bolero**, de Hugo Possolo, autor que vem trilhando um caminho de sucessos.

A seção "Livros" traz a obra **Improvisação Para o Teatro**, de Viola Spolin, um guia de técnicas de ensino e direção, indicada tanto para o teatro profissional e amador quanto para escolas. Quanto à seção "Como Fazer" assinada pela artista plástica Graciela Rodriguez mostra como criar figurino no teatro popular e exemplifica com a peça "O Evangelho segundo Zebedeu", de César Vieira.

Erné Vaz Fregni


DIREÇÃO, CENÁRIO, FIGURINO ETC.

 *Na nossa escola temos um grupo de teatro e nos interessamos muito pela revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, a qual gostaríamos de passar a receber. Aproveitamos a oportunidade para perguntar onde poderíamos adquirir material relacionado à direção, cenário, figurino etc.*

**Talita Barbieri do Nascimento -
estudante - Mogi das Cruzes - SP**

Resp.: Vocês podem encontrar o material desejado no Museu Lasar Segall. Rua Berta, 111, V. Mariana, São Paulo - SP. CEP 04120-040. Tel.: (011) 574-7322.

PESQUISAS SOBRE ARTES CÊNICAS


 *Em primeiro lugar gostaria de parabenizar a equipe responsável pela Revista **TEATRO DA JUVENTUDE**. Ela está melhor a cada edição. Em segundo, gostaria que vocês me informassem onde posso realizar pesquisas sobre artes cênicas.*

**Gisele Moreira - estudante
São Paulo - SP**

Resp.: Agradecemos os parabéns. Dois bons endereços para pesquisar este assunto são: Museu Lasar Segall (veja end. na resposta da carta anterior) e EAD -- Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (Av. Prof.

Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Cidade Universitária, São Paulo - SP. Tel. (011) 818-4244).

COMO TRABALHAR EM ARTES CÊNICAS


 *Tenho uma filha de 21 anos que é apaixonada por artes cênicas e a revista **TEATRO DA JUVENTUDE** será extremamente útil no enriquecimento de seu conhecimento sobre teatro. Gostaria de solicitar à vocês, elaboradores desta coleção, a orientação de como conseguir vencer nesta profissão de atriz/ diretora/ cenógrafa/ figurinista, sem precisar cursar uma faculdade, por enquanto, pois não temos condições financeiras para sustentá-la na Capital. Por favor, me indiquem um Curso Técnico, enfim, por onde começar para chegar lá. Ela cursou até o 3º. ano do Curso de Formação de Atores do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí, participou de várias oficinas de teatro, bem como, de festivais como atriz, diretora, figurinista, recebendo vários certificados de destaque nessas participações. Na expectativa da sua atenção, aproveito para **PARABENIZÁ-los com um abraço.***

**Vera B. Vellori de Camargo - professora
Enc. do Setor de Vida Escolar - Deleg.
de Ensino de Tatuí - Tatuí - SP**

Resp.: Acreditamos que o nível cultural de sua filha a coloca apta a cursar a EAD - Escola de Arte Dramática da


USP - Universidade São Paulo.
Profissionalizante e gratuito, o curso tem 4 anos de duração e, para ser admitido, é preciso ter 18 anos, primeiro grau, e prestar exame de vestibular, porque são oferecidas apenas 20 vagas por ano. Maiores informações pelo telefone (011) 818-4132 e 818-4134. Av. Prof. Luciano Gualberto, trav. J-215, prédio de Artes Cênicas, Cidade Universitária, São Paulo - SP.

TJ EM GOIÁS

 Por meio de Mariana Guarnieri (depto. de Artes Cênicas), desta Secretaria, recebemos a revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Somos de Goiás, da escola cooperativista Colégio Alternativo e a revista foi de grande valia. Encenamos a peça *Soltando o Verbo*, de Zecarlos de Andrade, a qual obteve muito sucesso no meio artístico-cultural de nossa cidade. Os atores são alunos do 2º. grau, jovens de 17 anos, amadores, mas com trabalho igualando ao profissional. Agradeço a atenção dispensada à esta escola.

*Alice de Sant' Ana Passos - diretora
Colégio Alternativo
Goiás - GO*


APLAUSO A TJ

 É fundamental à cultura e à educação a continuidade das edições da *TEATRO*


DA JUVENTUDE. Os resultados serão colhidos muito brevemente.

*Silnei Siqueira - diretor
São Paulo - SP*


SOLICITAÇÕES DA REVISTA *TEATRO DA JUVENTUDE*

 Vimos, pelo presente, solicitar a V.Sa. a doação das publicações da coleção *TEATRO DA JUVENTUDE* para compor o acervo da Biblioteca desta Faculdade. Referida coleção será de grande valia para consulta de nossos professores e alunos, pois esta Instituição de Ensino Superior possui o curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas, curso este voltado para arte-educação.

*Maria Angela Di Biasi - Coordenadora
Faculdade Mozarteum de São Paulo
São Paulo - SP*


 Tomamos conhecimento da coleção *TEATRO DA JUVENTUDE* e gostamos muito. Gostaríamos de ter u exemplar na escola para uso dos professores.

*Ester Rondineli Anderson - vice-
diretora substituta - EMPG Pe.
Avelino Conazza - Campinas - SP*


 Vimos por meio desta solicitar o recebimento de exemplares da *TEATRO*

DA JUVENTUDE à partir do número 5. Recebemos as edições de 1 a 4 nas etapas do Mapa Cultural Paulista, do qual participamos em 1997.


*Luciano Ennes - SP
GRUTA - Grupo de Teatro Amador de
Ilha Solteira - Ilha Solteira - SP*

 *Como professora de Educação Artística solicito o recebimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE bimestralmente, pois pretendo iniciar a arte com os alunos desta escola.*


*Maria Ap. Quintão Vieira Ferreira -
professora - EEPG Prof. Mário Bulcão
Giúdice - Pindamonhangaba - SP*

 *Temos um grupo de teatro denominado TAGRUT - Tarumã Grupo Teatral e estamos solicitando o recebimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE.*

*Maria Augusta Silva RB.
EEPG "Prof. David José Luz"
Tarumã - PR*

 *Ao conhecer a revista TEATRO DA JUVENTUDE percebi sua utilidade como auxiliar em meus estudos e projetos. Sou professor de teatro e dança e desenvolvo projetos junto à Oficina Cultural Cândido Portinari, na região de Ribeirão Preto Gostaria, portanto de adquirir a coleção completa, desde o 1º exemplar. Se necessário comprovação curricular, enviarei o material conforme sua orientação. Agradeço a atenção e aguardo resposta.*

*Raul Voges - professor
Oficina Cultura Cândido Portinari
Ribeirão Preto - SP*

 *Sou professor de literatura e adoro trabalhar com meus alunos com representações teatrais. Venho, portanto, solicitar o recebimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE.*

*Jefferson Roberto de Castro - professor
Apiáí - SP*

**SOLICITAÇÕES PELO PREENCHIMENTO
DA FICHA PUBLICADA NO FINAL DA
REVISTA**

*Orlando de Maria Colacioppo
Faculdade Mozarteum de São Paulo
São Paulo - SP*

*Rita de Cássia Pedroso Abade
Biblioteca Municipal Rodrigues
de Abreu
Bauru - SP*

*Marinez Rodrigues Felipe Miranda
Casa da Cultura - Pref. Municipal de
Pirapora do Bom Jesus
Pirapora do Bom Jesus - SP*

*Ivonete Citadin Nezi
Escola Municipal Eptácio Pessoa
Francisco Beltrão - PR*

*Eli Pinto Horschutz
EEPG Prof. Firmino Octávio do
Espírito Santo Jr.
Itu - SP*

Therezinha Mércia Monforte Abrahão
EEPSG Godofredo Furtado
São Paulo - SP

Prof. Chafic Bohura - Diretor
EEPG Prof. Yvete Gabriel Atique
São José do Rio Preto - SP

Vilma Machado
Art Cena Comp. Teatral
Itú - SP

Pedro Cosmo da Silva
Grupo Teatral Tropeço
São Paulo - SP

Efigênia Lopes Bernardino -
coordenadora - Centro
Educacional SESI
Piracicaba - SP

Rita de Cássia Pedroso Abade
Biblioteca Municipal Rodrigues
de Abreu
Bauru - SP

Lucimar Zardo Leão - Diretora
Depto. Municipal de Cultura
Eco Beltrão - PR

Cícero Almeida de Souza
Grupo Teatral Frutecencia
Mairiporã - SP

Antônio Alcides Fagundes
EEPG "Professor Paulo Silva"
Bragança Paulista - SP

Rosângela Constâncio Borges -
Bibliotecária - Biblioteca Pública
Municipal "Castro Alves"
Votuporanga - SP

Jefferson Zanchi
Grupo de Teatro Experimental
Corpo Santo
Mococa - SP

Vanderki Verdegai
Grupo Teatral Tropical
Monte Azul Paulista - SP

Resp.: Glória Inês, nossa produtora, está providenciando o envio das revistas solicitadas. Facilita muitíssimo se os interessados a retirarem na própria Secretaria (rua da Consolação, 2.333, 9º and.).

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

Escreva para:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, no. 2333, 9º and.
São Paulo - SP
CEP 01301-980. - Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

O figurino no teatro popular União e Olho Vivo	12
Graciela Rodriguez	

Livros

Improvisação para o teatro	17
Viola Spolin	

Textos

Infantil

Praça de Retalhos	21
Carlos Meceni	

Festa de Natal

Maria Vera Siqueira	35
---------------------------	----

A magia dos brinquedos

Rita Marta Mozetti	43
--------------------------	----

Adolescente

A história de Tião Bolero	55
Hugo Possolo	

Adulto

O evangelho segundo Zebedeu	71
César Vieira	

COMO FAZER

O FIGURINO NO TEATRO POPULAR UNIÃO E OLHO VIVO

Criatividade faz de elementos simples e de baixo custo figurinos originais e atraentes

Graciela Rodriguez*

Nos seus 30 anos de vida, com mais de 3.500 apresentações para um público aproximado de três milhões e

meio de pessoas, sempre norteou seu fazer teatral pelo trabalho coletivo. As técnicas de dramaturgia,

VICENTE - substituto de Bibi Cestas (equilibrista louco)

(ator convidado no circo)

NA PEÇA - Antonio Conselheiro

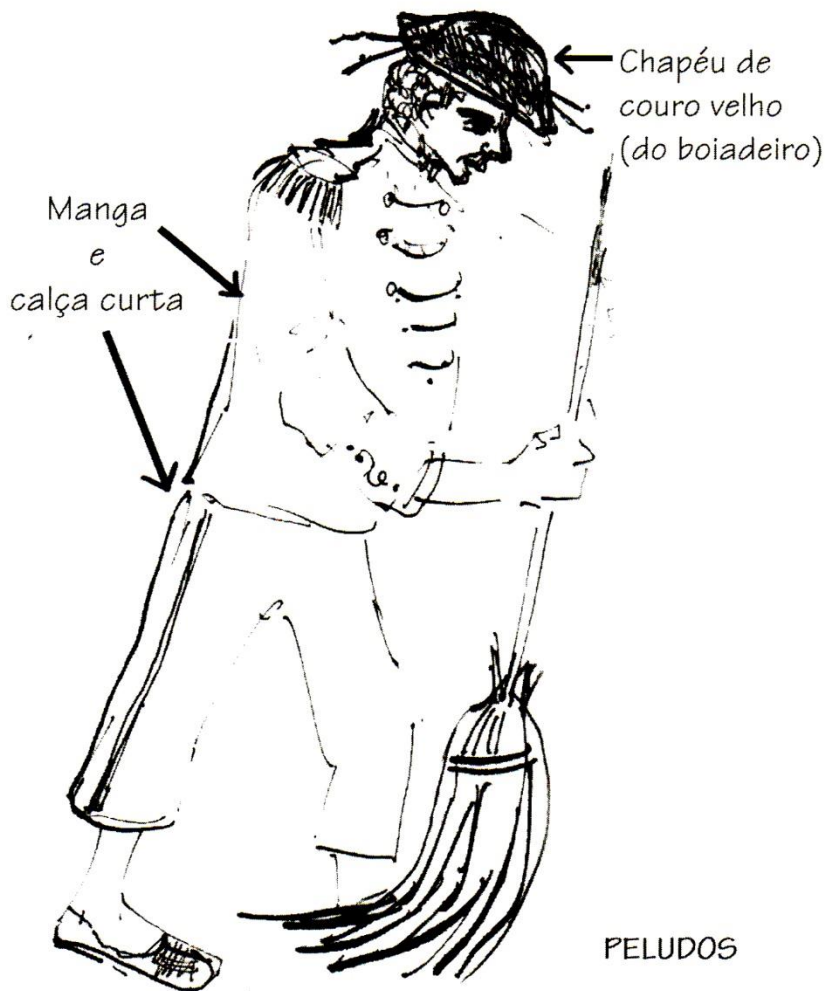


ROUPA-BASE: calça branca poída
camiseta velha
vários mantos sobrepostos

← TECIDO: algodão cru

← Rede do Nordeste

descalço (ou sandália - chinelo de couro cru)



interpretação, direção, cenário e figurino foram se depurando, se aprimorando no decorrer dessas três décadas e hoje, pode-se dizer que atingiram um ponto de grande eficácia.

O figurino - do italiano *figurino* - é a roupa, a vestimenta usada durante uma representação teatral. No caso do "Olho Vivo" o figurino está a serviço de algumas premissas fundamentais: **praticidade, mobilidade, baixo custo, estética**

funcional ao público a que se destina.

- **Praticidade** - figurino de fácil execução, fácil de vestir e de trocar entre uma cena e outra (ou mesmo em cena, no palco, à vista do público).
- **Mobilidade** - simples de transportar.
- **Baixo custo** - pesquisa de materiais baratos que tem como objetivo resultar num figurino vistoso que supra

as necessidades do projeto. Nesse processo se inclui a reciclagem de materiais usados: roupas, cortinas (dão excelentes vestidos), objetos como tampas de garrafa, latas, bandejas de papelão ou isopor etc.

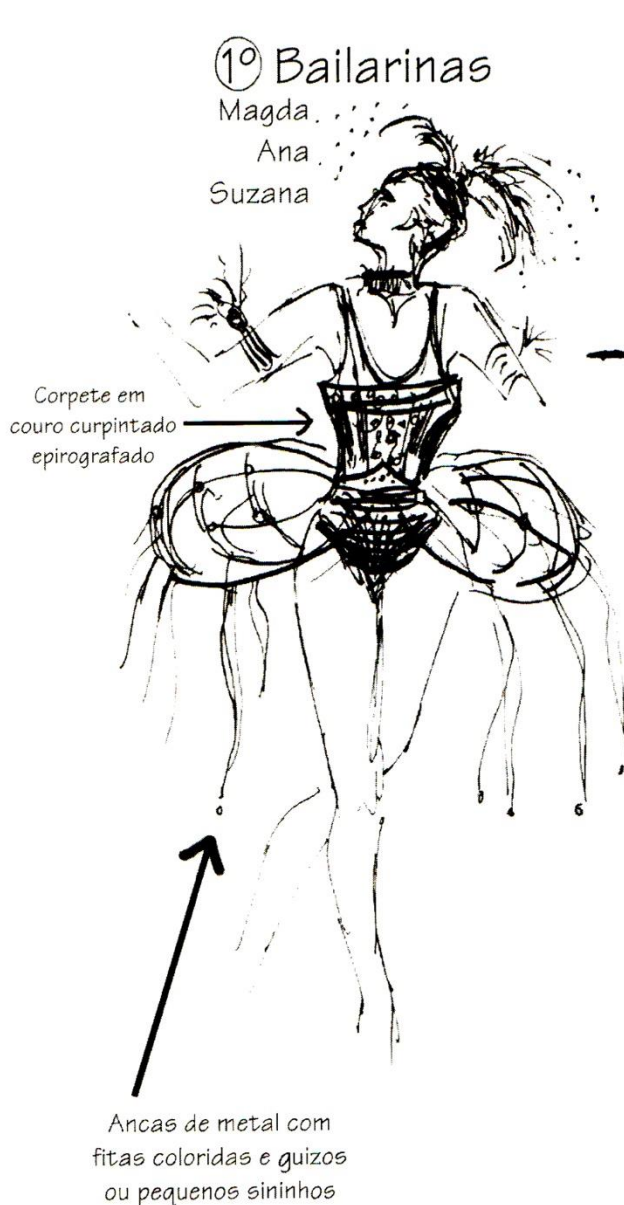
Também são tingidos tecidos, no sentido de obter maior variedade e originalidade de cores.

. Estética do espetáculo funcional ao público a que se destina - o

assistente virgem de teatro, o público das ruas, praças, comunidades populares da grande São Paulo.

Procedimentos:

As idéias originárias da pesquisa de todos os elementos do grupo são colocadas em reunião com a comissão artística central, que engloba os trabalhos de elaboração de texto, música, cenários, figurinos e



2º Tia Benta



OBS: sobre 1 maiô (base)
Num 1º momento: bailarina de circo
No 2º momento: a Tia Benta

direção. Depois de uma primeira filtragem, uma decantação inicial, a comissão de figurinos inicia os primeiros esboços de desenhos. Prontos, os desenhos serão novamente estudados por todo o grupo e, após a aprovação geral, a comissão de figurinos inicia a execução.

O “Olho Vivo” baseia o trabalho sempre em formas de arte popular: o circo, o cordel, o carnaval, o bumba-meu-boi, a folia de reis, as festas juninas, a chegada de marujos... com base nessa estrutura e, principalmente, na experiência advinda da resposta do assistente comum dos bairros da periferia, chegou a algumas premissas básicas que facilitam a tarefa. São elas:

Conflito de Cores - Roupas Base

Conflito de Cores: num espetáculo teatral existe - ou deveria existir - o conflito, seja de idéias, de personalidades, de faixas etárias, de paixões...

No TUOV, esse confronto é marcado com cores diferentes para cada lado, assim como num jogo de xadrez ou de damas, em que cada lado do tabuleiro apresenta-se com pedras de cores diferentes. Exemplificando: se escolhida a cor vermelha para um dos lados, esta cor básica e suas variações será usada por todo o “grupo de vermelho”. Diz-se cor básica e variações porque do vermelho se desdobram, como na pintura, o rosa, o laranja (mistura do vermelho com amarelo), vermelho sépia ou terra (aqui entra, junto com o vermelho, o azul e o amarelo)

bordeaux (vermelho com uma pitada de azul), e assim por diante.

O outro polo do conflito, dentro do mesmo espírito, será definido por outra cor-base e variações. Tomemos como exemplo o azul e seus derivados, o roxo (azul, uma pitada de vermelho e preto), azul turquesa (o azul, mais uma pequena parte de verde), o celeste (azul e branco), azul marinho (azul e preto)... etc.

Roupa-base: como numa tela de pintor, opta-se pelo branco, cor neutra, base para o figurino. Uma calça e camiseta brancas, vestimenta base para todos os atores. Sobre essa base acrescentam-se “as cores” em forma de complementação: as fitas coloridas, coletes, casacos, saias...

Os objetos igualmente complementam o figurino para qualificar o personagem. Ao mudar o papel, o ator troca ou acrescenta um “complemento”. Exemplo: um chicote define um domador, um feitor. Um leque assinala uma dama requintada. Um cachimbo, uma bengala, um guarda-chuva ou um chapéu, bandeiras, estandartes, marcam a figura, a imagem do personagem.

Essas práticas iniciaram-se com a primeira montagem do grupo em “O Evangelho Segundo Zebedeu”, um drama circense, e se desenvolveram até nosso atual espetáculo, “Us Juãos e os Magalis”, uma chegada de marujos. No Zebedeu, intuitivamente e espontaneamente, foi expressado em sua introdução que “os dois exércitos em luta deveriam ter cores diferentes

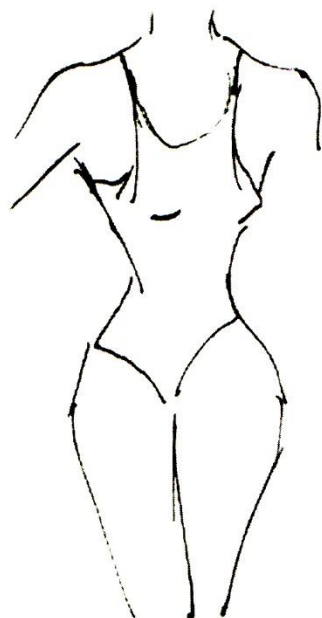
para marcar seus antagonismos e facilitar a compreensão das ações”...

Através do tempo, com a colaboração dos atores vindos das camadas populares que passaram pelo “Olho Vivo” e com base nos ensinamentos da platéia de excluídos que nos acompanha, pudemos, saindo de uma prática, chegar a uma teoria que no dá o fio condutor de idealização e confecção de figurinos.

No decorrer destas páginas, alguns esboços exemplificando o processo de trabalho realizado na peça **O Evangelho Segundo Zebedeu** (pág 71). Em cada desenho, indicações, estudo de tipo de materiais, forma e cores dos figurinos.

*Graciela Rodrigues é artista plástica e, desde 1990, coordenadora da comissão de cenário e figurino do Teatro União e Olho Vivo.

Roupa-base
para todas:



Maiô de cotton
(de cor neutra)

IMPROVISACÃO PARA O TEATRO

Técnicas de ensino e direção, da teoria às experiências práticas, indicada para o teatro profissional e amador e, em especial, para as escolas

Improvisação para o Teatro, de Viola

Spolin. Coleção Estudos, Editora Perspectiva, 356 págs. Tradução de um grupo de trabalhos de alunos do curso de pós-graduação em Teatro/Educação da Escola de Comunicação e Artes (ECA - USP) que propõe o sistema de ensino de Viola Spolin e sua visão de teatro. Trata-se de um guia de técnicas de ensino e direção, indicada tanto para o teatro profissional e amador, como para as escolas, do ensino primário ao universitário. Os jogos e as técnicas são apresentadas em improvisações

para o teatro, inovando os métodos de ensino de direção e interpretação teatrais, permitindo a revitalização e reavaliação de seu valor pedagógico, não apenas nas artes cênicas, mas também na dança, na

educação, na psiquiatria, produzindo resultados positivos de grande importância no papel social. Adequado à realidade cultural brasileira, com jogos tradicionais americanos substituídos por jogos tradicionais brasileiros, o livro só foi concluído pelo grupo da ECA após experimentação e prática do sistema. Segundo a introdução de Ingrid Dormien Kondela, "comprometida com a proposta



educacional, Viola Spolin criou um sistema de atuação estrutural ao isolar em segmentos técnicas teatrais complexas. Retoma a trilha do 'romance pedagógico', iniciada por Stanislavski, o primeiro a levantar interrogações fundamentais sobre o processo de educação no teatro".

O sistema, concebido como "processo de criação", se destina a profissionais, amadores e crianças e divide-se em três partes: "teoria e fundamentação", que ensina a dirigir teatro; "Exercícios" para oficina de trabalho; "Teatro Formal e Teatro Improvisacional", que consiste em comentários sobre a criança no teatro e a direção de peça formal em teatro amador. Também é igualmente útil para atores profissionais, atores leigos e crianças, por oferecer um detalhado programa de oficina de trabalho e aos diretores (amadores e profissionais), propicia conscientização e maior compreensão dos problemas inerentes e das técnicas para solucioná-los.

Trechos do livro:

"Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco. Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se

movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações. Se o indivíduo permitir, pode-se aprender qualquer coisa e, se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. 'Talento' ou 'falta de talento' tem muito pouco a ver com isso."

"Quando a resposta a uma experiência se realiza no nível intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual constrito, ela está realmente aberta para aprender."

"Tanto a 'pessoa média' quanto a 'talentosa' podem ser ensinadas a atuar no palco quando o processo de ensino é orientado no sentido de tornar as técnicas teatrais tão intuitivas que sejam apropriadas pelo aluno. É necessário um caminho para adquirir o conhecimento intuitivo. Ele requer um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experimentar e uma atividade que faça a espontaneidade acontecer."

"A linguagem e as atitudes do autoritarismo devem ser constantemente combatidas quando desejamos que a personalidade total emerga como unidade de trabalho. Todas palavras que fecham

portas, que têm implicações ou conteúdo emocional, atacam a personalidade do aluno-ator ou mantém o aluno totalmente dependente do julgamento do professor, devem ser evitadas."

"A verdadeira liberdade pessoal e a auto-expressão só podem florescer numa atmosfera onde as atitudes permitam igualdade entre o aluno e o professor e as dependências do aluno pelo professor e do professor pelo aluno sejam eliminadas."

"Um relacionamento de grupo saudável exige um número de indivíduos trabalhando interdependentemente para completar um projeto, com total participação individual e contribuição pessoal. Se uma pessoa domina, os outros membros têm pouco crescimento ou prazer na atividade, não existe um verdadeiro relacionamento de grupo."

"Quando o ator aprende a comunicar-se diretamente com a platéia através da linguagem física do palco, seu organismo, como um todo, é alertado. Empresta-se ao trabalho e deixa sua expressão física levá-lo para onde quiser. No teatro de improvisação, por exemplo, onde pouco ou quase nenhum material de cena, figurino ou cenário são usados, o ator aprende que a realidade do

palco deve ter espaço, textura, profundidade e substância - isto é, realidade física. É a criação dessa realidade a partir do nada, por assim dizer, que torna possível dar o primeiro passo, em direção àquilo que está mais além. O ator cria a realidade teatral tornando-a física."

"A criança pode dar uma contribuição honesta e verdadeira ao teatro se lhe for permitida a liberdade pessoal para experimentar. Ela compreenderá e aceitará sua responsabilidade para com a comunicação teatral: em se envolvendo, ela desenvolverá relacionamentos, criará a realidade e apreenderá a improvisar e desenvolver cenas válidas teatralmente, como fazem os adultos."

"Tratar crianças como iguais não significa tratá-las como adultos; e essa sutil delimitação deve ser reconhecida se o professor-diretor quiser orientar com êxito seu grupo."

"O diretor é o olho e o ouvido da platéia que irá assistir. Suas energias devem, o tempo todo, estar concentradas na descoberta de significados mais profundos, perspectivas para seus atores e equipe técnica que irão enriquecer a comunicação teatral. Ele deve extrair de cada um, incluindo a si próprio, até a última gota."

Infantil

Praça de Retalhos
Carlos Meceni

PRAÇA DE RETALHOS

Carlos Mecen

PRÓLOGO

(A peça começa com o palco totalmente limpo. Os atores entram vestidos com roupas comuns, trazendo nas mãos jornais (montinhos) e os colocam no centro do palco formando um montão. A cena é acompanhada de música instrumental, nesses primeiros momentos, montam uma rotunda preta, e um painel preto que será utilizado, durante o desenrolar do espetáculo. Um ator será o ponto de ligação durante todo o tempo do espetáculo. Ele ficará como o dono da praça. Some a música, entra o ator e começa a mexer nos materiais que estão em cena.)

HOMEM DA PRAÇA: Nossa! Um monte de jornal! Hum!!! Também aqui não tem novidade nenhuma! Um jornalzinho até que vai bem. *(Pega um jornal do monte, senta-se no monte e começa a ler.)* Hum! Mas é tudo muito velho! Essas notícias eu já sei de cor. *(Pausa.)* Mas o que é que eu vou fazer com esses jornais? Aqui é um lixo! A prefeitura deveria arrumar tudo isso *(Pausa.)* Mas não é só a prefeitura! *(Pausa.)* Todo mundo chupa sorvete e joga o palito no chão! Faz compras no supermercado, come o que tem dentro das latas, e depois joga pelo chão! E os jornais então? Tem gente que faz assinatura pra vir jornal em casa todo dia. O homem traz uma pilha de jornal! *(Pode ocupar outros espaços. É um personagem feliz e*

inconseqüente.) De casa em casa ele entregam um. Pra quê? Poucos lêem. É. Ninguém lê. Todo mundo prefere comprar as coisas já prontas do que fazer alguma coisa. *(É uma conversa consigo mesmo.)* Na minha casa também não é diferente. Bom, eu vou embora. *(Pausa, concluindo.)* Vou pesar e vender pro ferro velho. Quanto será que eles estão pagando por um quilo de jornal velho? Ah! deve ser uns dois reais, mas o que é que eu faço com dois reais? Comer um cachorro quente e tomar uma Coca? Não tô com fome!... Se eu não estou fazendo nada agora, sem dois reais *(atitude)*, com dois reais eu vou vender jornais. *(Pega um jornal e lê uma notícia.)* Hum! Quanta tristeza tem nesse jornal!... *(Nesse momento entra o ferro velho.)*

FERRO VELHO: Ferro velho!!

HOMEM DA PRAÇA: O senhor compra jornal velho?

FERRO VELHO: Compro.

HOMEM DA PRAÇA: Quanto o senhor paga o quilo?

FERRO VELHO: Quinze centavos.

HOMEM DA PRAÇA (*achando pouco*): Quinze centavos por um quilo de jornal velho?

FERRO VELHO: É... e aumentou. Antes eram dez centavos.

HOMEM DA PRAÇA (*consigo*): Nossa! (*Pausa.*) Então não vou vender!

FERRO VELHO: O senhor tem muito pra vender?

HOMEM DA PRAÇA (*achando muito*): É. Eu tenho uns vinte quilos.

FERRO VELHO: Ah! É muito pouco. Eu compro de duzentos quilos pra cima!

HOMEM DA PRAÇA (*assustado*): Vinte quilos de jornal é pouco! É pouco? Então pega vinte quilos e carrega pra ver se é pouco. Eu estou cansado só de olhar esta pilha. Me empresta a balança pra ver quantos quilos tem realmente!

FERRO VELHO: Opa! Tá na mão! (*Entrega os braços e a leitura do peso é feita em seus olhos.*)

HOMEM DA PRAÇA (*depois de pesar*): Vinte quilos e cem gramas. Olha, só por que me emprestou essa balança, eu vou lhe dar cem gramas de jornal, pronto. Tá pago o empréstimo da balança. Muito obrigado e até logo.

FERRO VELHO (*assustado*): Até logo moço! Quer dizer que o senhor não quer vender mesmo?

HOMEM DA PRAÇA: Não, não, eu vou ficar aqui olhando esses jornais.

(*Ferro velho saindo - Entra agora o jornaleiro.*)

JORNALEIRO: Jornaleiro! A última notícia!

HOMEM DA PRAÇA: Meu Deus do céu! Eu aqui com vinte quilos de jornal sem saber o que fazer, e ainda vem outro cara me oferecer mais jornal!

JORNALEIRO: Moço! vai jornal aí?

HOMEM DA PRAÇA: Não, obrigado. Eu tenho vinte quilos de jornal aqui.

JORNALEIRO: Mas essas são as ultimas noticias!

(*Mostrando os jornais que traz consigo.*)

HOMEM DA PRAÇA: E eu estou com as penúltimas aqui. Mas não faz mal! O senhor pode ir embora, que eu fico com as penúltimas mesmo, fique tranqüilo.

JORNALEIRO (*saindo*): Jornaleiro! Olha o jornal.

HOMEM DA PRAÇA (*pega no monte um pouco*): É só eu sair por aí gritando: Jornaleiro! Jornaleiro! (*Pausa.*) Mas quem é que vai comprar jornal velho? Se o moço está oferecendo jornal do dia, ninguém vai querer comprar jornal velho! (*Idéia.*) Ah! o açougueiro sim. (*Conversa consigo mesmo como açougueiro.*) Moço! eu sou um feliz proprietário de vinte quilos de jornal velho, bem conservados! O senhor não quer dez quilos para embalar a carne que o senhor vende no açougue? (*O ator faz os dois personagens.*)

Lógico, nunca vi negócio tão bom como este! Manda pra cá esses dez quilos de jornais velhos!

(Valorizando a quantidade.)
Onde o senhor conseguiu dez quilos de jornais velhos?
Que maravilha. *(Voltando a si.)*
Aí eu digo pra ele...*(Pausa.)*
Aí, aí, aí eu não digo nada. Todo açougueiro tem plástico. Bom eu vou embora! *(Saindo.)* Não! Embora eu não posso ir! Achei vinte quilos de jornais.

HOMEM DA PRAÇA: Eu tenho que ficar com eles. Mas eu vou carregar vinte quilos de jornais? Não! Esses vinte quilos de jornais é o meu banco aqui no jardim. *(Olha em sua volta.)* Mas que jardim? Não tem árvore nem folha nenhuma. *(Conclui.)* Mas é um jardim. *(Vai entrando o executivo – passa com sua maletinha.)* Oh! Meu amigo? Por acaso o senhor não se interessa por 20 quilos de jornais velhos, da melhor qualidade?

EXECUTIVO: Não muito obrigado, eu não tenho tempo pra perder lendo jornais velhos. *(Ar de segredo.)* Eu nem leio jornais novos!

HOMEM DA PRAÇA: O senhor não lê os jornais novos?

EXECUTIVO: Não tenho tempo, e eu preciso ir embora!

HOMEM DA PRAÇA: Por que o senhor precisa ir embora?

EXECUTIVO: Porque o meu carro está quebrado! Eu estou com o carro quebrado! Estou num dia de azar! E estou a pé aqui! Porque o meu carro quebrou na esquina! Levantei com pé esquerdo! *(Isso tudo é dito pelo ator num crescendo.)*

HOMEM DA PRAÇA: Com o direito

também, estou vendo que o senhor está com os dois pés.

EXECUTIVO: Não tenho tempo pra brincadeiras. Eu não admito brincadeiras, e não vou brincar com o senhor. Meu carro está quebrado e assim não pode ficar. E o senhor ainda vem com brincadeiras, querendo me oferecer jornais velhos! Ora, eu tenho mais o que fazer.

HOMEM DA PRAÇA *(feliz por poder estar):* É mesmo, eu estou brincando, mas eu pensei *(pausa.)*, não sabia como passar o tempo da melhor forma possível, brincando!

EXECUTIVO: Mas eu não posso brincar.

HOMEM DA PRAÇA: Que pena.

EXECUTIVO: Tenho que achar um mecânico!

HOMEM DA PRAÇA: Espere! espere! Achei uma notícia que vai lhe interessar. A notícia diz assim.

EXECUTIVO: Eu não tenho tempo pra notícias.

HOMEM DA PRAÇA: Tem sim, olha: "O amor existe, foi visto de braços dados com a felicidade às dez e trinta da manhã na praça da Liberdade". É uma notícia boa, heim? Tem muita gente que precisa desta notícia.

EXECUTIVO: Eu não tenho tempo pra brincadeira. Ora!

(Sai.)

HOMEM DA PRAÇA *(para o público):* Nossa! O homem saiu enfezado mesmo. Que coisa gozada. Parece um boneco e é um homem. *(Vai no lixo, começa a procurar e acha um boneco grande do tamanho de um homem feito de retalhos de*

tecido—o boneco vai ser utilizado depois como o morador da casa.) Este homem que esteve aqui é igual a este homem aqui. Um robô! Um boneco! (Mostra o boneco. Lembrando.) Ai! A minha tesoura. Eu perdi a minha tesoura. Se ela estivesse aqui eu faria as anteninhas nesse robô, porque é só o que está faltando nesse homem (Apontando lá fora – entrando o Camelô.)

(A caracterização é sempre feita com pouca coisa, bigode de lã, caixinha de madeira com pouca coisa pendurada, boné de portugueses etc...)

CAMELO: Pentes baratos! Muito baratos! Cola, tesoura, barbatanas e giletes.

HOMEM DA PRAÇA: Moço! Moço! *(Assobia.)* Me faça um favor, vem aqui! O senhor disse que vende tesouras? *(Vai vendo outras coisas mexendo.)* O que é isso aqui?

CAMELO: Isto é para portar documentos, carteira de identidade, saúde, CIC, CGC, IFR, RAS, PIS etc.

HOMEM DA PRAÇA: Nossa! Essa carteira é grande mesmo, acho que fica do tamanho da lista telefônica.

CAMELO: Olha, se o senhor vai comprar alguma coisa compre logo porque eu preciso visitar toda a freguesia dessa cidade.

HOMEM DA PRAÇA: Mas eu quero saber por quanto o senhor está vendendo uma tesoura.

CAMELO: Uma tesoura? Tesoura são vinte e cinco reais.

HOMEM DA PRAÇA: Que pena!

CAMELO: Porque pena?

HOMEM DA PRAÇA: Eu quero tanto uma tesoura *(procura nos bolsos.)*, mas eu estou sem dinheiro aqui... Se me emprestar a tesoura por algum tempo, só alguns minutos, quando voltar do fim da rua eu lhe devolvo a tesoura.

CAMELO: Será que devolve mesmo?

HOMEM DA PRAÇA: Mas é lógico que devolvo, pode confiar em mim. *(Conquista.)* Empresta vá. *(Propõe.)* Olha, eu tive uma idéia. Eu lhe dou esses vinte quilos de jornais e mais esse saco de latas velhas vazias.

CAMELO: E o que é que eu vou fazer com vinte quilos de jornais e um saco de latas vazias?

HOMEM DA PRAÇA: O senhor pode não fazer nada, mas eu descobri uma coisa aqui. Eu posso fazer muita coisa com vinte quilos de jornais velhos e um saco de latas vazias. Ah! vai me emprestar a tesoura!

CAMELO: Se fugir com a tesoura?

HOMEM DA PRAÇA: É lógico que não, eu tenho muito o que fazer com os jornais e as latas. Empresta vá. *(Camelô empresta a tesoura.)* O senhor bem podia emprestar a cola também né, depois eu pago, eu prometo que pago!

CAMELO: Não! Não, isso já é demais! Eu já emprestei a tesoura, a cola você se vira.

HOMEM DA PRAÇA (convencendo-o): Ah! Empresta a cola aí! Custa emprestar um tubinho de cola?

CAMELO: Tá bom, toma a cola e fica aí com a tesoura e não me perturba mais, porque eu tenho que visitar toda a minha

freguesia.

HOMEM DA PRAÇA: Que maravilha! Uma tesoura *(Nesse momento ele usa a tesoura e recorta bonequinhos de jornal-música dançando com os bonequinhos.)* Isso, quanto bonequinho bonito! Vamos! *(Dança.)* É, mas não adianta não, afinal de contas a gente está sozinho! *(Pausa.)* Eu e vocês, bonequinhos cortados e picados de jornal velho. *(Uma conversa gostosa com os bonequinhos, uma relação real.)* Você pensa que alguém vai dar valor pra vocês? Mas vamos ficar aqui parados! Vou deixa-lo aqui junto com o bonecão. É. *(Conclui.)* Boneco é boneco.

MENDIGO *(entrando em cena):* O meu amigo como é que vai o senhor?

HOMEM DA PRAÇA: Eu vou bem, muito bem.

MENDIGO: É, mas as coisas não tão boas não!

HOMEM DA PRAÇA: Mas qual é o seu problema?

MENDIGO: Meu problema, é que eu não tenho onde morar.

HOMEM DA PRAÇA: Não tem onde morar! Porque o senhor não quis ainda. Quer trabalhar pra morar?

MENDIGO: Mas trabalhar em quê?

HOMEM DA PRAÇA: Na construção da casa.

MENDIGO: Mas o material tá caro, tão caro!

HOMEM DA PRAÇA: Eu tenho aqui uns vinte quilos de jornal e mais um montão de coisas.

MENDIGO: Mas e o cimento? Os

tijolos...

HOMEM DA PRAÇA: Quer me ajudar?

MENDIGO: Quero, mas pode chover.

HOMEM DA PRAÇA: Hoje está chovendo?

MENDIGO: Não!

HOMEM DA PRAÇA: Então o senhor mora hoje!

MENDIGO: Mas não vai dar certo.

HOMEM DA PRAÇA: Por quê?

MENDIGO: Pode dar um vento muito forte.

HOMEM DA PRAÇA: E tem vento hoje?

MENDIGO: Não!

HOMEM DA PRAÇA: Então você me ajuda aqui e eu te ajudo ali. *(Montam a casa durante uma música com os demais atores. Entra uma música instrumental. Sublinha que toda a cena deve ser instrumental mesmo. Na criação da música é bom que tenham sons como marteladas, serras, sons de uma construção. O Mendigo tem a mesma atitude criativa de fazer, não existe agora alguém que comande a cena, os demais atores também fazem a casa, usando chapéu de jornal, ou outros adereços feitos também de jornal, três caixotes pequenos, com um furo no centro de cada um deles, mais quatro sarrafos enfiados nos buracos fazem a sustentação da casa).*

HOMEM DA PRAÇA *(curtindo):* Viu! Está pronta a sua casa, que casa maravilhosa!

MENDIGO: Mas não tem cama, né? *(Ainda negativo.)*

HOMEM DA PRAÇA: Então vamos fazer uma! *(Fazem a cama de latas, caixotes e jornal).* Viu só como ficou boa sua casa e sua cama?

MENDIGO: É, ficou sim! (*Triste.*) Mas só que agora eu não vou entrar em casa não, vou andar mais um pouco.

HOMEM DA PRAÇA: Mas por quê? Você tem casa e cama.

MENDIGO: É, depois eu volto.
(*Sai.*)

HOMEM DA PRAÇA: Depois não. Ah, foi embora? Então vocês vão morar aqui.

(*Vai em direção ao boneco. Coloca-o dentro da casa, os bonequinhos de papel também. Vai-e-Vem entra.*)

VAI-E-VEM (*viajando na delicadeza do que viu*): Ei! Eles estão bem confortáveis aí?

(*Aponta a casa.*)

HOMEM DA PRAÇA: Lógico, lá dentro tá gostosinho mesmo.

VAI-E-VEM: É! (*Sacarinha, meio inseguro pra propor.*) Acho que tá faltando alguma coisinha aqui! (*Pausa.*) Uma árvore!!! (*Justificando.*) O sol é forte, sabe como é, né?

HOMEM DA PRAÇA: Então vamos fazer uma pra te proteger do sol.
(*Entra Música Instrumental também e sublinha a cena. A mesma atitude da cena anterior. Um caixote com furo no centro. Um sarrafo, um guarda chuva sem pano – vide esquema. Enquanto todos fazem a árvore, um ator com um pedaço de jornal, que se parece com um pássaro, faz uma cena que quando acaba a música o pássaro está na árvore.*)

HOMEM DA PRAÇA: Está prontinha!

VAI E VEM: Que legal! Puxa vida, eu só acho que está faltando uma coisinha nesta árvore... (*Doce.*) Pra ela ser de verdade!

HOMEM DA PRAÇA: Escute. Ela não

está fazendo sombra?

VAI-E-VEM: Tá.

HOMEM DA PRAÇA: Ela já é de verdade. Você não queria uma árvore só pra fazer sombra?

VAI-E-VEM: É, legal. Obrigado, obrigado heim! Vou contar pra todos os meus amigos que eu consegui árvore para fazer sombra em nossa praça.

HOMEM DA PRAÇA: Isso, vai correndo. Pronto, já tenho até uma árvore nessa praça. E o jornal tá indo.
(*Fica na sombra da árvore. Entra um office-boy com gravata de jornal etc...*)

OFFICE-BOY: Moço, o senhor sabe onde é que fica a rua Amancio Amancio?

HOMEM DA PRAÇA: Ah! Sei sim! Pra R. Amancio Amancio, entra à direita, vira à esquerda, aí você vai sempre em frente e quando encontrar o quinto farol entra à direita. Depois, que dobrou à direita, anda uma, duas, três ruas. Quando chegar numa padaria, aquela é a Amancio Amancio.

OFFICE-BOY (*inseguro*): O senhor pode fazer um mapinha pra mim.

HOMEM DA PRAÇA: Posso sim, claro. Oba! Mais um jeito de usar meu jornal.

OFFICE-BOY: Como?

HOMEM DA PRAÇA: Nada, nada. Você tem caneta aí?

OFFICE-BOY: Tenho.

(*Entrega a caneta que tira de uma malinha feita de caixinha de ovos.*)

HOMEM DA PRAÇA: Vamos usar essa parte do jornal que está bem clara. (*Entra música "São Paulo*

Agora".) Tá aqui seu mapinha!
Toma.

(Entregando a folha inteira.)

OFFICE-BOY: Mas eu não quero essa
folha inteira.

HOMEM DA PRAÇA: Tá bom, não
vamos discutir, leva a metade.

(Rasga a folha.)

OFFICE-BOY: Até logo heim!

HOMEM DA PRAÇA: Tchau. Que pena
ele só quis jornal para endereço.
(Vai-e-Vem entrando.) Eí, você
aqui de novo? O pessoal não
veio?

VAI-E-VEM: Não, eu vim sozinho, eu
vou ficar aqui, porque eu trouxe
uma idéia.

HOMEM DA PRAÇA: Qual?

VAI-E-VEM: Sabe o que está faltando
nesta praça? Uma fonte
luminosa. Vamos fazer?

NINA *(entrando.):* Gente, o que vocês
estão fazendo?

HOMEM DA PRAÇA: Uma fonte
luminosa.

NINA: Posso fazer o banco da praça?
*(Entra música de realejo, e no fundo
do palco sempre esteve lá o painel
preto onde, com giz colorido, eles
desenham uma fonte. O pássaro voa
outra vez, Nina faz o banco. Termina
a música.)*

HOMEM DA PRAÇA: Só que tem uma
coisa, esta fonte luminosa não
pode funcionar, porque senão
ela desmancha inteira.

NINA: Faz de conta que está faltando
água. *(Rindo.)* O que vocês
acham do banco?

*(Vai para o fundo do palco e se veste
com outra roupa feita de jornal que
está em cena. Vai-e-Vem sai de cena.)*

HOMEM DA PRAÇA: Nossa moça, que
tristeza é essa?

ENAMORADA: Estou triste, sabe por
quê? Por que eu queria flores, eu
quero levar um presente para
uma pessoa hoje.

HOMEM DA PRAÇA: Servem rosas?

ENAMORADA: É lógico!

*(Entra Música. Cantam e fazem tudo
de jornal, fita crepe e agulhas de
crochê.)*

BIS: Então pegue essa folha de jornal
Dobre aqui, dobre ali,
Faça um vaso tal e qual
Com esta outra folha.
Faça bolinhas, bolões
Que vão ser as suas rosas
E o seus belos botões

(Para a música.)

ENAMORADA: Ah! Mas estas flores
não tem cor? *(Volta a música.)*
Atrás daquela lata tem uma lata
de vermelho. Perto do caixote
uma lata de pincel! Com o
vermelho vamos cor a rosa dar!
E o pincel vai colorir o seu papel.

*(Entra em cena o irmão de Nina, que
finge ser um namorado.)*

ENAMORADA: Oi, eu fiz este maço de
rosas pra você. Foi ele aí quem
me ajudou.

HOMEM DA PRAÇA: Eu não fiz nada.
Eu só pinteí.

TATÁ: Eu te agradeço, muito
obrigado. Mas este vaso não vou
levar.

ENAMORADA: Viu só, ele não gostou
das flores.

HOMEM DA PRAÇA: Não é nada disso.
Ele gostou sim!

(Tatá faz que sim com a cabeça.)

TATÁ E H. DA PRAÇA: Nós vamos
deixar estas flores aqui.

TATÁ: Na praça.

HOMEM DA PRAÇA: De graça. Pra
todo mundo olhar *(Bis.)* Então

vamos deixar aqui mesmo.
(*Nina tira a roupa de Enamorada.*)

NINA: Nossa! Eu quase esqueci da grama.

TATÁ: Que grama?

NINA: A grama pra pôr na praça.

TATÁ: E aonde você vai buscar a grama?

NINA: Lá em casa!

TATÁ: Nada disso. Aqui tem uma grama muito melhor. Olha quanto papel.

HOMEM DA PRAÇA (*Tatá e Nina vão para um canto e começam a picar jornal e algumas folhas verdes, pois é com esse papel picado que eles vão fazer a grama. Entra um transeunte.*)

TRANSEUNTE: Oh! Gente, quanto jornal! Dá pra emprestar uma folha aí porque eu estou com a sola do sapato furada?

HOMEM DA PRAÇA: Pois não, é só pegar, à vontade! O senhor não quer meio quilo?

TRANSEUNTE: Meio quilo não! Só duas folhas.

HOMEM DA PRAÇA: Tá bom, então pega só duas folhas. (*Enquanto o homem forra o sapato, o Homem da Praça pergunta.*) O que que o senhor tem debaixo do braço?

TRANSEUNTE: Roupa suja pra lavar.

HOMEM DA PRAÇA: Por que o senhor não embrulha isso?

TRANSEUNTE; Ótimo! Então me dá mais uma folha.

HOMEM DA PRAÇA: Uma não, duas, porque assim o embrulho fica mais protegido.

(*Homem embrulha e vai embora.*)

NINA: Tatá, fica fazendo a grama que eu volto já.

(*Sai.*)

HOMEM DA PRAÇA: Tatá, pára um pouco de fazer grama e vem me ajudar a fazer um pouco de nuvem nessa praça.

(*Tatá ajuda, entra fundo musical. Quando colocam as nuvens, a sonoplastia solta trovoadas.*)

HOMEM DA PRAÇA: Vai chover, Tatá.

TATÁ: O que é que vamos fazer?

HOMEM DA PRAÇA: Tirar as nuvens! Ora! (*Tiram as nuvens para as trovoadas.*) Que pena, a praça não pode ter nuvens, senão vai chover. (*Ficam tristes.*) Só uma nuvem pode não chover, não!

VAI-E-DEM (*entrando*): Nossa, estão tristes por quê?

HOMEM DA PRAÇA: Porque essa praça não pode ter nuvens!

TATÁ: Foi só por nuvens, ameaçou chover.

VAI E DEM: Então vamos pôr um sol!

HOMEM DA PRAÇA: Boa idéia. (*Fundo musical. Constroem o sol. Com bastidores de bordado.*)

TATÁ: Ufa! Que calor está fazendo agora. Eu queria tanto um sorvete.

HOMEM DA PRAÇA: Do que você quer?

(*Pegando uma caixa de papelão.*)

TATÁ: De côco.

HOMEM DA PRAÇA: E você, Vai e Vem?

VAI E DEM: Qualquer coisa.

HOMEM DA PRAÇA: Qualquer coisa! Vai de letras, então?! Sorveteiro! Sorveteiro!

(*Com uma folha de jornal constrói a casquinha e o miolo de sorvete com outra folha. Eles dão risada e chupam o sorvete com fundo de sonoplastia.*)

VAI-E-DEM: O meu sorvete tá com frio,

coitado. *(Pega no sorvete como se fosse uma criança. Embrulha-o com um tule).* Fiquem aqui.

(Coloca-os dentro da casa.)

BILHETEIRO *(entrando.)*: Olha a loteria, vai correr hoje! Vai dar macaco! Um macaco é hoje, não percam a oportunidade.

HOMEM DA PRAÇA *(pra Tatá)*: O que é isso?

TATÁ: São bilhetes de loteria, cada número é um bicho.

BILHETEIRO: Cada número significa um bicho e hoje vai dar macaco!

HOMEM DA PRAÇA: Então você poderia dar o macaco?

BILHETEIRO: Eu vendo bilhetes de loteria e hoje vai dar o macaco. O número do macaco. Eu não posso dar o macaco pra vocês. Eu vendo o número do macaco. E ponto final.

HOMEM DA PRAÇA *(conquistando.)*
Você não tem um macaquinho velho aí?

BILHETEIRO: Eu tenho. O macaco da semana passada.

TATÁ: Olha aí. Ele tem o macaco da semana passada. Não deixa de ser macaco.

(Pegam o bilhete e colocam o bilhete na árvore.)

HOMEM DA PRAÇA: Ótimo, agora nós temos na nossa árvore até um macaco. É da semana passada mas é macaco.

(Bilheteiro sai.)

BILHETEIRO: Olha o bilhete! Vai dar macaco!

(Entra uma velhinha.)

VELHA *(Pra Tatá.)*

TATÁ: Pois não.

VELHA: A sua irmã está te chamando lá na sua casa.

TATÁ: Ah! Ela espera.

VELHA: Ela pediu pra te avisar pra ir depressa.

TATÁ: Oh! Meu Deus! Eu tenho que ir lá!

(Sai.)

VELHA: Oh, moço!

HOMEM DA PRAÇA: Pois não.

VELHA: Eu trouxe trinta reais

HOMEM DA PRAÇA: Pra quê?

VELHA: Porque eu quero comprar um pouco de jornal seu.

HOMEM DA PRAÇA: Mas isso é tão barato. Não custa trinta reais.

VELHA: Olha que eu sei que custa.

HOMEM DA PRAÇA: Não! Não custa nada não!

VELHA: Mas eu quero pagar trinta reais.

HOMEM DA PRAÇA: Já que a senhora insiste, muito obrigado. Tá aqui o jornal. Mas me responde uma coisa. Por que a senhora me deu trinta reais por esse jornal?

VELHA: Porque eu acho que esse jornal é mágico!

HOMEM DA PRAÇA: Não é mágico nada. A gente tá brincando com ele.

VELHA: Mas eu acho que é mágico. *(Vai embora. Volta o Camelô.)*

CAMELÔ: Pentas baratos! Barbatanas! Eu voltei, como é? Vai pagar a minha tesoura ou não?

HOMEM DA PRAÇA *(com os trinta reais na mão)*: Olha vinte e cinco reais da tesoura e cinco reais da cola. Não lhe devo mais nada. Mas espera um pouquinho. *(Pega a tesoura e a cola, embrulha os dois numa folha de jornal.)* Além do dinheiro, toma o seu material de volta.

CAMELÔ: Mas o senhor comprou?!

HOMEM DA PRAÇA: “Descomprei”. Tai e pronto. Até logo e muito obrigado.

(Entram Tatá e Nina.)

NINA: Tivemos uma idéia sensacional. Sabe qual é?

TATÁ: Nós vamos fazer aqui...

(Entra um jornalista.)

JORNALISTA: Boa tarde! Eu sou jornalista. Incrível! Eu estava passando e vi esta praça maravilhosa! Vou tirar umas fotografias de vocês. Este jornal é mágico.

(Traz consigo uma máquina feita de latas vazias de Coca-Cola.)

HOMEM DA PRAÇA: Aqui não tem nada mágico!

JORNALISTA: Por favor, uma fotografia sua aqui na árvore. Vocês dois aqui, juntos ao banco da praça. Você aqui, na fonte luminosa. Por favor, me dá uma folha desse jornal pra eu levar pra redação.

HOMEM DA PRAÇA: Nós só brincamos com esse lixo.

JORNALISTA: Mais uma foto junto a esta folha de jornal. Preciso sair correndo. Não posso ficar aqui nem mais um minuto.

HOMEM DA PRAÇA: E agora nós só temos essa folha. O que é que eu faço com essa folha?

NINA: Nós viemos aqui pra trazer uma idéia, e até agora você não perguntou qual é?

HOMEM DA PRAÇA: E qual é a idéia?

TATÁ: Com essa última folha, vamos escrever o nome da praça!

HOMEM DA PRAÇA: Ótimo!

NINA: E qual vai ser o nome?

HOMEM DA PRAÇA: Praça de jornal.

TATÁ: Não! Praça de restos.

NINA: Praça de brinquedos.

TATÁ: Praça da Liberdade.

HOMEM DA PRAÇA: PRAÇA DE RETALHOS.

(Pega o pincel e escreve. Pendura na rotunda. Entra Vai e Vem.)

VAI-E-VEM: Pessoal! Tá vindo um monte de gente pra cá. Acho que são mais de duzentas pessoas.

HOMEM DA PRAÇA: O que eles vem fazer aqui?

VAI-E-VEM: Vêm ver você e sua praça!

HOMEM DA PRAÇA: Minha não! Nossa.

NINA: Por quê?

HOMEM DA PRAÇA: Porque agora eu lembrei que longe, bem longe daqui, tem um lugar cheio de coisas velhas como essa e lá também tem vinte quilos disso aqui. *(Mostra uma caixa de ovos de isopor vazia)* Tchau, Praça! Vou ficar com saudade de você. Gente! Até logo.

VAI-E-VEM: Mas qual é seu nome?

HOMEM DA PRAÇA: A praça tinha nome?

TATÁ: Não.

HOMEM DA PRAÇA: Vocês deram um nome pra praça? O meu nome, é o nome que vocês quiserem. Como a praça. *(Sai e volta correndo.)* Ia esquecendo, avisem esse pessoal que vem vindo, que o que nós fizemos aqui, pode ser feito em todo lugar e à hora que quiser.

TATÁ: Pode ir, mas nós vamos ficar esperando você aqui.

NINA: Um dia vai ter que voltar. E você vai ver a gente tomando conta dessa praça. Da sua Praça!

(Entra Música.)
Nós temos
Todo o tempo do mundo
Queremos ver você
Chegar
Chegue agora
Chegue na hora
Chegue quando chegar

Vamos esperar você
Sentados, deitados
Cansados, calados
Mas chegue pra ficar.
(Enquanto cantam e dançam a música, cada um pega um giz e escreve Fim em todas as construções feitas).

FIM

Obs: Esta peça foi montada em sua primeira versão no ano de 1976, no Teatro da Praça, em São Paulo.

FESTA DE NATAL

Maria Vera Siqueira

(Peça em 2 momentos)

PERSONAGENS

Filoca
Manduca
Ritinha
Lila
Cassinho
Juca
Juju
Daniel
Anjo

VESTUÁRIO

Meninas: bem vestidas, traje de passeio; se possível um de cada cor.

Meninos: bem arrumados, com exceção de Daniel que se traja pobremente.

Pastoras do balé: vestido branco, avental vermelho e fita da mesma cor na cabeça.

Crianças do coral: meninas de branco, meninos de escuro. Juju, o regente, fantasiado de maestro, com a batuta na mão (uma varinha, ou uma régua).

CENÁRIOS

MOMENTO I - Sala de visitas classe média

MOMENTO II - Cômodo pobre

MOMENTO I

(Cenário: Sala de visitas. Janela ao fundo. Manduca entra gritando.)

CENA 1

MANDUCA: Filoca! Filoca! Onde está

você, menina? Faz uma hora que estou procurando essa danada e não encontro.

FILOCA *(entrando devagar, pela porta lateral do palco):* O que você quer, Manduca? Por que grita

desse jeito?

MANDUCA: Como não vou gritar? O Natal chegando, um mundo de coisas para fazer e você nesse sossego!

FILOCA: Eu sei, Manduca, eu sei que o Natal está perto... Olhe só. *(Vai virando as folhas do calendário pendurado à parede.)* Faltam apenas quatro dias.

MANDUCA: Pois é. Se não correremos, não dá tempo.

FILOCA: Presentes. Árvores. Presépio. Muita coisa para tão pouco tempo.

MANDUCA: Mas, Filoca, por que você está diferente? Parece que não tem entusiasmo e alegria, como nos anos passados. A turma da nossa rua dizia que você era a alma do Natal. *(Entram dois meninos e duas meninas, pulando e gritando.)* Manduca! Filoca! Estão prontos? Vamos tratar de nossa festa de Natal!

(Brincando, fazem roda em torno de Manduca e Filoca e cantam.)

“Tocam sinos
pequenininos
sinos de Natal.”

(Desfazem a roda.)

MANDUCA: Vocês estão animadíssimos. Precisam dar receita para Filoca que está muito mole este ano.

RITINHA: O que é isso Filoca? É verdade o que seu irmão está dizendo?

JUJU: Venha cá, eu vou dar uma injeção de óleo canforado em você.

(Finge dar uma injeção no braço da menina. Filoca sorri, tristemente.)

CENA 2

FILOCA: Se vocês largarem de

brincadeira e ficarem quietos um pouco, eu conto por que ando triste.

MANDUCA *(estendendo os braços, com ares importantes):* Nós prometemos, solenemente, guardar o máximo silêncio.

LILA: Como ele fala bonito, gente! Juju, pegue o dicionário.

MANDUCA: Psiu! Como eu ia dizendo, nós prometemos ficar sentados, imóveis, calados, para ouvir a Exma. Sra. Dona Sofia.

CASSINHO: Que é essa tal de Sofia?

FILOCA *(rindo):* Ora, sou eu! Então pensa que Filoca é meu nome?

JUJU: Aprendi mais essa hoje!

RITINHA: Agora que o Manduca já prometeu, a Filoca vai falar.

MANDUCA: Manduca, vírgula. Nas horas importantes eu sou Armando. Dr. Armando, às ordens de todos.

(As crianças sentam-se no chão e ficam atentas.)

CENA 3

FILOCA: Outro dia eu vinha vindo da feira e passei pela casa de dona Júlia.

MANDUCA: Aquela que costura por dia nas casas?

FILOCA: Aquela mesma. É viúva e pobre. Aqui em casa ela costura sempre e na vizinhança também. Dona Júlia estava com os olhos vermelhos de tanto chorar. Eu perguntei o que era, ela me fez entrar e então eu vi...

(Tapa os olhos comovida, abana lateralmente a cabeça.)

LILA: Um bicho papão?

JUJU: Uma alma do outro mundo?

JUCA: Um lobisomem?

FILOCA (*triste*): Nada disso. Eu vi Daniel.

MANDUCA: O aleijado?

FILOCA: Ele mesmo. Está cada dia pior.
Só sai da cama para a cadeira de rodas, pois as pernas são emperradas. Magrinho, pálido! Dá tanto dó!

JUJU: Coitado!

LILA: Que pena, eu não sabia.

RITINHA: Ele nunca sai?

FILOCA: Quase nunca. A mãe prefere pôr o menino na cadeira de rodas para tomar sol no quintal do fundo.

CASSINHO: Olhe, Filoca, isso que você está dizendo foi como água fria na fervura de nosso entusiasmo. Veja! Todo mundo entristeceu.

CENA 4

MANDUCA (*vai para o meio do palco, trepa numa cadeira, põe a mão na cabeça*): Atenção! Atenção! Tenho uma idéia luminosa.

FILOCA: Já sei que você vai tirar a minha idéia.

OS OUTROS: E a minha!
A minha idéia!
A minha também!

MANDUCA: Se todos pensarem a mesma coisa, melhor. Será mais fácil. Porém um só deverá falar, se não, fica uma confusão danada.

LILA: Então, vamos sortear?
(*Vai batendo, levemente, com a mão nas crianças.*)

Ti-ge-li-nha-d'á-gua-quen-te
Quem-te-pôs-na-pra-te-lei-ra?
Fo-ram-os-ol-hos-de-Ma-ri-a
Que-cho-rou-se-gun-da-fei-ra.

TODOS: É a Filoca!

CASSINHO: Deu certo. Ela mesma deveria falar.

FILOCA (*brincalhona, enxugando os*

olhos): Então desça da cadeira, Doutor Armando. Dona Sofia vai subir.

CASSINHO: Lá vem discurso. Acho que ela vai ser advogada.

(*Manduca desce da cadeira, Filoca sobe.*)

FILOCA: A minha idéia deve ser a de todos vocês. É esta: vamos fazer uma festa de Natal para Daniel.

TODOS (*batem palmas*): Muito bem! Viva! Era isso mesmo!

MANDUCA: Este ano, então, vai ser diferente.

LILA: E muito melhor.

CASSINHO: Nós somos felizes, temos nossas pernas sãs, podemos correr e pular. Ele é que merece a festa!

CENA 5

FILOCA: Agora, precisamos fazer como diz a mamãe, "dividir o trabalho". Vou chamar um por um. (*Senta-se atrás de uma mesinha, põe uns óculos enormes e chama com voz enfática.*) Lila!

MANDUCA: Filoca está imitando dona Gracinha, a professora dela.

FILOCA: Estou, nada! Sou eu mesma, ouviu, engraçadinho?

FILOCA (*novamente*): Lila!

CASSINHO: Por que ela primeiro?

FILOCA: Por causa da etiqueta. Dona Gracinha sempre diz: (*Imitando.*) "As meninas em 1º lugar."

MANDUCA (*à parte*): Não disse que ela gosta de imitar a professora?

FILOCA: Precisamos, então, nos "organizar", como diz o papai. Lila, o que você pode fazer para a festa de Natal do Daniel?

LILA: Durante o ano todo eu recortei receitas de salgados e doces, de jornais e revistas. Colei tudo num

caderno e fui experimentando. Estou perita. Dou os doces em bandejas enfeitadas com papel prateado.

JUJU: Pode me chamar para ajudante. Eu liquido a metade dos doces.

FILOCA: Nada de brincadeiras. O oferecimento da Lila é formidável. E você, Ritinha?

RITINHA: Eu dou a minha árvore. Ela é linda, é um pinheirinho que eu mesma plantei. As bolas são douradas, azuis, vermelhas. Papai comprou um sino e mamãe uma estrela.

JUCA (*espantado*): E você vai ficar sem ela?

RITINHA: Meus irmãos vão enfeitar a árvore do jardim. A minha eu costumava pôr no meu quarto, mas, passo bem sem ela.

FILOCA: Parece que estou vendo a carinha do Daniel, contemplando a árvore tão bela.

CASSINHO: Agora, é a vez dos homens. Nós queremos ajudar também. Faz tempo que venho formando um presépio. Num ano, com o dinheiro que juntei, comprei as imagens, no outro, os bichos. Fui fazendo aos poucos. É lindo! O Menino Jesus no seu cochinho, São José e Nossa Senhora perto dele, o burro, o boi, os pastores. Eu armo o presépio num tabuleiro e levo para o Daniel.

FILOCA: Deus lhe pague. Mas eu tenho pena de você ficar sem ele.

CASSINHO: Eu olho o da Igreja. É a mesma coisa.

JUJU: É, sim. A gente pode andar, ir até a Igreja. O Daniel não. Com

aquela paralisia...

MANDUCA: Sabe o que eu vou dar? Meu caminhãozinho de controle remoto que tio Paulo me deu de aniversário.

JUJU: Você tem coragem?

MANDUCA: Claro que sim. Pois a Ritinha não vai ficar sem a árvore e o Cassinho sem o presépio? Vovó diz sempre que é melhor dar que receber.

JUJU: Tem razão. E eu ensaio os cantos. Vocês sabem, gosto muito de música. Vou ser maestro.

FILOCA: Ótimo. E eu ensaio uns bailados bem bonitos, próprios para o Natal. Aprendo balé desde os cinco anos.

(*Dá uns passos de dança.*)

MANDUCA: Viva! Tudo isso divertirá Daniel. Vai ser uma festa completa. Vamos mobilizar a criançada da vizinhança para dançar e cantar.

LILA: Não digo que ele gosta de falar difícil? Já tenho de pegar o dicionário por causa do "mobilizar".

MANDUCA: No exame eu precisei dar esse sinônimo, sabe? Quer dizer: movimentar.

FILOCA: Vamos, então, fazer o pessoal funcionar.

(*Saem.*)

MOMENTO II

(*Cenário: Cômodo pobre, com janela ao fundo, uma mesinha, duas cadeiras e a cadeira de rodas onde Daniel está recostado, cochilando. As pernas do menino estão cobertas com uma manta remendada.*)

CENA 1

(Batem à porta toc, toc, toc e chamam.)

ANJO: Daniel, Daniell!

DANIEL: Quem será? Ninguém me procura, deve ser engano.

ANJO *(entrando)*: Sou eu, o Anjo.

DANIEL *(assustado)*: Anjo? Nem acredito. Pensei que só nas histórias os Anjos aparecessem aos meninos.

ANJO: No tempo do Natal, os Anjos andam pela terra.

DANIEL: Mas o Natal no céu deve ser muito lindo.

ANJO: É mesmo. Mas, na véspera eu gosto de estar na terra, de ver a vida dos meninos. É mais divertido.

DANIEL: Pois eu acho que deve ser bom ser anjo.

ANJO: Nem sempre. Às vezes a asa nos incomoda. Se dá um vento forte, a auréola cai e temos de correr atrás dela. Além disso, a roupa...

DANIEL: Tão bonita!

ANJO: Acho que deve ser melhor usar calças e camisa.

DANIEL: Mesmo remendadas?

ANJO: Claro!

DANIEL: Anjo não tem doença.

ANJO: Mas também não tem o gosto de sarar da doença.

DANIEL: Será que eu vou ter esse gosto?

ANJO: Vai, sim. Então eu virei para jogar futebol com você.

CENA 2

(Batem à porta.)

DANIEL: Quem será? Outro Anjo?

ANJO *(rindo)*: Não. Agora, são meninos de carne e osso. Vou-me

esconder para ver o que vai acontecer.

(Sai pela outra porta.)

DANIEL: Podem entrar.

(Entram Filoca e Manduca.)

FILOCA: Boa noite. Daniel, como vai?

Nós moramos aqui perto e desejamos fazer uma visitinha.

MANDUCA: Temos alguns presentes para você e queremos fazer uma festa aqui.

DANIEL: Que bom! Eu estava tão sozinho!

FILOCA: E sua mãe?

DANIEL: Vai ficar costurando até tarde em casa de uma freguesa. Precisa acabar um vestido para a dona ir à ceia de Natal.

MANDUCA: Nós estamos aqui para fazer companhia a você. Podemos começar a festinha?

DANIEL: Olhem, eu estou tão comovido que nem sei responder. Mas, acho que podem.

FILOCA: O Manduca vai anunciar. Ele tem jeito para isso.

(Daniel mostra expressão mais animada, ajeita-se na cadeira de rodas e fica na expectativa. Manduca assume ares importantes.)

MANDUCA: Agora, vamos apresentar a dança das pastoras do Natal! Ensaíada pela Filoca.

(Filoca tira as cadeiras do palco, afasta a mesinha. Ela e Manduca ficam ao lado de Daniel, para assistirem à dança.)

CENA 3

DANÇA

(Ballet com movimentos para o alto e atitudes de adoração. Música apropriada. Quando acaba, as

pastoras saem. Daniel, Filoca e Manduca aplaudem.)

MANDUCA: Muito bem, muito bem.

Vejo que você ganhou, Daniell!

DANIEL: Nunca vi coisa tão linda.

FILOCA: Temos mais um número.

MANDUCA: Vamos ouvir o coral,
ensaiando e regido pelo Maestro
Juju.

*(Entram as crianças. Juju trepa num
banquinho e imita o maestro.)*

CENA 4

(Canto: Noite Feliz.)

Noite de paz

Noite de luz

Brilha a estrela lá no céu.

Anjos cantam para anunciar
que nasceu o bom Deus Salvador.

Sinos vibram no ar

Em saudação ao Senhor.

*(Daniel mostra entusiasmo. Sua
fisionomia fica mais animada. Afasta a
manta que lhe cobre as pernas. Canta
junto. Acaba o canto. Saem as
crianças.)*

DANIEL: Muito bem! Que beleza!

CENA 5

FILOCA (com ares misteriosos): E ainda
falta alguma coisa.

(Olhando para Manduca.) Os
presentes para Daniel.

MANDUCA (põe a mão na cabeça):
Deixei aí na entrada. Vou buscar.

*(Sai correndo e volta carregado de
pacotes que coloca na mesinha.
Daniel está cada vez mais contente.
Joga no chão a manta.)*

DANIEL: Vocês estão me deixando sem
jeito. Nem sei como agradecer.

CASSINHO: A sua alegria é o maior
agradecimento para nós.

MANDUCA: Os doces agora. Festa sem

doce não tem graça.

*(Lila entra com uma bandeja com
enfeites de Natal e doces. Coloca na
mesinha.)*

DANIEL: Só Deus poderá pagar tudo
isso. Escutem: só agora entendo
uma coisa. Existem anjos que
parecem gente e gente que
parece anjo.

MANDUCA: Não compreendo bem
isso...

CENA 6

(Entra um pretinho esbaforido.)

DITO: Filoca, sua mãe mandou os
enfeites que você esqueceu.

FILOCA: Obrigada por ter trazido, Dito.

DITO: Deixe que eu vou pendurando
pela parede.

(Vai pendurando arcos e festões.)

MANDUCA (olha para a parede com
ares de entendido): Está bem.
Agora, para acabar de formar o
"ambiente de Natal", como diz a
mamãe, que venha a árvore!

*(Ritinha entra com a árvore, que é
colocada num pedestal perto de
Daniel. Este mostra-se deslumbrado.)*

DANIEL: Ainda isso? Parece milagre!

LILA: Dizem que na véspera de Natal
os Anjos vêm a terra...

*(O anjo espia pela janelinha, abaixa a
mão e se esconde.)*

MANDUCA: Mas, falta o principal na
Noite Santa, falta aquilo que nos
lembra o nascimento de Jesus na
gruta de Belém.

DANIEL: O presépio?

MANDUCA: Acertou. *(Olhando para
dentro.)* O presépio!

*(Cassinho entra com um presépio
armado no tabuleiro. Daniel apóia os
braços na cadeira.)*

DANIEL: Eu não acredito que vou ter

um presépio no meu quarto, na
véspera de Natal. Sempre sonhei
com isso.

*(Cassinho treme de emoção e derruba
o Menino Jesus.)*

TODOS: Oh!

(Permanecem imóveis, interditados.

Daniel faz um enorme esforço.

Levanta-se, dá uns passos difíceis,

*arrastados, ajoelha-se, pega o Menino
Jesus. Cassinho abaixa o tabuleiro e
Daniel coloca a imagem na
manjedoura e beija-a .)*

ANJO *(espia pela janelinha e diz):* Feliz
Natal!

(Pano.)

MÚSICA

FIM

A MAGIA DOS BRINQUEDOS

Rita Marta Mozetti

PERSONAGENS

Ritinha

Fafá

Mãe de Ritinha

Boneca de pano

Soldadinho de chumbo

Bailarina

Pintinho

Ursinho de pelúcia

Papai Noel

Cada personagem-brinquedo terá um brinquedo que o represente.

CENÁRIO

O cenário será dividido em duas partes.

A primeira parte será o bonito e luxuoso quarto cor-de-rosa de Ritinha.

A segunda parte do palco será uma pracinha, com um bonito e florido jardim.

QUARTO DE RITINHA: *Como uma autêntica, criança de 9 anos de idade, filha única e de família rica, Ritinha tem um quarto fantástico, tudo cor-de-rosa, estante repleta de bichinhos de pelúcia, bonecas, computador, televisão, aparelho de som, uma cama com acolchoado rosa, almofadas e vários e enormes ursos de pelúcia enchem a cama da garota. Como é Natal, no quarto tem uma bonita, enfeitada e iluminada árvore de natal.*

PRACINHA: *Uma praça, muito bonita, com muito verde, árvores, um jardim muito florido. No cantinho, em meio ao jardim, há um banquinho feito com o tronco de uma árvore. Todos os dias nessa pracinha, está a garotinha Fafá uma menina muito pobre, seu único brinquedo é uma boneca velha, suja e quebrada. É nesta pracinha também que Ritinha vai todos os dias se encontrar com Fafá para exibir seus caros e modernos brinquedos. Mas Ritinha, toda orgulhosa, nunca deixa Fafá brincar nem pegar seus brinquedos. E sempre faz questão de deixar claro que ela é rica e Fafá é pobre. Ritinha é uma garotinha prepotente, mimada e não se importa em fazer "amigos". Fafá é pobre, seu sonho é ter uma bela boneca nova, morre de vontade de brincar com a boneca de Ritinha.*

ATO I

(Antes mesmo da cortina se abrir, a música já começa a tocar.)

MÚSICA: UNI-DUNI-TÊ.

(A cortina se abre.

Ritinha está sentada na cama, comendo uma maçã e ao mesmo tempo mexendo em seus brinquedos que estão espalhados pelo chão e em cima da cama. Destaque para a boneca de pano, o soldadinho, o ursinho, o pintinho e a bailarina... A mãe de Ritinha enfeita a árvore de natal.)

RITINHA: Olha só mãe, que brinquedos mais sem graça. Queria tudo novo!

MÃE *(risos):* Mas filha, seus brinquedos são todos novos.

RITINHA: Novos nada! Pra mim tá tudo muito velho. Ainda bem que o natal tá chegando, vou pedir um monte de bonecas.

MÃE: Eu nunca vejo você brincando, só vejo você segurando e sacudindo esses coitados.

RITINHA: É que você não entende, os adultos nunca entendem as crianças. Eu não gosto de brincar, mas eu quero tê-los. Todo brinquedo que aparece na tv eu quero.

MÃE: Você sabia que há crianças que não têm nenhum brinquedo? E que existem crianças que não ganham nada no natal?

RITINHA: Não tô nem aí para essas crianças. O que interessa é que eu sou rica, e posso ter tudo que quero. O que importa sou eu!

MÃE: Ritinha, já que você está cansada desses brinquedos,

você poderia dá-los a uma criança carente.

RITINHA: De jeito nenhum... O que é meu é meu, não dou para ninguém. Prefiro jogar no lixo do que dar para alguém os meus brinquedos.

MÃE: Filha, não fala assim. Devemos ajudar as pessoas que precisam. Esses brinquedos fariam uma criança muito feliz.

RITINHA *(objetiva e orgulhosa):* De jeito nenhum! Sabe mãe, lá na pracinha tem uma menina pobre que adora meus brinquedos, mas eu não deixo ela nem chegar perto deles.

(Risos.)

MÃE: Filha, dá a sua boneca para essa menina da pracinha.

RITINHA: Não, não e não! *(Ritinha põe a boneca, o ursinho, o soldadinho, a bailarina em uma cesta.)* Vou levá-los para a pracinha a Fafá, quando vê-los vai morrer de inveja. Tchau mamãe!

ATO II

(Fafá entra no palco, na pracinha abraçada a sua boneca velha. Fafá senta no banquinho. Ritinha chega à pracinha exibindo sua cesta cheia de brinquedos. Fafá quando a vê sorri e vai ao encontro da menina rica, de olho na cesta de brinquedos.)

RITINHA: Oi Fafá!!! *(exibe.)* Olha, eu trouxe os meus brinquedos.

FAFÁ *(feliz e deslumbrada):* Nossa Ritinha, eles são lindos! Deixa eu brincar?

RITINHA (*tira os brinquedos da cesta*):

Olha, eu trouxe a boneca, a bailarina, o soldadinho, o ursinho, o pintinho...

FAFÁ (*triste*): Eu só tenho essa boneca velha.

RITINHA (*horrorizada*): Credo! Sua boneca é muito feia, velha, suja e está quebrada.

FAFÁ: É... Mas, não tenho outra.

RITINHA: O natal está chegando, pede uma boneca nova. Eu vou pedir um monte de coisa, já fiz até um listinha de pedidos.

FAFÁ: Nossa! Você fez uma lista de pedidos?

RITINHA: Fiz.

FAFÁ: E você ganha tudo que pede?

RITINHA: Ganho tudo... Tudinho! É que eu sou rica, mas muito rica.

FAFÁ: E eu sou pobre, mas muito pobre! O Papai Noel nunca veio me visitar... Acho que ele não sabe o meu endereço.

RITINHA (*deboches*): Papai Noel? Mas, Papai Noel não existe.

FAFÁ (*brava*): Existe sim! Já vi ele na televisão, na loja ali na esquina... Ele existe sim!!!

RITINHA: Não acredito, e nunca acreditei nessa bobagem de Papai Noel. Fafá, você quer brincar com minha boneca?

FAFÁ (*dando pulos de alegria*): Eu quero! Quero muito!!!

(Fafá estende as mãos para pegar a boneca, mas Ritinha com um sorriso cínico, coloca a boneca na cesta.)

RITINHA: Que pena... Já está tarde e eu preciso ir embora. Além do mais, olha para suas mãos... Elas estão muito sujas, você sujará minha boneca.

FAFÁ (*olhando suas mãos com*

tristeza): É... Mas Ritinha, amanhã eu vou lavar bem as minhas mãos aí você deixa eu brincar?

RITINHA (*ênfase*): É amanhã. Talvez...

Talvez eu deixe. Tchau Fafá.

(Ritinha sai da pracinha, de volta para casa. Fafá abraça sua boneca velha e deita debaixo de uma árvore.)

ATO III

(Ritinha chega em seu quarto, e joga sem dó seus brinquedos com toda a força no chão. Ritinha joga os brinquedos atrás de sua cama, atrás da estante. Os brinquedos precisam ser escondidos, pois é atrás da estante e da cama que estará o personagem do brinquedo; que criara vida.)

RITINHA (*deita na cama e reclama*):

Não sei como aquela menina gosta tanto desses brinquedos velhos, não vejo a hora do natal chegar, para eu jogá-los no lixo.

(Ritinha se cobre e dorme.

Cada brinquedo por sua vez vai criando vida e sai do lugar onde Ritinha os jogou.

Os brinquedos: A bailarina, a boneca, o soldadinho, o pintinho e o ursinho criam vida. Vão se movendo aos poucos, pois estão com os corpos duros. Criam vida ao som da Música: "Chariots of Fire, Vangelis".)

BONECA: Ai... Estou com o corpo todo dolorido. Como meu rosto dói... *(Revoltada.)* Vocês viram como essa menina-monstro me trata? Primeiro um tapa, muitos apertões no corpo e depois me

joga com toda a força atrás
dessa estante.

SOLDADINHO (*fazendo continência
todas as vezes que vai falar, e
diz*): Sentido!

(*Todos os outros brinquedos respondem
com continências*)

BRINQUEDOS: Sentido!

SOLDADINHO (*o Soldadinho quase
cai, é amparado pela bailarina,
enquanto a boneca dá corda
novamente nele*): Estou até
tonto, ela me balança demais,
estou até com a corda fraca.

BAILARINA (*voz estridente e fina
demais*): Essa menina é uma
destruidora! (Nervosa.) Ela disse
que sou feia, magrela e... (A
boneca a interrompe, a
provocando.)

BONECA: Mas nisso ela não mentiu,
você é mesmo feiosa e magrela.

BAILARINA (*tenta bater na boneca*):
Feia é você, sua boneca
fedorenta!!!

URSINHO (*voz muito meiga*): Epa...
Epa! Calminha, calminha!
Brinquedos não brigam.
Vocês estão me deixando
nervosinho. (*Chorando.*) Olha só
para o meu corpinho, estou
todo machucadinho! Essa
Ritinha me aperta tanto, meu
corpinho está doendo... Snif!
Snif!

PINTINHO (*sempre pia antes da fala*):
Piu, piu, piu... Estou até rouco, a
Ritinha quase me estrangulou.
(*Tosse.*) Piu, piu, piu...

BONECA (*autoritária*): Essa Ritinha é
uma malvada. (*Fala com a
platéia.*) Vocês viram como ela
trata a coitada da Fafá? A Fafá
como nós sofre muito nas mãos

dessa menina-monstra.

BAILARINA (*andando de um lado
para outro*): Precisamos de
ajuda, precisamos ajudar a
Fafá, mas como?

SOLDADINHO: Sentido! Tenho uma
idéia.

TODOS: Qual???

SOLDADINHO: Sentido! Vamos fazer
greve?

TODOS: Greve???

PINTINHO: Greve? Piu, piu, piu...
Somos apenas indefesos
brinquedos. Piu, piu, piu.

URSINHO: Eu tenho tanta peninha da
Fafá, coitadinha! Não tem
nenhum brinquedinho. Snif! Snif!

BAILARINA (*mal humorada*): Também
ninguém manda ela ser pobre.

BONECA: Como você é mal
humorada, bailarina! Ninguém
escolhe nascer rica ou pobre,
além do mais isso não tem nada
a ver com bondade, a Ritinha é
uma menina muito malvada.

SOLDADINHO: Sentido! Calma
garotas! Não comecem a
brigar; precisamos nos unir para
ajudar a Fafá a ter um natal
feliz.

PINTINHO: Piu, piu, piu. O Natal está
chegando, essa destruidora
ganhará muitos presentes e nos
jogará no lixo. Piu, piu, piu.

URSINHO: Coitadinhos de nós.
(*Chora.*) Eu não quero ir parar
no lixinho não! Snif! Snif!

BONECA: O que vamos fazer afinal?
Além dessa malvada nos tratar
mal, ainda maltrata a pobre da
Fafá.

SOLDADINHO: Sentido! Tive outra
idéia.

TODOS: Qual???

SOLDADINHO: Pediremos ajuda ao bom velhinho.

BAILARINA (*curiosa*): E quem é esse tal de bom velhinho?

SOLDADINHO: Todos sabem que o bom velhinho é...

(*É interrompido pelo entusiasmo do ursinho.*)

URSINHO (*feliz*): Papai Noel!!!

TODOS (*surpresos*): Papai Noel!
(*Felizes.*)

(*Ritinha começa a se mexer na cama, o dia está amanhecendo. Os brinquedos se assustam ao perceber que a menina está acordando. Os brinquedos voltam aos lugares onde foram jogados. Ritinha acorda e sua mãe entra com uma bandeja com suco, maçã e uvas.*)

MÃE: Bom dia minha filha!

RITINHA (*sentada na cama para receber o café da manhã*):
Mãe, quantos dias faltam para o natal?

MÃE: Apenas... dois dias
(*Destacando a folhinha do calendário que está na parede e marcará: 23 de dezembro.*)

RITINHA (*fala mastigando a uva e bebendo o suco com a boca cheia*): Oba! Natal, dia de ganhar presentes, muitos presentes. (*Devolve a bandeja para a mãe, levanta da cama e pega no criado mudo uma enorme lista de presentes e a entrega para a mãe.*)

Mãezinha, eu fiz uma pequena listinha... Nessa pequena listinha está escrito tudo aquilo que eu quero ganhar no natal.

MÃE: Listinha? (*A mãe abre a enorme lista, que parece não ter fim. Muito assustada.*) Mas

minha filha, esta lista é enorme! Além do mais você já tem muitos brinquedos, olha só para seu quarto, não cabe mais nada.

RITINHA (*mimada, cheia de vontades*): Mamãe, já disse que estou cheia desses brinquedos, eu quero tudo novinho.

MÃE: Pelo menos você já decidiu dá-los a uma criança carente?

RITINHA (*calçando o sapato*): De jeito nenhum! Continuo com aquela idéia, prefiro jogar tudo no lixo do que dá-los para uma criança pobre. (*Pega os brinquedos do chão e os coloca na cesta.*) Mãe, eu vou pra pracinha, não demoro. Vou lá para encontrar a Fafá e passar vontade nela, sabe mãe ela adora meus brinquedos. (*Risos.*) Mas eu não deixo ela chegar nem perto deles. (*Esnobe.*) Aquela coitada só tem uma boneca velha. (*Beija a mãe.*) Tchau!!!

(*Mãe e filha saem do palco.*)

ATO IV

(*Na pracinha, Fafá levanta do banco onde estava dormindo, abraçada a sua boneca velha, começa a pular amarelinha.*)

MÚSICA: "Lua de cristal."
Ritinha chega na pracinha com toda sua pose e sua cesta de brinquedos. Ao ver Ritinha chegar, Fafá larga a amarelinha e vai ao encontro dela com os olhos fixos e brilhantes na cesta de brinquedos.

RITINHA (*toda posuda*): Oi Fafá!!!

(Exibindo sua cesta de brinquedos.)

FAFÁ *(alegre)*: Ritinha, você veio e trouxe seus brinquedos!!! *(Ergue os braços para pegar a boneca da cesta, Ritinha esconde a cesta atrás das costas, desviando de Fafá.)* É hoje que você vai deixar eu brincar com sua boneca?

RITINHA: Eu? Eu emprestar minha bonequinha para você?

FAFÁ *(mostra as mãos)*: Olha, eu lavei minhas mãos. *(Triste.)* Você disse que ia deixar.

RITINHA: Eu disse? Se disse eu não me lembro. Eu não gosto de emprestar meus brinquedos para ninguém.

FAFÁ *(implora tristemente)*: Por favor Ritinha, deixa eu brincar um pouquinho.

RITINHA *(objetiva)*: Hoje não! Outro dia... Talvez depois do natal eu deixe *(Orgulha-se.)* Eu vou ganhar um monte de bonecas novas.

FAFÁ: Eu não vou ganhar nada de natal.

RITINHA *(esnobe)*: Que pena! Eu vou ganhar um monte.

FAFÁ: Você é uma garotinha de sorte.

RITINHA: Sou mesmo! Agora preciso ir embora... Tchauzinho!!!

(Ritinha vai embora, Fafá fica olhando-a tristemente. Fafá abraça sua boneca velha e senta embaixo da árvore.)

ATO V

(Ritinha chega em seu quarto e, como de costume, joga os

brinquedos que estão na cesta no chão, com muita violência. Ritinha tira os sapatos e deita na cama para dormir. A garota adormece. E os brinquedos novamente criam vida ao som da música "Chariots of Fire.")

SOLDADINHO: Sentido!

URSINHO: Snif! Snif!

PINTINHO: Piu, piu, piu...

BONECA *(com dor no corpo)*: Nossa, que tombo eu levei. *(Agitada, vai até a cama de Ritinha e tenta agredir a menina, mas a bailarina segura seu braço a impedindo.)* Como eu gostaria de dar umas palmadas nessa menina-monstra.

BAILARINA: Calma, Boneca! *(Tenta rodopiar, mas se sente fraca e cai no chão.)* Isto fraca, acho que minha pilha está no fim. *(Chora.)*

(Os brinquedos socorrem a pobre bailarina, todos estão muito assustados. O Soldadinho corre até o guarda-roupas, pega uma pilha, tira a pilha velha da Bailarina e a troca imediatamente. Aos poucos, a Bailarina vai voltando ao normal e fica novamente de pé.)

URSINHO: Não chora Bailarina, você agora está com pilhas novas. Calminha, não chora senão eu choro junto... Snif! Snif!

BONECA: Precisamos manter a calma. *(Decidida.)* E então? Vamos chamar o Papai Noel?

TODOS *(animadamente)*: Vamos!!!

SOLDADINHO: Sentido! Vamos dar as mãos e nos concentrarmos.

(Todos os brinquedos de mãos dadas, olhos fechados, fazem pensamento firme à espera de Papai Noel.)

Noel. As luzes do teatro se apagam, apenas luzes coloridas circulam no palco e na platéia. Ao som da música:

Botei meu sapatinho na janela
do quintal,
Papai-Noel deixou meu presente de
Natal,
Como é que Papai Noel não se
esquece de ninguém
Seja rico ou seja pobre, o velhinho
sempre vem.

*Papai Noel aparece da platéia
balançando seu sino. A música pára.
No palco, os brinquedos se abraçam
e pulam de alegria.)*

PAPAI NOEL: Hô! Hô! Hô!

URSINHO: Papaizinho Noel!!!

PINTINHO (*dando pulos de alegria*):
Piu, piu, piu...

SOLDADINHO: Sentido!
(*Papai Noel sobe ao palco.*)

BONECA (*emocionada*): Que bom
vê-lo Papai Noel!

PAPAI-NOEL: Que aconteceu
brinquedos? Por que me
chamaram?

BAILARINA: Sabemos que o Natal
está chegando e que o senhor
está muito ocupado, mas
precisamos de sua ajuda.

PAPAI NOEL: Afinal, por que me
chamaram brinquedos?

BONECA: Está vendo esta menina?
(*Aponta para Ritinha, que
dorme.*) Ela é nossa dona, mas
ela não gosta da gente, nos
trata muito mal, nos taca sem
dó no chão, estamos com o
corpo todo dolorido. (*Nervosa.*)
Queremos nos livrar dela.

PINTINHO: Piu, piu, piu. Quero ir
embora dessa casa, não sou
feliz aqui.

URSINHO: Sou muito infeliz. Snif! Snif!
Preciso ser amado.

SOLDADINHO: Sentido! (*Até Papai
Noel faz continências.*) Tem
também o problema da pobre
Fafá.

PAPAI NOEL: E quem é Fafá?

SOLDADINHO: Sentido! Fafá é a
garotinha pobre lá da pracinha,
ela não tem nenhum brinquedo,
só uma boneca velha e
quebrada.

URSINHO: Sabe Papai Noel, a Fafá
gosta muito de nós, mas essa
malvadinha da Ritinha não a
deixa nem chegar perto da
gente.

BAILARINA (*irritadíssima*): Essa Ritinha
é uma destruidora! Ela fez uma
enorme lista de presentes para
ganhar no Natal, e a coitada
da Fafá não ganhará nada.

SOLDADINHO: Sentido! Chamamos o
senhor aqui para que nos ajude;
queremos nos livrar dessa
menina (*Aponta para Ritinha.*) e
ajudar a Fafá a ter um Natal
feliz.

URSINHO: O que vamos fazer
Papaizinho Noel?

PAPAI NOEL (*pensa, pensa, anda de
um lado para outro, e os
brinquedos em fila andam atrás
dele. Eufórico com a idéia.*): Já
sei!!! Venham aqui e escutem
bem...

*(Os brinquedos em círculo abraçam
Papai Noel, e planejam. A platéia
não fica sabendo qual é o plano,
pois é surpresa e ficam ouvindo a
música que dará um ar de
suspense.*

*Música: Pequena serenata em sol
maior de Mozart.*

Em círculo, eles rodopiam de um lado para o outro, mexendo o corpo ao ritmo da música. A música pára. Os brinquedos felizes comemoram a brilhante idéia.)

BONECA (eufórica): É isso mesmo, nós vamos...

BAILARINA (faz sinal de silêncio com o dedo, pois Ritinha começa a se mexer na cama, está acordando): Psiu... Olhem ela está acordando.

SOLDADINHO: Sentido! Todos aos seus lugares!

(Os brinquedos se escondem, atrás da cama e da estante. Papai Noel também se esconde.

Ritinha se espreguiça e acorda bocejando. Sua mãe entra no quarto com um monte de pacotes de presentes nos braços. Ao ver os presentes, Ritinha pula da cama, feliz ao ver tudo aquilo.)

MÃE: Feliz Natal!!!

RITINHA (empolgada): Oba!!! É hoje o Natal, mãe?

(A mãe de Ritinha vai até a folhinha de calendário na parede e destaca a folhinha que marca: 24 de dezembro.)

MÃE: Feliz Natal!!!

RITINHA (empolgada): Obá!!! É hoje o Natal, mãe?

MÃE: Enfim chegou o Natal, e aqui estão os presentes que você pediu.

(A mãe de Ritinha coloca os pacotes embaixo da árvore de natal. Ritinha está louca para abri-los.)

RITINHA: Pode abrir agora, mamãe?

MÃE: De jeito nenhum! Você abrirá só à noite durante a nossa festa.

RITINHA (orgulha-se): Só quero ver a cara da Fafá quando ela vir

meus brinquedos novos. Não vou deixar ela nem encostar aquelas mãos sujas neles.

MÃE: Preciso organizar a nossa festa, vou deixar os presentes aqui. (Ordena.) E você não os abra.

RITINHA (mentindo): Lógico, eu sou uma garotinha obediente, só vou abri-los à noite.

(A mãe de Ritinha sai do quarto e a garota corre até a árvore de Natal, pega um pacote, senta na cama e começa a abri-lo entusiasmada e muito curiosa.)

RITINHA: Só quero ver a cara da Fafá, quando ela vir meus novos brinquedos. (Abre o pacote, e fica deslumbrada ao ver a boneca nova.) É linda!!! É a boneca importada que eu queria, ela fala, anda, chora, se alimenta e faz xixi... (Com maldade.) A Fafá vai se morder de inveja. E esses brinquedos velhos vão todos para o lixo... Lixo-o... Lixo.

(Ritinha está admirando a boneca sentada de costas na cama. Atrás dela, os brinquedos loucos de raiva saem do esconderijo em direção à menina. A boneca que está prestes a ir para o lixo, bate com o dedo nas costas de Ritinha.)

BONECA (muito nervosa): Queremos falar com você.

RITINHA (distráida): Agora não posso, estou admirando minha boneca nova.

BONECA (insiste nervosamente): Queremos falar agora!

(Ritinha se vira e, ainda distraída, olha para a boneca como se tudo fosse normal.)

RITINHA: Espera um pouco boneca.

(Assustada ao extremo.)

Boneca???

(Fica paralisada com a boca aberta, não consegue falar nada, pois o susto é muito grande.)

BAILARINA *(grita)*: Fala alguma coisa sua menina-monstra.

(Ritinha parece não acreditar no que vê. Agarra-se às almofadas da cama e olha assustada.)

URSINHO: Tenho vontade de bater em você, sempre apertou minha barriguinha com força, você judiou muito de mim. *(Chora sentindo.)* Snif! Snif!

RITINHA *(pensa estar sonhando e grita)*: Mãe, eu estou sonhando, estou tendo um pesadelo, eu quero acordar... Mãe!!!

BAILARINA *(nervosa)*: Isso não é sonho não!!!

BONECA: Queremos que conheça uma pessoa que te ensinará algumas coisa importantes.

SOLDADINHO: Sentido! *(Anuncia.)* Que entre o bom velhinho...

(Papai Noel entra. Ritinha fica surpresa ao vê-lo, pois nunca acreditou em sua existência.)

RITINHA *(gaguejando)*: Pa... Pa... Papai... No... Noel???

PAPAI NOEL *(autoritário)*: Você me parece uma menina tão inteligente e esperta, mas não entende muita coisa, você pode ter dinheiro, um quarto muito bonito, mas tem a cabeça vazia. Não sabe o que é o bem.

BAILARINA *(satisfeita)*: Isso mesmo Papai Noel dá nela!!!

PAPAI NOEL: Ritinha, o que é o Natal para você?

RITINHA *(ainda assustada)*: Natal para mim é ganhar muito

presente, é muita festa, roupa bonita e muita comida gostosa na mesa.

PAPAI NOEL *(horrorizado com aquela resposta)*: Que absurdo! *(Faz outra pergunta.)* Por que comemoramos o Natal?

RITINHA: Comemoramos o natal para que as pessoas ganhem presentes e comam muito peru.

PAPAI NOEL: Hô! Hô! Hô! Natal, não é nada disso. Natal é a data que comemoramos o nascimento de Jesus Cristo. Natal é tempo de paz, amor, união, caridade e muita amizade.

RITINHA *(tristonha)*: Amizade? Eu não tenho amigos, ninguém gosta de mim, nem meus brinquedos gostam de mim.

PAPAI NOEL: Você não tem amigos porque não quer, veja a Fafá, você sempre a tratou mal, como quer que ela goste de você? A mesma coisa com seus brinquedos, nunca os tratou bem, sempre jogando-os com força ao chão, como quer que eles gostem de você?

(Ritinha cabisbaixa fica pensativa.)

PAPAI NOEL: Que tal fazermos a Fafá muito feliz?

RITINHA: E como devo fazer para deixar a Fafá feliz?

PAPAI NOEL: Dê seus brinquedos velhos para ela.

RITINHA *(em dúvida)*: Meus brinquedos?

PAPAI NOEL: Você a fará muito feliz; e muito amor entre as pessoas é o que quer o Menino Jesus.

(Ritinha abaixa a cabeça e pensa... Pensa... Enquanto isso Papai Noel faz sinal de "tchau" para a platéia e sai

do palco. Os brinquedos continuam à espera da decisão da garota rica.)

RITINHA *(decide, ergue a cabeça e pergunta aos brinquedos):*

Vocês querem ficar com a Fafá?

TODOS *(pulando de alegria):*

Queremos!!!

(Ritinha procura Papai Noel para comunicar sua decisão.)

RITINHA: Está bem... Papai Noel eu...

(Procurando.) Papai Noel...

(Enquanto procura pelo bom velhinho, os brinquedos voltam para seus lugares e voltam a ser simplesmente brinquedos. Ritinha pega a cesta e coloca os brinquedos dentro dela, agora os pega com muito carinho e cuidado. Ritinha pega a cesta com os brinquedos e sai em direção à pracinha.)

ATO VI

(Fafá levanta-se do chão, e se senta no banquinho de madeira, sempre abraçada a sua boneca velha. Ritinha chega muito empolgada e feliz. Fafá a recebe com indiferença.)

RITINHA: Oi Fafá!!!

FAFÁ *(desmotivada):* Oi, Ritinha.

RITINHA: Adivinha o que eu trouxe?

FAFÁ *(desinteressada):* Você trouxe um monte de brinquedos, que não deixa eu nem encostar as mãos.

RITINHA *(estende a cesta para que Fafá a pegue):* Pega!!!

FAFÁ *(levanta-se do banquinho):* Pegar? Mas eu nem lavei as mãos.

RITINHA *(feliz, sorri):* Pega Fafá!
(Fafá estende a mão meio desconfiada e pega a cesta de

brinquedos, sem entender aquele súbito ato de bondade de Ritinha. Fafá olha maravilhada para os brinquedos.)

FAFÁ *(maravilhada):* Seus brinquedos são lindos!!!

RITINHA: Agora não são mais meus...
Agora são seus!

FAFÁ: O quê? O que você disse? Eu não entendi.

RITINHA: São presentes de Natal para você. O Papai Noel pediu para eu te entregar.

FAFÁ *(empolgada):* O Papai Noel? Que bom, ele se lembrou de mim!!!

RITINHA *(recomenda):* Trata-os com carinho, pois eles são bravos demais.

FAFÁ *(sem entender):* Bravos???
Como assim???

RITINHA: Esquece! Eles devem estar felizes, eles gostam muito você.

(Abraça Fafá.) Feliz Natal Fafá!!!

FAFÁ: Feliz Natal Ritinha!

(As amigas se abraçam. Quando se abraçam, dão início a uma grande e sincera amizade.)

Música: "Então é Natal," de John Lennon. A música inicia-se com o abraço. Após o abraço, Ritinha pega na mão de Fafá e a leva para conhecer seu quarto.)

ATO VII

Fafá e Ritinha chegam no luxuoso quarto. Fafá olha tudo deslumbrada, cada brinquedo que vê quer segurar, ficando assim com as mãos cheias de ursinhos de pelúcia. Ritinha fica olhando a amiga muito feliz. Fafá senta na cama de Ritinha,

*achando o colchão macio.
Após todo o conhecimento do
quarto-tudo isso sem fala, somente*

*com atos ao som da música de John
Lennon -, Ritinha e Fafá erguem uma
faixa onde se lê:
FELIZ NATAL*

FIM

Adolescente

A história de Tião Bolero
Hugo Possolo

A HISTÓRIA DE TIÃO BOLERO

Hugo Possolo

Baseado no mito grego Belerofonte – terceiro lugar no Prêmio Juventude 1988 da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo

CENA I

Ambiente: caatinga

(Blecaute. Sons fúnebres. Abre-se um foco único onde está Tião.)

VOZ OFF (ao longe): Corri aqui, Zé Preto! Vem vê! Teu mininu Bolero morreu.

(Sons crescem. A luz clareia a cena onde se compõe um velório.)

TIÃO: U galo cantô mai qui duas veiz. Num é hora di si fazê issu logo?

ZÉ PRETO: I praque o fio tá di tanta pressa? U mortu já morreu. Nós é qui temu di isperá, Tião, pru mode das rezadera linvrá a alma di teu irmão.

(Novamente fecha-se o foco somente em Tião. O som vai de fúnebre a tenso.)

TIÃO: Inda que toda a gentarada soubesse. Ninguém lá sabê das tristeza que me correm a caatinga do meu peito. Foi um suor frio. Um tiro seco, mai tão sequim e miúdo quieu nem chorei.

(Clareia a cena agora composta em cortejo)

MULHER I: Sem-querê. Pois sei.

MULHER II: Ara, i u irmão nem viu tudo.

MULHER I: Aí é que tá.

ZÉ PRETO: Muintchas língua nas boca sufoca. Já vi gentinha morrê sem o danado do ar, cum os zóios regalado, pru di tantu falá.

MULHER I: Se a desculpi, Seo Zé Preto. *(Escurece a cena e abre plano de luz somente em Tião. Som tenso e lancinante. Flash-back da morte.)*

TIÃO: Ói lá, Bolero, qui Siriemão.

BOLERO: I si num vi, Tião!

TIÃO: Achegue, qui essi bichão é meu.

BOLERO: Tá iscunvirado? Cê güenta a caça dispois.

TIÃO: Sô mais fracu, mai sô mai véio. *(Aponta a arma.)*

BOLERO *(correndo):* O bicho vai vuá!

TIÃO *(Atirando):* Não!

(Bolero cai no chão. Mudança de luz. Fim do flash-back. Em plano isolado estão Tião e Zé Preto. Cessam-se os sons.)

TIÃO: Um tiro seco, mai tão sequim e miúdo quieu nem chorei.

ZÉ PRETO: Só num mi cabi as mentira, Tião.

TIÃO: Pois tivi medo.

ZÉ PRETO: Nunca mais dévi de tê. Num posso lhe amardiçoá qui afiná ti criei ãssim do mesmo jeitim qui fiz pro Bolero.

TIÃO: Num mi óia ãssim não, paim.

ZÉ PRETO: Paim? leu é sô Zé Preto, um qui ti criô, se alembra? Teu paim memo tá pur seti parmo... Agora ocê é dono di seo distino...

TIÃO: Comãssim?

ZÉ PRETO: Esta penera tem umas conta amarrada nela. São maldição. Maldição qui num sei lê.

TIÃO: Ara, i si ocê num podi, quem

avera?

ZÉ PRETO: Taí u qui mi dexa u peitcho num aperto. Si lembra de Nhô Bartiro? Foi meu sogro, alembra?

TIÃO: Pois si lembro.

ZÉ PRETO: Vai a eli e mostri. Faça de tudo u qui Nhô Bartiro lhi dissé prumodi saí dessas maldição i pensa im sê feliz. Ao chegá, si apresenti comu Tião Bolero, qui eli logo vai lhi intendê as intenção.

TIÃO: U nomi du meu irmão di juntú du meu.

ZÉ PRETO: ãssim memo. Tião Bolero.
(Tião se afasta saindo)

ZÉ PRETO: Nunca mais.

TIÃO: Pois u quê?

ZÉ PRETO: U medo. Nunca mai.
(Volta o plano de luz geral. Compõe-se o enterro. Zé Preto joga a terra sobre a cova. Volta o som fúnebre.)

HOMEM I: Valha a sorti di nium coroné inda sabê, né não, Tião?

TIÃO: Pois u quê di sorti? Bolero disparô contra si sem tê querê.

MULHER II: Dá di havê cisma.

ZÉ PRETO: Pruquê num si reza mai?
(Todos rezam.)

TIÃO: Tem rapa nesti cantim de coisa qui ninguém qué dizê direitcho. Si tivé di ouvi tem di sê na quesca. Tem aí troço qui eu num sei? Alguém fala! Tem?

(Zé Preto sem parar de jogar a terra)

ZÉ PRETO: Dispois nós fala. Cê mi conta di novo di como Bolero si foi. Mai ixpricado. Intãoce num vai tê di pruquê assuntá bestera. A gentinha si assusta cum u Coroné Zeferino qui di quando im veiz se achega naquelis, aquelis qui, pra veiz o otra, matô arguém e chama pra jagunçada deli. Ai du qui num aceita. Mai num é u

causo de ninguém aqui, né, Tião?

TIÃO: Pois né não...

(Luz cai em resistência. De dentro da cova a luz sai mais forte. Cresce a música fúnebre, som de ventania. Da cova para fora esvoaça-se poeira. Tempo. Grito de Tião. Blecaute.)

CENA II

Ambiente: Terras do Coronel Nhô Bartiro

(Som de multidão. A cena vazia, em plano que represente um alpendre. Entra Coronel Nhô Bartiro e Gago.)

BARTIRO: Anda, mulequi, vai chamar nhá Lícia e sinhá Filó pra ver.

GAGO (sempre gaguejando): Já visei!

BARTIRO: Avisa de novo. Votê, vá!
(Gago sai.)

BARTIRO: Corre Licinha! Corre Filó! Vem vê que beleza! Êta cavalhada porreta! Vem ajuntando romeiro que só a gota!

(Entram nhá Lícia, sinhá Filó e Gago.)

LÍCIA: Olha, filha! Tão bonito.

FILÓ: Bonito de quê? Um tanto de gente com os olhos sofridos.

BARTIRO: Pára de meninice, Filó! Quero ver a festança.

FILÓ: Você pagou por ela, pai.

(Alguns romeiros vão se instalando à cena.)

GAGO: Coroné? Vai tê luta?

BARTIRO: O diacho di mulequi demorado di falá. Claro que vai ter luta. Já viu cavalcadas sem jogar cristão contra herege? Ara, mulequi, parece bobo.

(Coronel, Lícia, Filó e Gago no plano do alpendre e os romeiros assistem ao folguedo das cavalcadas: um torneio ou jogo semelhante às lutas medievais)

em que homens montados a cavalo combatem-se com o uso de espadas. Música alegre e ritmada. Grande festa. Durante o jogo, Gago vai até os cavaleiros e conversa com o Capitão e volta ao final para perto do Coronel.)

BARTIRO: E agora?

GAGO: O capitão pedi descanso pru modi dos homi si ajeita pra fazê a grandi roda.

BARTIRO *(para os romeiros):* Festa em terra minha quando se descansa os olhos se enche a boca! Afora a comida toda, vai ser um boi por dia de festa! Vamos comer!

(Os romeiros se aglomeram em festa. E começam a comer. Os cavaleiros saem. Alguns romeiros tentam se aproximar do Coronel e Gago os afasta. Entra em cena Tião Bolero.)

TIÃO BOLERO *(a um romeiro):* Ê, moço?! É dessas paragi a casa de nhô Bartiro?

HOMEM: Nhô Bartiro, não, moço. Coroné! Coroné nhô Bartiro. É bem aqui.

TIÃO: Prunque tanta da gentinha?

HOMEM: Cavalhadas. Mai esta festa é di incumenda qui fei o coroné im pagá promessa. Ói eli lá.

(Tião se aproxima do plano onde está o coronel, mas o Gago o impede de se aproximar.)

GAGO: Carma! U coroné só vai falá, um por um, dispois qui o sol se deitá.

TIÃO: Diz a eli qui aqui está o fio de criação de Zé Preto, meiô, fala qui aqui está Tião Bolero.

(Gago vai até o Coronel)

BARTIRO *(comendo):* Ainda num trouxeram o coração de boi que mandei.

GAGO: Mai...

BARTIRO: Não tem mais nem menos! Quero o coração agora para presentiar o Capitão.

GAGO: Disculpi, nhô coroné! É qui aí está um tal de Sebastião.

BARTIRO: Ô demora pra falar! Fala logo, homem. Bastião? Que Bastião é esse?

GAGO: É. É. Fio de um tal Zé Criação. Não! Fio de criação de um tal de Zé Preto.

BARTIRO: Ara! Filho de meu genro! É meu neto! Chame ele logo! Anda. Licinha! Filó! Venham ver quem chegou para a festa!

(Gago aproxima-se de Tião.)

GAGO: Entri.

TIÃO: Ocê diSSI meu nomi?

GAGO: Cumé qui eu ia dexá ocê intrá si u coroné num soubesse quem era?

(Tião aproxima-se do Coronel.)

BARTIRO: Me dê cá um abraço, mulequil!

(Abraçam-se.)

LÍCIA: Que moço sem medo, abraçar um coronel em roupa tão suja.

BARTIRO: Ara, Licinha, quando você me conheceu eu não estava mais limpo. Afinal é como se fosse meu neto.

LÍCIA: Não me avexe... e não me envelheça.

(Tião e Lícia cumprimentam-se. Entra Filó.)

BARTIRO: E esta é Filomena, ou se preferir, Filó.

(Tião e Filó olham-se fixamente.)

TIÃO: Dói u peitcho dizê, mai façú comu ordenô paim... comu ordenô Zé Preto: meu nome é Tião...

(É interrompido pelo Capitão.)

CAPITÃO: Irgi-me-Coroné! Us homi tão tudo pronto.

BARTIRO: E a festa está melhor, capitão, com mais gente da família! E pode deixar que não me esqueço. O coração de boi espetado numa espada.

CAPITÃO (*olhando Filó*): Como qualqué coração qui sofri pru num tê u qui mai deseja.

BARTIRO: Muitos outros corações virão! A festança agora só pára se o meu coração parar!

(*Tião e Filó trocam sorrisos. Sai o Capitão.*)

TIÃO: Nhô Bartiro ieu quiria lhi falá...

BARTIRO: Claro! A viagem foi longa e quer se livrar do mau cheiro e das roupas sujas. Filó, ajude seu sobrinho.

FILÓ: Se isto lhe agrada, meu coronel. (*Saem Filó e Tião.*)

LÍCIA: Não gostei. Os dois estão na idade do pecado.

BARTIRO: São parentes.

LÍCIA: Nem tanto.

BARTIRO: Votê, quanto mais souberem disso, maior o perigo e depois temos o Capitão Formosura...

LÍCIA: A quem Filó não dá um sorriso. Bartiro, não quero ver Filó com esse seu Ti...

BARTIRO (*interrompendo*): Quem manda aqui?

LÍCIA: E quem é a dona das terras? (*Sons pesados e a música das Cavalhadas. Escurece a cena. Curta representação do folgado. Passa-se o tempo. Em cena, no plano do alpendre, estão Tião e Lícia. Clareia a cena. Cessa música.*)

LÍCIA: Terras de Lícia, nunca ouviu falar?

TIÃO: Pois qui não.

LÍCIA: Muito coronel sonha em ter nas mãos tanta terra, tantos bois. Três dias de festa, três bois. Poderiam ser cem anos de festa eu teria os bois. Pensa o quê? Meu pai me deixou muito, muito mesmo. Eu mesma não sei quanto. Nem Bartiro, quando se casou comigo sabia. Mas parece que ele tem olho a mais que os outros, sempre protegendo tudo... Engraçado.

TIÃO: Que fez?

LÍCIA: Não é você que é engraçado. Ao contrário, engraçado é você ser assim, tão parecido com Bartiro.

TIÃO: Mai di verdadi nós num semo parente.

LÍCIA: Você nunca pensou em ser dono de tantas terras?

TIÃO: Quem qui num pensa?

LÍCIA (*abraçando-o*): Gosto de você.

TIÃO: Mai ieu num gosto da sinhora.

LÍCIA (*afastando-se*): Senhora?

TIÃO: Ara, si tivessi parentesco ocê era minha vó.

LÍCIA: Olha, garoto, acho que você não está me entendendo.

TIÃO: Tô sim. Ocê qué recuperá o tempo, se alebrando em meu corpo.

LÍCIA: Está me negando?

TIÃO: Pois tô.

(*Lícia sai furiosa. Escurece a cena. Novamente sons pesados e a música das cavalhadas. Curta representação do folgado. Passa-se o tempo. No plano dos romeiros estão Gago e Bartiro.*)

GAGO: Coroné, podi mandá matá otro boi?

BARTIRO: Quantos foram?

GAGO: Otcho. Hoji há di sê o último antis do deiz.

BARTIRO: Quero festa! Mate o boi. Me assustei com a chegada de Tião. Mistérios que um mulequi como você não haveria de saber. Achei mesmo que ele havia chegado com uma tábua de maldições, mas de certo me mostrará a sorte de ser um homem feliz.

(Lícia entra.)

GAGO: Nhô coroné, tá matusquelo?

LÍCIA: Me parece que não.

BARTIRO: Não entendo.

LÍCIA: Sai, muleque. Vá. Vai engasgar palavras noutra lugar.

(Gago sai.)

BARTIRO: Que se passa, Lícia?

LÍCIA: Estava a pouco com seu querido neto.

BARTIRO: Algum problema com ele?

LÍCIA: Pensei muito antes de falar. Mas agora ouvi de tua boca: mistério, maldição...

BARTIRO: Anda, mulher, desimbucha.

LÍCIA: Talvez seja maldição. Tião se aproximou de mim, me abraçou. Disse que gostava muito de mim.

BARTIRO: Ara, como um neto...

LÍCIA: Como um homem. Um homem cheio de desejos pecaminosos.

(Escurece a cena. Som pesado agora sobrepõe a música das cavalhadas. Em curta representação, faz-se o desfecho do folguedo. O capitão levanta uma espada com o coração de boi. No plano do santuário estão Tião e Filó. Clareia a cena. Cessa a música.)

FILÓ: Desde menina que não entendo o sorriso dessa santa.

TIÃO: É di incerteza.

FILÓ: Como você sabe?

TIÃO: Di óia firme, firme nos zóio dela.

FILÓ: Não brinca, Tião! Vai me dizer que olhando nos olhos de alguém

você sabe o que esse alguém sente.

TIÃO: Pois que não.

FILÓ: Então olha bem nos meus olhos e diz o que sinto.

(Os dois se entreolham, aproximam-se para se beijar. São interrompidos por Bartiro.)

BARTIRO *(com um revólver na mão):* Filho duma égua! Não abocanhou a mãe, quer se distrair com a filha!

FILÓ *(se afasta de Tião):* Que acontece?

BARTIRO: Esse cabra tentou desonrar sua mãe!

TIÃO: Acunteci qui dá pra lê nus óio di teu pai um ódio inormi, mai...

BARTIRO: Anda cão, começa a rezar.

TIÃO: Mai sei qui num morro agora. Tenho as maldição prumodi deli mi falá.

BARTIRO: Num tem medo de morrer, peste?

TIÃO: Olhi a santa, nhô Bartiro, e veji, veji qui num é certu.

FILÓ: Incerteza, pai, olhe. Olhe a santa. Não atire. Olhe a santa.

(Bartiro fixa o olhar na santa. Baixa a arma. Silêncio. Bartiro senta.)

BARTIRO: Decerto, não te mataria diante da santa.

TIÃO: Então mi ouvi. Zé Preto mi mandô aqui, qui mi chegasse dizendu o nomi meu di junto di meu irmão, assim: Tião Bolero.

BARTIRO: A maldição, muleque. E quanto mais demorasse a falar, mais ela cresceria.

TIÃO: Pois num sei qui coisa é a desgraça. Desgraça qui mi impurrô meu irmão na frenti di meu...

BARTIRO: Zé Preto e eu sabíamos que um mataria o outro.

TIÃO: Pruquê?

BARTIRO: Uma peneira com contas amarradas é uma tábua de maldições. Nunca consegui ler qual sobreviveria e que assim teria o pior destino. Quando acontecesse, eu saberia. Da boca do assassino saíam os dois nomes assim, ditos juntos.

TIÃO: A istora di disonrá dona Lícia podi di sê parti das maldição.

BARTIRO: Então o safado admite a canalhagi!

FILÓ: Tião?

TIÃO: Num foi u qui acunteceu, mai num tenho comu mi protegê. A num sê qui nhô Bartiro dê leitura nas maldição. Como prova.

(Tião mostra a peneira. Música ritmada. Bartiro lê. Tensão. Bartiro ri nervosamente, possuído. Mesmo som de vento do final da Cena I.)

BARTIRO: Intrumba u qui tê docê, pobri! Suas desgraça tão tуди aqui. *(Ri)* Nem precisu ti matá. Dincerti qui ocê num si proximô di nhá Lícia. Arguinti, nu teu sangui, num vinga. Maldição! Só se linvra si nas entrevera, vencendo as muiê guerrera, pondo im morti todas, ô matanu a Quimera. Si afugenta, ô cão! Si arrasta! Distração nesti predeguim azul qui di gentinha da terra ocê devi di bebê o sumo, guerreá, qui é o destino di si ficá num fiu di vida i morti. Si mata a quimera, iscapa. Só si matá a brabeza du monstro. *(Ri)* Cosa qui nem mesmo um deus conseguiu!

TIÃO: Nim há prova quieu num faça pra tê u qui queru. *(Olhando para Filó.)* Inclusivi ocê.

(Tião sai)

FILÓ: Tião...

(Filó sai atrás de Tião. Música pesada. Blecaute.)

CENA III

Ambiente: caatinga.

(Música e sons agudos. Tião caminha em contra-luz. Som de asas, depois de som de cavalgada. Tião se protege a um canto. Música cessa. Novo som de asas.)

TIÃO: Ara, qui a cansera tá mi trainu os óio. Cavalo cum asa, bicho bunito. *(Andando na direção de onde vem o som.)* A vem, beleza. Acheque, vamu. Venha. *(Tira um pequeno laço da sacola.)* Acheque. Tião Bolero ti qué, bichim. Venha.

(Tião arremessa o laço e fracassa. Som de asas em agitação. Tião assiste ao vôo. Ouve uma risada.)

TIÃO *(empunhando a arma):* Quem brinca cumigo?

(Entra Capuava que estava escondida na cena.)

CAPUAVA: Pelo jeitcho u moçu nunca sobi da istora du cavalo qui avoa.

TIÃO: Intonce a zombaria vem duma donzela.

CAPUAVA: Nem tanto. Mi chamu Capuava, e ocê?

TIÃO: Tião Bolero.

CAPUAVA: Moçu bunito.

TIÃO: Num momentim ocê mi alembro di alguém.

CAPUAVA: Qui ti ispera.

TIÃO: Pois sim. I pra quieu voltu logo, essi cavalo di asa mi judava muintcho.

CAPUAVA: Ovu di um cantadô qui u bicho saiu de dentru dos cabelo de cobra de uma dona, sei só

isso. Bem qui quiria ajudá.

TIÃO: I num sabi quem possa?

CAPUAVA: U cordel dizia dum indiu, incrustado nas terras di cá.

TIÃO: Ara, intonce tô im bom caminho.

CAPUAVA: Nem tanto. Pruraqui ninguém podi passá.

TIÃO: Pruquê?

CAPUAVA: Pruque tô aqui pra num dexá. Ninguém deve sabe a toca de nosso cangaço.

TIÃO: "Só se alivra, si nas entrevera, vencendo as muié guerrera..."

CAPUAVA: Qui si passa, homi?

TIÃO: Pois vô é passá.

CAPUAVA: Venha, cabra. Venha pra si acabá, que tua buniteza e coragi num vai ti servi di nada.
(Empunha arma. Grita.) Aê! Aê!
Cangacerada! Éra! Aê!!
(As cangaceiras entram em cena. Trava-se combate. Tião escapa a golpes e mata algumas cangaceiras.)

CAPUAVA: Si quieta, bando!
(A luta vai cessando.)

CAPUAVA: Si quieta qui o homi não é deste mundo.

CANGACEIRA I: Tem parte cum o Cão.

TIÃO: Pois venham, infrentem essi cabra. Precisu matá todas.

CAPUAVA: Só si fô pelas costa.
(Vira-se e caminha para ir embora. As outras acompanham.)

TIÃO: Num façū issu pra sabê comu chegá inté o tar indiu. Imai, num façū di atirá, pru qui senti docê u qui quiria di alguém qui mi alembrei.

CAPUAVA: Num é parti cum u cão, qui u cão não haverá de sabê u qui vai pru dentru di uma muié guerreira.

CANGACEIRA I: Intonce?

CAPUAVA: Levem u cabra até ondi

puderem e dispois lhi digam u resto.

(Capuava sai. Duas cangaceiras se aproximam de Tião. Luz cai em resistência. Blecaute. Música.)

CENA IV

Ambiente: terras do Coronel Nhô Bartiro

(No plano do alpendre estão Gago e Capitão Formosura. Luz demonstra ser noite. Sons noturnos, aves, insetos etc.)

GAGO: leu quiria sabê cada baruinho desti u qui era.

CAPITÃO: São tudo vancê si trupicanu pra falá.

(Capitão ri sozinho. Entra Lícia.)

LÍCIA: Vejo que a conversa tá animada.

GAGO: Né não, sinhá. Ba noiti, sinhá.

LÍCIA: Pára de puladeira, muleque. Vamos, saia. Quero falar com o Capitão.

(Gago sai do plano do alpendre, se esconde e fica em cena ouvindo a conversa. Lícia dá um beijo na boca do Capitão.)

CAPITÃO: Coroné podi vê, sinhá.

LÍCIA: Aqueli troxo. Só me tem serventia porque sabe cuidar de minhas terras.

CAPITÃO: Quesca, ieu num sei também?

LÍCIA: Sabe, mas é cedo. No momento certo nós vamos dar um jeito de mandar o coronel pros quintos.

(Blecaute. Música.)

CENA V

Ambiente: caatinga.

(Cessa música. Luz sobe em resistência. Em cena Tião e duas cangaceiras caminhando.)

CANGACEIRA I *(parando)*: Ói, cabra, daqui nós num passamu. Ocê seguiu pru esti chapadão até incontrá um rio já morto, sem água niuma. Caminhi pru dentru deli qui vai incontrá o Mananga.

TIÃO: Mi pareci fáci. U qui dá nocês di num seguiu adiantí?

CANGACEIRA I: Prá lá dessor chapadão só prosseguiu quem tivé parti cum coisa qui não são desti mundo. Genti istranha como ocê.

CANGACEIRA II: I tem us perigu. Diz qui a própria quimera aí si iscondi. Quem vê num si isqueci o corpo isquisitu, numa cabeça di onça, otra di cabra e um rabo qui é o memo qui uma serpente.

TIÃO: Pois é o bicho qui eu precisu matá.

CANGACEIRA I: Não tem coisa desti ou dotro mundo qui consiga!

TIÃO: leu vô.

CANGACEIRA II: Mai si cuidi cum o rastro di fumo e o fogo que a danada lança.

TIÃO: Pois qui sim.

CANGACEIRA I: Inté.

(Saem as cangaceiras. Tião caminha. Música. Mudança de luz. Passa o tempo.)

TIÃO *(passando a mão no chão e cheirando-a)*: Num é niu rio seco. É o rastro da dita cuja. *(Tião caminha. Passa o tempo. De um alçapão do palco ou algum outro truque surge Mananga à frente de Tião.)*

TIÃO: Tisperava. Ocê é o Mananga?

MANANGA: Avera ô quitã!

TIÃO: Venhu pra sabê comu domá u

cavalu voadô.

MANANGA: Avera! Aqui terra di deuses. Avera é tu.

TIÃO: Num sô deus niu. Cheguei até ocê praque precisu vencê a Quimera pra mi livrá di uma maldição.

MANANGA *(rindo)*: Tu é quitã.

TIÃO: Óia, seu Mananga, posso matá im luta as cangacera ô memu dá cabu du povo da terra como u seu. Mai só matanu a Quimera é qui vô mi até di certeza qui tô livri.

MANANGA: Quitã num vai di matá um povo já tum fracú.

TIÃO: Fracu di quê?

MANANGA: A terra num é di povo de Mananga. É terra di Lícia.

TIÃO: Pois dessa também vô mi linvrá, mai não sem antis di tê pego a Quimera.

MANANGA: Devolvi a terra a meu povo?

TIÃO: Mi conta como pegá u cavalo voadô?

MANANGA: Quitã vai bebê das tries erva *(passa-as para Tião)* e percurá uma caverna alta ondi devi drumi.

TIÃO: Vai bastá issu.

MANANGA: ãssim também basta a povo di Mananga tê suas terra di volta.

(Blecaute. Passagem de tempo. No plano da caverna, Tião dorme. Luz representa noite. Sons lancinantes. Sonho de Tião. Oxumaré começa a entrar na cena, aparecendo primeiro a sua calda de serpente. Tião acorda, levanta-se sorrateiro e tira um facão para avançar sobre a serpente.)

TIÃO: Vai si vê, Quimera danada!

OXUMARÉ *(transforma o facão em flor e mostra sua metade mulher)*: Zi u

CENA VI

poco di medu ti afasta di oiá
antis, Tião Bolero. Belerofonti, cheiu
diz distinu mau traçadu. Zagora,
Oxumaré qué ti conheçê.

*(Oxumaré dança em torno de Tião.
Sons, luzes, clima de pesadelo.)*

VOZ DE FILÓ: Tião!... Volte. Se livre da
maldição e volte. Tião!...

(Tião rodopia alucinado.)

OXUMARÉ: Zi nu coração um melado
qui si provi, zi tem?

TIÃO: Si a prova, num sei, mai qui amu
a quem amu, i sempri amei.

OXUMARÉ: I matô quem Ihi ama?

(Tião corre e depara com Capuava.)

TIÃO: Qui sei, num matei.

VOZ DE FILÓ: Mainha, mainha, quis ser
de Tião. Tião é meu. Volte, Tião!...

OXUMARÉ: Mai zi qué qui num qué. Zi
num qué sê livri?

TIÃO: Sô iscravo da maldição, sá
Oxumaré.

OXUMARÉ: I zi vai livrá alguém memu
presu?

TIÃO: Pois que sim. Num é u qui avera
di fazê ao povo de Mananga.

OXUMARÉ: Zi passô nas prova, fiu.
Paireci num tê memo o medu mai
falta uma oferenda qui num é
prelim Oxumaré. É pré Oxum.

TIÃO: Si vô tô u qui queru.

OXUMARÉ: Ofreci pru pai do cavalo
voadô coisa qui ami muintcho.
Ofreci pré Oxum.

TIÃO: Um toro du pelo mai brianti qui si
viu.

VOZ DE FILÓ: Tião!... Paim não te
perdoa. Volte, Tião!...

*(Tião rodopia novamente. Oxumaré
some em cena. Tião cai. Fim do sonho
de Tião. Luz e som acalmam. Tião
acorda e levanta. Vê a seus pés um
freio de aço. Levanta-o ao céu.
Blecaute.)*

Ambiente: cidade pequena do sertão.
*(Luz matinal. Sons esparsos e leves.
Junto a um açude duas mulheres
conversam.)*

MULHER III: Diz qui ãqui memo.

MULHER IV: Num credito. I padri Bentu
num qué sabê di falá nissu.

MULHER III: Mai foi cumo um milagre.
Um cavalão brancu inormi, qui
bebeu água i avuou. Zanago
qui viu!

(Entra Tião, aproxima-se das duas.)

MULHER IV: Ara, Zanago é caoio.

TIÃO: Pois tenhu certeza di qui u qui viu
azesti.

MULHER IV: U moçu num é destas
quebradas, pois não?

TIÃO: Tô a caça dessi bichu.

MULHER III: Padri Bentu num vai gostá.

MULHER IV: Dispois num si sabi prondi
avuou u danadu.

TIÃO: Chami u tal padri aqui, dona.

MULHER III: Que seja.

*(Saem as duas mulheres. Tião fica só à
beira do açude. Tempo. Uma luz forte
de fora da cena ilumina Tião.)*

TIÃO: Qui num incontrava u cavalo i mi
dei cum toro tão bunito e
reluzenti.

(Entra o Padre Bento.)

BENTO: Deus ti abençoe, filho, de ver
num animal mocho alguma
beleza.

TIÃO: Di argum jeito inxergu as alma. I
essa foi a mai brianti qui vi.

BENTO: Assim como vê os cavalos que
voam.

TIÃO: Pois que sim.

BENTO: E tua alma se tornaria branda
se o touro fosse teu? Esqueceria
as visões? Aceitaria Deus em teu
coração?

TIÃO: Ara, como si isquece di tanta
brancura, uma brancura doída
qui pareci a lua gorda.

BENTO: Talvez esquecer não. Mas não
deixar que outras almas venham
a saber de tuas visões.

TIÃO: Mim dá o toro pra protegê seu
rebanho.

BENTO: Se assim entendes, segue teu
rumo, rapaz. Leva o touro.
*(Tião caminha até a luz e sai. O padre
abaixa-se no açude e lava as mãos.
Luz cai em resistência. Blecaute. Em
outro plano a luz sobe em resistência.
Tião em cena empunha um facão
contra o coração do touro. Som do
grunhido do touro e seu tomo no
chão.)*

TIÃO: Oxum ti pidiu. Oxum vai ti tê.
(Música pesada. Blecaute.)

CENA VII

Ambiente: caatinga.

*(A mesma música que fecha a cena
anterior se abranda. Um foco de luz
bem fechado sobre a imagem do
cavalo alado. Tião em cena, sem luz
sobre ele.)*

TIÃO: Não si afugenti. Quietu, bichim.
Cê num sabi comu ispereí pra ti
vê.

*(Aproxima-se e coloca o freio de aço
no cavalo alado. Música cresce. Tião
monta no cavalo que começa a
voar. Bruscamente a música volta ao
peso inicial. No plano baixo da cena
entra a Quimera. Solta fogo pela
boca.)*

TIÃO: Ocê vai morrê, pesti! Vô mi linvrá
dessa maldição e muintcha genti
di tê di ti olhá.

(Tião empunha um facão com uma

*bola na ponta e arremessa contra a
boca da Quimera, que urrando e sem
fogo, cai morta. Música cresce. Luz cai
em resistência.)*

CENA VIII

Ambiente: terras do coronel Bartiro.
*(Cessa música. Luz geral. Bartiro e
Capitão Formosura em cena.)*

BARTIRO: Impossível!

CAPITÃO: É u qui contam, coroné. Diz
qui u safadu domô o cavalo
alado i infrentô a bicha. Mai inté
foi ispertu. Sabenu qui a Quimera
soltava fogo pelas venta, lhi lançô
uma bola di chumbo a boca,
ondi derreteu matando a diaba.

BARTIRO: E vem vindo para cá, o
cabra? Certamente à busca de
Filó.

CAPITÃO: Mi desculpi, nhô coroné. Ô a
busca das terras i quem sabi,
Deus mi perdoi, de nhá Lícia.

(Gago entra.)

BARTIRO: Nunca! Capitão, prepare
uma arapuca e mate esse
nojento antes que chegue aqui.

CAPITÃO: Precisamu só de uma isca
pra pegá um bicho tão vivo, nhô
Coroné.

BARTIRO: Nem Filó, nem Lícia!

CAPITÃO: Mai u coroné podi. Vamu
até a entrada di suas terra pra i
receber o troxo como herói. Na
hora qui faltá discunfiança eu
memo dô cabo dele. Com
muintcho prazê.

BARTIRO: Boa idéia, Capitão. Me
aguarde que vou me preparar.

(Sai Bartiro.)

CAPITÃO: Qui tá mi olhanu, muleque?
Passa vá! Vadi retro.

(Entra Lícia.)

LÍCIA: Tudo como eu disse, não é?

CAPITÃO: Claro, sinhá.

(Blecaute. Mudança para o plano de luz da santa. Nele estão Filó e Gago.)

FILÓ: Certeza?

GAGO: Certeza certa, não. Mai tudi fai crê. O capitão e nhá Lícia vão matá dois coelho numa só cajadada... paulada.

FILÓ: Ah, mas não vão mesmo.
(Blecaute. Música instigante. Mudança para o plano de luz da caatinga. Nele estão Tião e Gago.)

TIÃO: Fala, homi. Ocê num conseguiu dizê uma palavra intera.

GAGO: Emb...

TIÃO: Carma, homi. Senta. Carma. Fala divagá.

(Gago senta. Acalma da gagueira.)

GAGO: Sinhá Filó mandô avisá qui vão emb... emboscá u sinhô seu Tião. Mai né o Coroné, não. É u capitão mai nhá L...

(Fora de cena ouve-se o borburinho das vozes de Formosura e Bartiro. Gago se esconde. Entram os dois.)

BARTIRO: Bem-vindo, meu neto!
Grande herói, o sertão todo já fala de suas proezas.

TIÃO: Abençá, nhô Bartiro. U coroné já podi mi recebê e dá pra mim um perdão?

BARTIRO *(imitando Tião):* Pois qui sim.
(Tião aproxima-se para abraçar Bartiro. Capitão saca uma faca e avança para matar Bartiro. Tião vira-se e mata o capitão. Lícia vem para a cena gritando.)

LÍCIA: Viu, Bartiro, ele voltou e trouxe com ele a maldição.

BARTIRO: Tião voltou pra me salvar. O capitão vinha com a faca contra mim.

(Entra Filó.)

FILÓ: A mando de minha mãe, meu pai. A cilada era para você e pra Tião.

LÍCIA *(pegando a faca cravada no Capitão):* Não! É mentira!

(Lícia tenta matar Filó. Bartiro a detém e Lícia acaba por cravar o facão contra si mesma. Morre. Som fúnebre. Blecaute. Passagem de tempo. Luz no plano do alpendre. Cessa música. Em cena, Bartiro, Tião e Filó)

BARTIRO: Sim, as terras são suas, você dê ou devolva a quem quiser.

TIÃO: Não tenho comu lhi agradecê.

BARTIRO: Já fez mais que isso, Tião. Tião Bolero.

FILÓ: Pai.

BARTIRO: Diga.

FILÓ: Te peço mais uma vez, fique até me casar.

BARTIRO: Não posso, Filó. Vou seguir o meu destino que é, sempre foi, o de andarilho. Num quero mais olhar estas terras.

(Luz cai em resistência. Música. Blecaute.)

CENA IX

Ambiente: terras do coronel nhô Bartiro.

(Vinte anos se passaram. No plano de luz do alpendre estão Gago, Tião e Sandro.)

TIÃO: Não, filho. Não tem o que temer. Quando Mananga era vivo cumpri minha palavra. As terras que deveriam ser do seu povo já são, há vinte anos.

GAGO: Má, coroné, seu fiu Sandru sabi qui tão avançanu im nossas terra.

SANDRO: Alguém está colocando os

índios contra nós para depois tomar as terras deles.

TIÃO (*abraçando o filho*): Pois então vá para trocar idéias, filho. Converse, não enfrente. E mande notícias o quanto antes.

GAGO: Inté, meu coroné.

TIÃO: Até mais ver, meu Capitão. Cuide bem de meu filho, não deixe que apronte.

(Luz cai em resistência. Blecaute. Mesma música fúnebre da Cena I. Luz no plano da santa. Filó em cena.)

FILÓ (*gritando e chorando*): Tião! Corre, Tião!

(Entra Tião.)

FILÓ: Uma desgraça, Tião! Nem vinte anos se passaram e a maldição voltou!

TIÃO: Calma, mulher! O que foi?

FILÓ: Lindonéia, Tião. Saiu com Caio numa caçada e morreu.

(Entra Caio.)

CAIO: Foi sem querer, pai. Ela foi mexer numa espingarda e...

FILÓ: Néia, minha filha. Não.

TIÃO: Caio, não minta para o seu pai. *(Som fúnebre cresce. Blecaute. Uma música aguda e apenas um foco de luz sobre Tião, que está sentado no alpendre. Memória de Tião.)*

TIÃO: Num vá cumeçá di novo, num vá!

(Em outro foco, Capuava.)

CAPUAVA: Si quieta, bando! Si quieta, qui o homi não é desti mundo.

(Sai foco de Capuava. Música cresce. Tião levanta-se com o freio de aço na mão. Mudança de foco: sai de Tião e entra outro sobre o cavalo alado. Novamente Tião ascende. Já no alto.)

TIÃO: Ê gegê-nagô! Num tem niuum aqui pra mi infrentá! Chami u

orixalá! Grandi deus, grandi nada. Mi fei sofrê a tira da minha maldição e deu dessi sangui prus meus fiu. Vem mi infrentá qui sô deus também! Ê vem! Ê! Num tenho medo i num morro nunca!! Ê vem! Levô Sandro meu fiu pelas flecha di indius qui memu eu protegi! Mi carregô Lindonéia du memu modi qui fei cum Bolero meu irmão. Ara, êê vem cumigo. Mi carrega como os otro. Ô ieu sô um deus memo qui ocê num podi matá?

(Forte som de abelhas sobrepõe a música. Som do relincho do cavalo alado.)

TIÃO: Num é meu cavalo qui tem qui atingi. Ê vem cuas abeia pra cima de mim. Ê! Ê vem!

(Um tranco forte do Cavalo Alado derruba Tião que grita de dor. Blecaute. Música cresce. Tempo. Silêncio. Em resistência abre um foco no plano da Santa onde estão Filó e Tião numa cadeira de rodas.)

TIÃO: No ermo, Filó, bem distante.

FILÓ: Distante e incerto como os olhos da santa.

TIÃO: Livrando os que restaram de alguma maldição.

FILÓ: Longe da mulher e do filho que lhe resta.

TIÃO: Não. Longe de ser um herói, longe de ser um deus.

FILÓ: Sozinho, você não vive muito.

TIÃO: E pra que um homem velho e cego, andando em cadeira de roda, vai querer viver muito?

(Tião cego e paraplético anda na cadeira de rodas lentamente. Uma música doce e suave toca. Filó sai de cena chorando. Tempo. Luz cai bem devagar enquanto sobre a música

ouve-se a gravação.)

OFF

“ZÉ PRETO: Nunca mais.

TIÃO: Pois u quê?

ZÉ PRETO: O Medo. Nunca mais.”

(Blecaute.)

FIM

Adulto

O evangelho segundo Zebedeu
César Vieira

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

César Vieira

A peça "O Evangelho segundo Zebedeu" narra a saga de Antônio Conselheiro e a guerra dos Canudos por meio do cordel e do drama de circo.

Sua primeira montagem aconteceu em 1.970 pelo Teatro do XI, da Faculdade de Direito de S. Paulo. A direção foi de Silnei Siqueira, com músicas de Murilo Alvarenga e cenários e figurinos de José de Anchieta. Essa montagem, em meio aos anos de chumbo da ditadura militar, recebeu os prêmios de melhor texto, melhor figurino e melhor música, sendo o espetáculo de maior público da temporada. Em 1971 saí do "Circo Irmãos Tibério," no Ibirapuera, em S. Paulo e participa do Festival Mundial de Teatro de Nancy, França, onde foi considerado o melhor espetáculo. Da estréia até hoje foram mais de quarenta montagens no Brasil e no exterior destacando-se: a do Teatro da Cidade do ABC, com direção também de Silnei Siqueira e coreografia de Ruth Rachou, que representou o Brasil no Festival Mundial de Teatro de Manizalles, Colômbia em 1.973. Do elenco do Teatro da Cidade participam: Antônio Fagundes, Gésio Amadeu, Henrique Lisboa, Silvia Borges, Bri Fioca, Edwin Luisi, Gabriela Rebello, Hedy Siqueira, Luiz Serra, Sônia Guedes e muito outros... Do grupo que

levou a cena a primeira montagem fazia parte o atual secretário de justiça do Governo de S. Paulo, Belisário dos Santos Jr.

Igualmente foram marcantes as carreiras de "Zebedeu" apresentadas pelo TESB - Teatro dos Bancários de S. Paulo - num circo em Santana, na capital paulista e os espetáculos de Fortaleza e Porto Alegre.

O texto foi publicado na Polônia, 1973, por uma das mais importantes revistas de teatro da Europa: "Dialog", com versão dos poetas Danuta Zmij Zielinska e Witold Wojciechowiki. Em 1975 "Zebedeu" aparece na Revista de Teatro nº 404, da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - e, em 1982 é editado por "Conjunto", da Casa de Las Américas, de Havana, Cuba, com versão para o espanhol de Manuel Galich e Jesús Gregório. Algum tempo antes da primeira montagem de "Zebedeu" aconteceu a carreira, pelos bairros populares da Grande S. Paulo, de "Corinthians, meu amor", tendo essas duas encenações marcado os primórdios do *Teatro Popular União e Olho Vivo*, que continua dinâmico até hoje. Desses trabalhos iniciais que determinaram o nascimento do TUOV, além de César Vieira, permanece atuante no "Olho Vivo" o ator diretor Neriney Evaristo Moreira.

Apresentando esta edição publicamos artigos de Silnei Siqueira e Luisa Barreto Leite sobre a importância do "O Evangelho Segundo Zebedeu" no teatro brasileiro.

Em comemoração ao centenário da Guerra do Canudos, Zebedeu deverá ter, ainda este ano, uma nova montagem, pelas mãos de José Renato, fundador do Teatro de Arena (SP), e atual presidente da SBAT.

ZEBEDEU: CIRCO, CORDEL E PARTICIPAÇÃO

Só o fato do "Evangelho" ter redespertado o interesse para a relação indestrutível que sempre deve existir entre circo e teatro serviria para justificar todo esforço. Mas há mais. Dois tipos de pesquisas foram realizados:

A primeira - a da análise e vivência com a vida de circo e artistas circenses (o mais miserável dos artistas brasileiros.), suas aspirações, seus conflitos, suas dificuldades. Nessa tarefa, dezenas de circos foram visitados na periferia da capital e no interior do Estado. Bem como sucederam-se noitadas de bate papo com o pessoal das "mambembes" e leituras de textos apresentados em circo.

O circo que buscou foi o circo brasileiro, não o "Circo" superdesenvolvido, bem alimentado, luxuoso, hollywoodiano.

Convivemos com o circo cheirando a feijão com arroz. Com o circo autêntico que mambemba pelos bairros pobres, pelas vilas do interior. Cigano, itinerante, das lonas rasgadas,

das famílias de artistas, puro, nosso, da pipoca, do amendoim, da arquibancada bamboleante, do drama popular, do "Mártir do Calvário"...

E sentimos toda aquela simplicidade, toda aquela pureza - uma apelação para o sentimental ingênua e sincera - uma forma de comunicação autêntica, através do gesto, da palavra, quase sempre em rima, rima pobre talvez... E aprendemos a admirar essa gente. A varar noites com o Bibi, na madrugada fria de Cubatão, virando conhaques e sabendo que os bons circos brasileiros foram o "Sarrasani", o "Oito Irmãos Mello", o "Circo Teatro Zizi" e o "Pula", cuja dono era parente do dono do "Oito Irmãos Mello", dentro da tradição de família que todo o circo tem...

E além do texto famoso de Eduardo Garrido, "o maior espetáculo circense de todos os tempos" que é "O Mártir do Calvário" ou "Vida Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo" conhecemos muitos dramas (drama é coisa séria, com morte, dor, paixão etc.) "Rancho Fundo"; "A Morta Virgem", "A Marca da Ferradura"; "O céu uniu dois corações" (uma espécie de Romeu e Julieta caboclo) e algumas comédias (comédia é leve, irônica, cheia de situações familiares simples e jocosas): "O Maluco do Segundo Andar"; "São Miguel - São Miguelito"; "O Sapo Encantado" e "O Tio do Soldado".

A estrutura da peça procurou ater-se, o mais possível, à usada nos circos brasileiros, com suas rimas, suas repetições e seus "achados" épicos ou cômicos, dentro do espírito do "circo nacional" decadente, infelizmente,

mas vivo, sensível e representante de toda uma tradição.

A segunda pesquisa foi a histórica e folclórica, abrangendo estudo dos mais variados escritores que se debruçam sobre o tema "Conselheiro - Canudos", bem como os que escreveram sobre folclore, quer no Nordeste, quer no interior paulista e também em Portugal, em especial no que se refere às lendas de um retorno do Moço Rei D. Sebastião, desaparecido em combate com os mouros na batalha de Al Kacer Kebir. Um sem número de autores deram subsídios e entre eles, podemos assinalar: Euclides da Cunha, Gilberto Freire, Pedro Calmom, Paulo Dantas, Figueiras Lima, Frei João Evangelista do Monte Marciano (que é personagem da peça), Leonardo Motta, Amadeu Amaral, Palmerim, General Carlos Eugênio Guimarães, General Tristão de Alencar Araripe, Major Constantino Nery e dezenas de outros...

A esses nomes acrescentaram-se as leituras dos folhetins de "literatura de cordel" que, ao "preço de um tostão, colocam ao alcance de todo mundo a versão verdadeira das andanças do Santo Conselheiro pelos sertões da Bahia..."

O texto ora se atém rigidamente a fatos históricos ou bíblicos, ora na sua maior parte é unicamente criação artística. O essencial é a motivação social da "Guerra do Canudos", que teria acontecido independentemente da existência do Conselheiro. O misticismo, a própria figura de Antônio Vicente Maciel (Antônio Conselheiro.) são elementos subsidiários, frutos da situação e não criadores de situação... O importante é que se busca em

"Zebedeu", encontrar uma fórmula de teatro de painel essencialmente nacional ("Circo Brasileiro - Canudos") e um drama épico com características nossas, próprias, sem se ater ao regional, procurando dar uma visão universal do tema...

O espetáculo se desenrola em dois planos: um que aborda o drama dos artistas de circo, o conflito de uma comunidade circense, extravasando, é óbvio, para qualquer outro campo, na dependência de quem recebe o texto e como recebe o texto... O outro plano é o que aborda o drama representado pelos artistas do circo, ou seja, "Vida, Paixão e Morte de Antônio Conselheiro".

Esses dois planos centrais não são distintos, individualizados, ao contrário, caminham unidos, se misturando, se entrelaçando, um com profundas ligações com o outro, um não podendo subsistir sem o outro.

"O Evangelho Segundo Zebedeu", é uma espécie de "Evangelho Sertanejo", narrado e vivido por artistas de um circo, o "Gran Circo Irmãos Tibério", no qual as figuras históricas do drama central "Canudos" se ligam às figuras dos artistas do circo que as representam. Assim, o Domador faz o personagem célebre do Coronel Moreira César. O mágico interpreta frei Marciano, o líder dos palhaços. Vouques representa João Abade, Comandante do Povo de Canudos e assim por diante...

E além dessas ligações há o ator Convidado Vicente que estréia em substituição a um dos artistas. Ele faz o papel de Antônio Conselheiro e dá a sua visão dos acontecimentos, modificando o conflito com o texto

original...

Vicente encontra entre os artistas do Circo um estado de revolta latente. Ele é o acidente, o fato novo que motiva, ao final, a tomada de posição de alguns... Uns poucos saem, deixam o Circo e partem para a rua, para o campo... os demais, o restante da troupe e o público(!?) continuam sua rotina...

Cesar Vieira

UM EVANGELHO SEMPRE ATUAL

"Zebedeu" é a história da mais importante rebelião camponesa do Brasil. Revolta sonogada nos livros oficiais, mas cujos ecos permanecem até hoje na medida em que continuam existindo os motivos que a ocasionaram..."

"O Evangelho", tem um significado muito grande da maturidade: o autor não tem esperança, pelos menos não procura incuti-las na seu público e nos atores. O autor sabe muito bem que se não for feito pelo punho do homem não será feito. Não adianta pensar que a história irá caminhando sozinha e nos livrando de nossos pecados. Nós teremos que assumi-los e resolvê-los por nós mesmos. O autor também não tem esperanças no seu público e não procura inventá-las: "Zebedeu corre até o sino, bate violentamente co a espada. Vira-se para a troupe: "É agora! É agora! "Magda, a primeira bailarina. Vouques, o palhaço e um dos peludos saltam para o picadeiro, Vouques ao correr desvencilha-se da roupa de palhaço, tem um traje simples por baixo. Vicente, Zebedeu, Magda e um peludo saem pelo lado esquerdo do picadeiro. acompanhados pelo cometa

dourado. Cessa a música "Num dia de Cerração"... O resto da troupe, sem entusiasmo termina a distribuição dos cartões ao público. Voz: " Não percam em nosso próximo espetáculo: - "A Morte do Capitão-Mor!... Não percam..."

Aí a peça termina. Aí se resume uma das mais agudas e cruas críticas ao teatro dependente e submisso à classe média. Incapaz de fazê-la movimentar-se de suas cadeiras, por mais verdades e por mais mensagens que lhe lance.

O Conselheiro de Vieira é um homem decidido, ligado à terra, crítico de suas próprias mazelas - para que o autor usa o recurso (Vide Weiss) de impor uma representação. É o ator que não sabe o papel e coloca suas próprios opiniões e asseios na boca do personagem. Aqui são os homens do povo ao lado dos artistas de circo que desmantelam uma farsa-histórica e não se preocupam em reconstituí-la com precisão. Eles vivem o drama do Conselheiro e seus seguidores misturados ao seu próprio drama. Os homens já podem esperar pelo julgamento final, nem mesmo pelo céu porque até este custa a chegar. Então são eles que negam o que o Ponto - consciência oficial - lhes manda dizer, e o público pode ouvir os dois e comparar seus argumentos. Mas, os personagens ainda tem esperanças, as de que os espectadores se unam a eles e, talvez possam, todos juntos, livrarem-se daquela circo de não participação, daquela prisão que significa deixar a história correr ao léu, deixar que as coisas se dêem como se deram, mas esta esperança se desfará para os

personagens ao final quando cabisbaixo, anunciarem o próximo espetáculo. (Quem sabe, aí eles se rebelarão?)

A concepção dos atores e diretor do "Evangelho" não deverá ser a da crença em poder sacudir a platéia com apelos frenéticos à revolta espontânea, nem a de julgar que ao fim do espetáculo estaremos todos mais fortes porque nos aplaudiram. Deverá, sim, a de ser a completa provocação e desmascaramento da platéia. Deverá ser: "Olha aqui os nossos personagens acreditam que vocês são capazes de largar os lugares de espectadores e tornarem-se atores. Isso é problema deles. Nós achamos que vocês são espectadores e não vai ser o que nós dissermos aqui que vai resolver".

Vieira amadureceu de seus trabalhos anteriores, mas trouxe o sarcasmo, a facilidade de percepção do ridículo e do tragicômico dos poderosos, afastou os problemas existenciais, próprios dos intelectuais e centrou-se no fundamental: é preciso, mais do que lamentar a nossa incapacidade de agir, denunciar nossa incapacidade de agir.

Não é trágico que a gente se sinta impotente, mas é risível que a gente se sinta impotente.

Só quem entender essas pequenas diferenças de valor entre o choro da classe média diante de situações e o riso já liberto diante das mesmas situações, pode entender a diferença entre o homem que se integraliza e o homem que se entrega. Um tem valor, o outro talvez venha a ter, quando integralizar-se.

Isso é um pouco do que contém "O

Evangelho Segundo Zebedeu". É só ver e deixar entender".

Luiza Barreto e Luiz Alberto Sanz

SILNEI FALA DE ZEBEDEU

Entrevista de Silnei Siqueira
(Estado de São Paulo. 10/4/1973)

Considero "Zebedeu" a mais complexa montagem de minha carreira. A própria peça é muito rica e complexa, mas perfeitamente inteligível. Zebedeu Martins, de ouvir contar, escreveu uma peça na qual o Conselheiro é uma mistura de Cristo e Lampião. (...) Em "Morte e Vida Severina", minha preocupação era universalizar o subdesenvolvimento. Era um espetáculo branco, limpo, apolinico. "Evangelho" pretende mostrar o subdesenvolvimento como ele é, sujo, e, por isso, o espetáculo assume um caráter dionisíaco. Os críticos que viram "Zebedeu" em Nancy, cinco anos depois de "Severina", notaram que no segundo havíamos assumido uma visão não só de Brasil, mas também de América Latina.

"Zebedeu" é um Brasil sangüíneo, colorido. Ele atinge o universal pelo regional, porque carrega a verdade subdesenvolvimento e se transborda.

CRÍTICAS

"O Evangelho Segundo Zebedeu" é forte espetáculo dramático. Um canto religioso e político marcado num circo. Está à altura do "1789" do "Theatre du Soliel".

LE MONDE (Paris, França)

“A parábola de “Zebedeu “cheia de encantamento transforma palhaços do circo em povo e marca indelevelmente o festival de Nancy como o que de melhor. “Zebedeu” é um “Marat-Sade” popular.

LE REPUBLICAIN LORRAINE (França)

“ Zebedeu “abriu com chave de ouro o “ Festival Mundial de teatro de

Manizalles”.

EL COLOMBIANO (Bogotá, Colômbia.)

“A versão polonesa do magnífico “O Evangelho Segundo Zebedeu “, feita pelos importantes poetas Danuta Zmij-Zielinska e Witold Wojciechowski mantém toda a beleza poética do original sem perder seu profundo conteúdo social”.

DIALOG (Varsóvia, Polônia)

O EVANGELHO SEGUNDO ZEBEDEU

César Vieira

Auto dos fatos que se sucederam durante a “Guerra dos Canudos “ no sertão da Bahia, conforme foram vistos por Zebedeu Martins, comedor de fogo do circo Irmãos Tibério, em suas andanças pelo Brasil com esses e outros circos.

“Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida: o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária”.

Euclides da Cunha

“Canudos é uma expressão de fé cabocla, errada, bronca, mas que acredita na sobrevivência do mito sebastianista nos sertões, o qual no fundo prometia uma terra melhor, longe das injustiças, dos desmandos dos opressores e latifundiários”.

Paulo Dantas

PRIMEIRO ATO

Cena I - Apresentação da troupe

Cena II - Conselheiro menino

Cena III - Pescadores de homens

Cena IV - A César o que é de César

Cena V - Expulsão dos vendilhões do tempo

Cena VI - Cena final do 1º ato com artista do circo

SEGUNDO ATO

Cena I - Entrada apoteótica de
Moreira César

Cena II - Nuvem do céu há de vir

Cena III - Morte de Moreira César

Cena IV - O tempo que nos resta

Cena V - Merda de República

Cena VI - Enterro de Pajeú

Cena VII - Morte do Conselheiro

Cena VIII - Encerramento com os
artistas do circo

PERSONAGENS DO CIRCO:

- 1) ZÉCA TIBÉRIO - Mestre de Cerimônias
- 2) PONCIANO - o domador
- 3) BARRY BRUTUS - auxiliar de domador
- 4) SANA ANDRÉ - o mágico
- 5) VOUQUES - o palhaço
- 6) JOÃO LINDOSO - o anão
- 7) PEDRÃO - o lutador negro
- 8) ZEBEDEU MARTINS - o autor e ator mudo
- 9) VICENTE - artista convidado
- 10) CHICO TIBÉRIO - ponto
- 11) MAGDA - primeira bailarina
- 12) ANA - bailarina
- 13) SUZANA - bailarina
- MIMOSO - um jegue
- PELUDOS - ajudantes de circo

PERSONAGENS DO DRAMA (A serem representados pelos artistas do circo):

- 1) CONSELHEIRO MENINO
- 2) MARIA CHANA - mãe do Conselheiro
- 3) VICENTE - pai do Conselheiro
- 4) CONSELHEIRO
- 5) IZABEL - uma doida velha

- 6) MANOEL QUADRADO - discípulo do Conselheiro
- 7) JÓAO ABADE - discípulo do Conselheiro
- 8) ANTONIO BEATINHO - discípulo do Conselheiro
- 9) PAJEÚ - discípulo do Conselheiro e chefe de guerrilhas
- 10) TIA BENTA - uma velha.
- 11) PRIMEIRO COBRADOR
- 12) SEGUNDO COBRADOR
- 13) FREI JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO
- 14) FREI CAETANO PAPTISTÃO
- 15) CORONEL MOREIRA CÉSAR - comandante da 3ª expedição
- 16) CORONEL TAMARINDO - membro do estado maior de Moreira César
- 17) UM OFICIAL
- 18) MULHER AGREGADA ÀS TROPAS
- 19) MORENA
- 20) PRAÇA JOÃO
- 21) GENERAL EM CHEFE - comandante da 4ª expedição contra Canudos e JAGUNÇOS, SOLDADOS etc...

Recomendações do Autor Zebedeu Martins aos srs. proprietários de circo que desejarem fazer representações do drama "A Guerra de Canudos"

Primeira recomendação, feita sem obrigação, como todas as outras, de ser seguida, mas com os riscos que poderão vir da desobediência. É aconselhável que os personagens do drama sejam representados pelos artistas do circo que com eles tiveram maior semelhança (seja de físico, de roupas ou no jeito de agir e pensar.) Assim, o domador fará os papéis de militares, ministros etc... O Mestre de

Cerimônias fará bispos, freis, fazendeiros e outros quejandos. O anão deverá ser aproveitado na interpretação de crianças. Já Pedrão o lutador misterioso, (O gigante de Ébano.) encarnará o papel de Pajeú, por ser personagem de cor. Os homens do povo (crentes, vaqueiros, soldados e todas as pessoas mais simples) estarão a cargo do palhaço Vouques e "Peludos" (ajudantes de circo). Mas o importante mesmo é que Vicente, ator estreante, só faça o papel de Antônio Conselheiro. O autor Zebedeu Martins só aparecerá em papéis de mímica, mudo como é... Mas deverá entrar no maior número de figurações possíveis.

Uma outra recomendação que se faz é que, como o drama foi escrito numa mistura de falas usadas no nordeste e de fala - falada pelo caipira do interior de São Paulo, é bom que se frise bem esse ponto, pois é drama feito de oitava, de orelhada... E o jeito de se comunicar de cada um dos informantes é que foi guardado, conforme os causos iam sendo desfiados.

Quanto ao Ponto sua voz será ouvida sussurrada uma ou outra vez, a critério do encenador, a fim de marcar mais sua presença e não ficarem fora de mão suas falas assinaladas no texto. As roupas - vestimentas não precisam ser de aparência igual às do sertão da Bahia, mas é sempre bom que tenham uma quedazinha das coisas de lá. É forçoso que os dois grupos em luta tenham uma cor diferente: os praças do governo tendendo pro vermelho e os jagunços cambiando pro azul.

O dirigente do espetáculo poderá

fazer entre uma cena e outra que ajudantes do circo façam a mudança do cenário sempre sob ordens do Mestre de Cerimônias e do domador, que usam de grosseria para com eles. (Além das mudanças dessa forma assinaladas no texto.)

As músicas são quase todas de caboclos de São Paulo e da Bahia e tem também rimas cantadas por velhos portugueses sonhando sempre com o moço - rei D. Sebastião. Enfim, as recomendações costumeiras para um bonito espetáculo, que esta história dos Canudos como bom drama merece: muito jogo de luz, sempre usança do vermelho e do azul, e movimentação a mais não poder prá todos os lados do picadeiro, que não deve ser pequeno e deve estar coberto com serragem e palha miúda.

Zebedeu Martins
autor

PRIMEIRO ATO

CENA I

Antes de se abrir a cortina, ouvem-se ruídos característicos de circo: rugidos, banda afinando instrumentos, barulho de coisas arrastadas, ordens abafadas. A banda, lentamente, entra numa melodia de dobrado popular. Dois ou três "Peludos" (*ajudantes de Circo*) com fardas poídas, azuis, nas quais em amarelo lê-se mal e mal "Gran Circo Irmãos Tibério", distribuem programas pelo público. O programa é impresso num papel vermelho, poroso, com letras

grandes, de tipos anarquizados.
Toca a sirene uma vez, uma outra,
enfim uma terceira e derradeira vez.
Acordes solenes, abrem-se as cortinas.

O PALCO: Um picadeiro coberto de serragens.

PONTO: Visível para o público.

Pelo meio das cadeiras entra Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias, seguido de toda a troupe, apoteoticamente formada em duas filas olímpicas. O anão Lindoso vem montado no jegue Mimoso.

ZECA TIBÉRIO: Distinto, seletto, educado público. A Empresa "Gran Circo Irmãos Tibério" agradece a generosa presença de V. Sas. e meritíssimas famílias no espetáculo de gala desta noite. Pedimos que todos colaborem com o maior silêncio para que nada se perca e todos possam compreender o formidável drama que aqui vamos mostrar.

REPIQUE DE BANDA: "A Guerra dos Canudos" ou a Vitória da República e da Fé sobre os fanáticos de Antônio Conselheiro. A verdadeira história da epopéia ocorrida nos sertões da Bahia.

REPIQUE DE BANDA: "A Guerra dos Canudos."

REPIQUE DE BANDA: No espetáculo desta noite teremos o desempenho de toda a nossa brilhante companhia.

(À medida que Zeca apresenta, os artistas fazem demonstrações de suas habilidades.)

ZECA TIBÉRIO *(continuando):*

Ponciano, o grande, o domador

indomável, aclamado no Brasil e na Europa.

Sana André, o mago insuperável, o rei dos mágicos. Vouques, o palhaço, o único que fez rir presidentes, príncipes e até reis.

Magda, a Salomé brasileira, a bailarina da dança do ventre e dos sete véus.

João Lindoso, o único anão malabarista do mundo e seu jegue Mimoso, pelo qual já recusou somas altíssimas.

Pedrão, o misterioso lutador negro, o gigante de ébano. É o mais forte dos brasileiros. Torce uma barra de ferro com os dentes.

E as exóticas, luxuriantes, bailarinas Ana e Susana, inigualáveis em seus ritmos bárbaros.

Todos eles aqui estão nesta noite para vos mostrar como foi "A Guerra dos Canudos", de autoria do mais glorioso membro de nossa Empresa, Zebedeu Martins, que além de escritor, é o maior comedor de fogo das Américas.

Ele também representará, mas só em mímica, não fala pois perdeu as cordas vocais num acidente da profissão.

(Zebedeu, além da espada com fogo, tem uma pluma para escrever e um pergaminho.)

ZECA TIBÉRIO: E, prezado, distinto, educado e seletto público, creio que estais estranhando a ausência de Bibi Gestas, o equilibrista louco. Por motivo de força maior, ele não poderá

apresentar-se... E será substituído por Vicente, artista convidado. *(Entra Vicente, desajeitado, traje largo, azul.)* Para Vicente, estreante hoje, pedimos vossa compreensão, pois se prontificou a colaborar nesta emergência, para não vos deixar sem espetáculo. Desculpem, portanto, algumas falhas. E Chico Tibério, o "ponto" mais elogiado pela crítica da Capital Federal. E ainda este que vos fala, Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias. E agora, com a vossa autorização, vamos a repique: A "Guerra dos Canudos".

(Escurece. A trupe sai lentamente. Chico Tibério entra na casinhola do ponto. Surge um quadro rústico escrito: Inscrição no quadro – muitos empreenderam compor a história dos acontecimentos que em Canudos se sucedera como nos contaram aqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares dos feitos. Também a mim me pareceu bem, depois de haver diligentemente investigado tudo, escrever esta história, para que todos conheçam a verdade.)

CENA II

(Cena toda cantada e em mímica. Maria Chana, mãe do Conselheiro, lava a roupa e passa as peças ao pai do Conselheiro, que as estende no varal. O Conselheiro menino brinca com o jegue e uma enorme bola vermelha de plástico.)

MÚSICA:

Maria lavava, José estendia,
Chorava Maria à beira do rio

Lavando as roupinhas de seu pequeno filho.

(O Conselheiro, ao bater a bola, machuca levemente a mão. Corre até a mãe. Maria Chana, terna, beija a mão do garoto. A criança volta a brincar.)

MARIA CHANA *(cantando)*: Maria lavava, José estendia.

Chorava o menino da mão que doía.
Não chores, menino, não chores,
amor,

Calai, meu menino, calai meu amor,
Que a faca que corta dá talho sem dor.

Os filhos dos homens em castelos
dourados

E vós, meu menino, em terra suado.

MÚSICA *(coro)*: Maria lavava, José estendia...

(O garoto bate a bola várias vezes, até que esta lhe escapa das mãos e vai rolando... rolando... rolando... escurece.)

CENA III

(Luz acompanha a bola. Até o outro lado do picadeiro. A bola bate numa árvore. Pára. A árvore é um embuzeiro gigante numa praça da vila de Chochorró, anos depois da cena anterior.

Antônio Vicente, o Conselheiro, camisolão azul, barbas compridas, breviário e bordão. Prega.

Escutam: Peregrinos, romeiros, mulheres. Uma velha suja, maltrapilha, é Izabel, a doida, fica o tempo a balouçar, como se embalada por uma música imaginária.

Izabel senta na bola. Brinca com ela.)

CONSELHEIRO: Meus Irmãos, foi para

isso que eu vim. Trago nos ombros pesada tarefa para executar.

PONTO: Trago missão...

CONSELHEIRO: Trago missão para cumprir. Foi para isso que eu vim. Tenho um poderio que farei brotar no meios desses cardos e desses cerdos.

(O Conselheiro pára de falar, como se Vicente, artista convidado, esquecesse o texto. O Ponto ajuda, em voz sussurrada a princípio.)

PONTO: Meus Irmãos, obedeci a igreja...

(Conselheiro continua mudo. Não repete as palavras do "Ponto".)

PONTO: Meus irmãos, obedeci a igreja e aos dez mandamentos...

CONSELHEIRO: Meus Irmãos, sou um apóstolo do Senhor, que me ungiu para evangelizar os pobres...

PONTO: Para receberdes vós a recompensa no paraíso...

CONSELHEIRO: Para proclamar a libertação dos cativos, para pôr em liberdade os oprimidos. Irmãos desta vila do Chochorró. Tomai temência, porque o Senhor também disse: "Sofrereis perseguição dos maus e retribuireis com benefícios derramados por onde passardes. Mas terás como meus santos apóstolos, o teu povo, que te seguirá noite e dia sem parar. Deste povo rebanho, serás o guia".

(Badalam os sinos.)

PEREGRINO: Hora do Conselheiro aconselhar com seu bom conselho. Fila, irmãos, fila. Hora do Bom Jesus, Antônio

Conselheiro aconselhar com seu bom conselho, fila, irmãos, fila.

(Os penitentes colocam-se ordenadamente em fila. Izabel, a doída, repete cantando.)

IZABEL: Fila irmãos, fila.

1º PEREGRINO: Vosmecê aí na frente, irmão. Vem chegando. O Bom Jesus Conselheiro te espera. Sem arreceio. Vem irmão.

(O Conselheiro senta, um romeiro se aproxima. Um sertanejo forte, violão na mão, gibão de couro, cartucheira, faca de arrasto, ajoelha, beija a mão do Conselheiro.)

1º ROMEIRO: Paz em Deus, a Bença.

CONSELHEIRO: Te abençoô, filho, que a tua morada seja sempre de paz. Que a mim te traz?

1º ROMEIRO: Eu não tenho pai nem mãe,

nem neste mundo parente;
Sou filho das tristes erva,
Neto das águas corrente;
Meu nome é Manoel Quadrado,
Vivi sempre pelo sertão
escorraçado.

CONSELHEIRO: Sei, filho, sei. Onde mora vosmecê?

MANOEL QUADRADO: Eu não sô daqui, tô chegando agora. Pra vim ouvi o bom conselho, andei léguas afora. Por favor não me mande embora.

CONSELHEIRO: Mas diz, filho, diz que a mim te traz?

MANOEL QUADRADO: Uma tarde, pai, ano faz, encontrei uma morena, morena dos oio grande, sombranceia de veludo, Dinheiro tinha nada, mas corpo valia tudo...

IZABEL *(cantando):* Dinheiro tinha nada, mas corpo valia tudo...

tudo... tudo

(Os peregrinos fazem menção de contê-la. Izabel, ao cantar, ensaia passos de dança.)

CONSELHEIRO: Deixa, irmãos, segue, meu filho, conta, te escuto.

(Izabel Aquieta.)

MANOEL QUADRADO: Com a morena me engracei.
Ela comigo engraçô.
Acertamo tudo de acordo
Como manda a Santa Igreja.

(Pausa.)

PONTO: Mas depois a coisa...

MANOEL QUADRADO: Mas depois a coisa deu pra mudá.
Parece até praga do Sataná.
Na mulher um papo foi nascendo
e dia a dia mais crescendo.
E com o papo uma febre terçã,
que, como fogo, colvarava ela por dentro.

PONTO: Mas... Sô de erva conhededô...

MANOEL QUADRADO: Sô de erva conhededô...
dei até infusão de rabo de preá,
sem nada adiantá, andamo de tratadô em tratadô...
buscamos até médico da capitá.
(Pausa.)

Porque com mulher papuda,
tapejara só casa com uma condição:
da mulhé dormi na cama e o papo dormi no chão.

IZABEL *(cantando)*: Do papo dormi na cama
e a mulher no chão... no chão...

MANOEL QUADRADO: Não é esse o caso, digo com precisão, pois quero ela... Mas quero ela boa, e se vosmecê, Santo milagrero, não me ajudá, minha cabeça

vai ficá girando atoa.

CONSELHEIRO: Filho, ferve n'água uma folha de chique-chique, coloca uma toalha branca no papo da mulher, e emborca com vagareza um copo d'água, dizendo por três vezes: Jesus morreu, Jesus ressuscitou. Vai Manoel Quadrado, segue teu caminho, que em três dias o mal está curado...

(Manoel Quadrado beija a mão do Conselheiro, apóia a cabeça em seu manto. O Conselheiro afaga seus cabelos. Izabel acalma totalmente. Um romeiro leva Izabel docemente. Ela senta-se ao longe. O peregrino que mandara os romeiros ficarem em fila, chega-se ao Conselheiro.)

PEREGRINO: Meu bom Jesus, permiti eu queria ficá, pelos caminhos errante vosmecê acompanhá...

CONSELHEIRO: A estrada é longa, cheia de pedras e entulhos... Ainda assim viríeis?

PEREGRINO: Sigo vosmecê, porque diz do céu e das coisa aqui da terra também, pra melhorá nossa sorte... Tô cansado de falação dos bem só pra depois da morte. Nada mais há que eu queira tanto, que andá na estera do vosso manto.

CONSELHEIRO: Seja pois! Há muito que entre os romeiros te vejo. Forte és, melhor no andejo. Como te chamas?

PEREGRINO: João, senhor; sobrenome Abade. De profissão: vaqueiro, agora escudo do Conselheiro!

(Um romeiro magro, de barbicha, ensaia passar furtivamente pelo Conselheiro.)

CONSELHEIRO: Quem és, que há

muitas jornadas noto, me seguindo pelos matos, ignoto? E esse olhar? Olhas para mim, como se adorasses a Eucaristia.

3º ROMEIRO: Por padre fui criado, vivi sempre na sacristia... Vosso xará no, nome sou, pois Antônio fui batizado; de "Beato" pelo povo sou chamado. Queria a seu rebanho me juntá, pra num vê mais criancinha de fome mirrá. E, de permeio, o Paraíso alcançá.

CONSELHEIRO: Assim seja, filhos. Pois eis que agora, para meu povo, logo quero dar uma nova Jerusalém, onde não haverá choro, nem clamor... não haverá criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus, porque aquele que morrer aos cem anos, morrerá jovem... E o meu povo edificará casas e nelas habitará... e plantará milho e jerimum e comerá o que plantar.

PONTO: ... Para que... Depois na vida eterna....

CONSELHEIRO: Para que... Desfrute o meu povo de toda a obra de suas próprias mãos...

PONTO: ...E edificação com o sofrimento o reino dos céus...

CONSELHEIRO: Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam....

(O Ponto desacorçoa. Desiste.)

CONSELHEIRO: Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, e não farão mal nem dano algum. (Pausa.) Assim seja, filhos. Em verdade,

vos digo: Quereis ser meus seguidores e eu vos farei de homens, pescadores.

(O Conselheiro levanta-se. Abençoa. Todos baixam a cabeça. O Conselheiro vai saindo lentamente, os romeiros o acompanham. Izabel começa a cantar. Sempre dançando.)

IZABEL: Venho de Patamuté, vestida de maltratos, vestida de maltratos...

Do céu, do céu veio uma luz que Jesus mandou.

Conselheiro Aparecido dos males nos livrou.

Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

ROMEIROS: Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

Conselheiro Aparecido dos males nos livrou...

(Saem todos cantando. Izabel por último. Escurece lentamente.)

CENA IV

(Ao longe, luzes de Vila de Natuba. Semipenumbra. Manoel Quadrado e Pajeú num desafio com violão. Pajeú é um negro forte. Tem uma faca de arrasto e uma espingarda. Dois ou três Tapejaras escutam.)

MANOEL QUADRADO: A vida de gente pobre padece, não tem altura; a vida de gente rica arregala e tem fartura.

PAJEÚ: O rico levanta cedo, toma café com mistura; pobre bebe garapa, quase sempre sem doçura.

MANOEL QUADRADO: Gente rica fica doente, vem logo o dotô e cura; quando pobre fica doente, o remédio é sepultura.

PAJEÚ: Cavalo de gente rica tem passo, tem andadura; a égua de gente pobre é calombo e pisadura.

MANOEL QUADRADO E PAJEÚ:

Quando gente pobre morre vai gozá lá nas alturas; o rico vai é prós quinto fervendo na fervedura.

(Tapejaras ensaiam aplausos. Pouco antes do fim do desafio, dois vultos se acercam: João e Abade e Antônio Beatinho, discípulos do Conselheiro. Aproximam-se do jegue, desamarram-no.)

PAJEÚ: Ei... Ó de lá... Deixa o jegue...

MANOEL QUADRADO: Mexe não! Pra que sortá o bichinho? É jegue nunca montado, mexe não... Virge de bunda seja de home ou de muié...

JOÃO ABADE: Adescurpa, irmão Pajeú; não se arreceie Mestre Quadrado. Sô João Abade, discípulo do Conselheiro, a vosmecê mandado.

PAJEÚ: De há muito o pó da sola do Santo busco... E sua palavra a mim dirigida será sem tardança obedecida.

ANTONIO BEATINHO: Nosso Bom Jesus está a légua de jornada e logo em Natuba dará entrada de seu povo seguido. E há pouco o Mestre Abade falô: "João, o bento chamaí e para Natuba rumai..."

PONTO: ...jogo às portas...

ANTONIO BEATINHO: Logo às portas da aldeia um jegue estará. Seu dono é moço Pajeú, que entre os meus quero. Ao seu lado, Manoel Quadrado, que há muito espero. Se vos

questionarem, dizei: o Bom Jesus do jegue uso fará, mas logo o devolverá.

MANOEL QUADRADO: Leva o jegue, falo por mim e por irmão Pajeú, porque no burrico tenho meação. Leva e diz ao Santo, que Manoel Quadrado, do Conselheiro devedor, de hoje pra frente, está com ele e sua gente.

PAJEÚ *(afagando o jegue):* Vai, bichinho, carrega o Santo com carinho. Traiz ele com vagareza e cuidado, que nós fais o fato anunciado.

(Pajeú tira a manta do corpo e coloca no burrico, Beatinho e Abade saem devagar, levando o jegue.)

PONTO: ...irmãos, povo de Natuba...

MANOEL QUADRADO: Irmãos, povo de Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Depressa, irmãos pra estrada, pro profeta dá entrada.

PAJEÚ *(como um arauto):* Povo de Natuba, o Bom Jesus vai chegar. Descobri vossas cabeças, irmãos. Tá chegando o Bom Jesus, Antônio, Santo, Pai e Conselheiro, Aleluia.

(Surgem os moradores da vila de Natuba. Ao longe, ouve-se um canto. É a gente do Conselheiro que se aproxima.)

MÚSICA:

Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...

Conselheiro Aparecido dos males nos
livrou...

Conselheiro Aparecido dos males nos
livrou...

(Entra o Conselheiro montado no jegue, com ele, Abade, Beatinho, Romeiros. Trazem uma imagem num

oratório e uma grande cruz.)

MÚSICA:

Do céu, do céu veio uma luz
Que Jesus mandou...
Conselheiro Aparecido dos males nos
livrou...
Conselheiro Aparecido dos males nos
livrou...

*(O povo de Natuba saúda o
Conselheiro com vivas, estendendo
mantos, colocando ramos de
árvores, flores, em sua passagem.
Misturam-se o povo de Natuba. E a
gente do Conselheiro.)*

VOZES:

Hosana, Hosana.
Bendito o que vem em nome do
Senhor.
Aleluia. Aleluia.
Viva o Bom Jesus Conselheiro.
Aleluia.

*(Entra uma velha, correndo – Tia
Benta – perseguida por dois
cobradores municipais de impostos.
Agarra-se aos pés do Conselheiro,
ajoelha-se.)*

TIA BENTA: Meu pai Santo, agasalho
e proteção pra uma velha
perseguida pela lei do cão.
*(Antes que o Conselheiro responda,
os cobradores agarram a velha.
Murmúrios de protestos entre o
povo.)*

PRIMEIRO COBRADOR: Num adianta
invocá proteção de Santo
nenhum, Vosmecê vai com a
gente.

*(O Conselheiro apeia-se. Os
cobradores soltam a velha.)*

CONSELHEIRO: Quem a mim se dirigir,
coisa querendo pedir, seja
homem, ou fraca mulher, nunca
partiu sem dizer o que quer.
(Abade e Pajeú dão empurrões nos

cobradores.)

JOÃO ABADÉ: Não escutô, cabra
safado? Arreda, peste.

1º COBRADOR: É por ordem do Chico
Dantas, o prefeito. Essa velha,
por Tia Benta conhecida,
imposto num qué pagá de suas
estera vendida.

TIA BENTA: Verdade não, Pai. Querê,
quero. Posso não, Pai. Estera
vendo por quatro vintém, aqui
que me desdiga alguém. Se treis
pago pelo materiá, que já não
é do bom, como posso ao
Prefeito dá o último tostão? Do
que vô vivê? E os neto-órfão vô
deixá morré? Me ajuda eu, Pai.
Pelo menino, pelas estera do
destino, ajuda eu, Pai.

CONSELHEIRO: Mestre Abade,
procura as tábuas dessa lei.
Quero ver.

PAJEÚ: Precisa não, Pai. Tão aqui.
*(Pajeú ao fundo arranca um quadro
de madeira. Pajeú passa o quadro a
Beatinho que o entrega ao
Conselheiro. O Conselheiro lê em
silêncio.)*

PONTO: ... é desrespeito. Arrancô a
lei...

1º COBRADOR: É desrespeito arrancá
a Lei da República.

2º COBRADOR: Fica calmo, é meiô.

PAJEÚ: Cala a boca, desgraçado.

MÚSICA:

Garantidos pela lei, aqueles
malvados estão.
Nós temos a Lei de Deus, eles têm a
Lei do cão.
Eles têm a Lei do cão, nós temos a
Lei de Deus.

Garantidos pela lei, aqueles
malvados estão.

1º COBRADOR: É desrespeito,

vosmecê. Conselheiro, está indo mui longe. Num arrespeita, nem o Prefeito, nem a República.

2º COBRADOR: Calma, num vai mais ofendê o Santo.

1º COBRADOR: Tem dó do que sua gente vai passá. Então, crê que imposto num é pra pagá?

(Abade ameaça agredir o primeiro cobrador.)

CONSELHEIRO: Deixa o homem, João. Eu não disse que a lei é para ser desrespeitada. Eu não vim para abolir as leis, mas para melhorar as leis. Se é uma lei errada, cabe a mim ao meu povo mostrar a norma acertada. *(Pausa.)* Depois meu filho, vosmecê é cobrador de quem: Da República ou do Imperador?

1º COBRADOR: Trabalho pro Município de Natuba, sô da República servidô.

CONSELHEIRO: Beato, me dá uma moeda.

(Beato tira do grande saco de dinheiro, que sempre traz consigo, uma moeda.)

CONSELHEIRO: Agora, filho, sem tardança, me dá resposta. De quem é esta figura que a moeda mostra?

(Conselheiro exhibe a moeda aos cobradores.)

1º COBRADOR: É de Pedro Molenga, o Imperadô. Mas é que o dinheiro da República aqui ainda não chegô.

CONSELHEIRO: Ao Imperador o que deve ser do Imperador; ao Senhor o que é do Senhor, e ao meu povo o que é do meu povo. Essa lei de cobrar imposto

de esteira pro pobre feita, injustiça é, pra minha gente, não dou nela fé.

PONTO: ... Cuidado, Santo, essa prática perigosa...

1º COBRADOR: Cuidado, Santo. Essa prática perigosa se faiz. Cum governo e soldado num é bom se desavim, que isso pode levá a mau fim.

ABADE: Inda fala. Te abro no meio. Cala.

(Abade corre sobre o primeiro cobrador, seguido de Pajeú. Conselheiro faz um gesto de calma. O primeiro cobrador foge. O segundo cobrador cai de joelhos.)

2º COBRADOR: Se perdão ainda tenho, posso me aquentá ao vosso lenho?

CONSELHEIRO: Como a todos, te esperava, te conhecia. Um dos nossos serás a partir deste dia.

BEATINHO: Ele tem uma sacola dos dinheiro roubado dos impostos. Vô pegá pra nossa gente distribui com justeza e gosto.

(O Conselheiro assente. Beato arranca a sacola do cobrador. Beato sai. Conselheiro toma a tábua da lei nas mãos.)

CONSELHEIRO: Ao Imperador o que é do Imperador, ao meu povo o que é do meu povo. Eu queimo essa lei e tudo o que de mal aparecer de novo. Queima, mestre Abade, queima.

(Passa a tábua da lei a Abade. Pajeú acende uma tocha.

Incendeiam a tábua da lei. Clarão crescente à medida que a cena se desenvolve. Pequeno a princípio, iluminando depois o picadeiro.)

CONSELHEIRO *(como num flash,*

dentro da cena.): Vocês agora vão sofrer com isso, mas eu que cuido de vocês, fico para protegê-los. *(Pausa.)* A família real foi por Deus constituída para governar o Brasil. Que o presidente se convença disso e a República há de cair por terra.

MÚSICA:

Viva Izabel, a Redentora.
Proclamando com ardor,
viva o defunto Imperador.

CONSELHEIRO: Quem subiu ao poder
pela força das armas praticou
uma injustiça contra os mandos
reis do nosso trono.

MÚSICA:

Saiu D. Pedro para o reino de Lisboa.
Acabou-se a monarquia e o Brasil
ficou à toa.

Acabou-se a mornaquia e o Brasil
ficou à toa.

CONSELHEIRO: A República é obra
da incredulidade e o
casamento civil é a lei do
escândalo.

MÚSICA:

Casamento vão fazendo
Só pro povo iludir
Vão casar o povo todo
No casamento civil.
Desgraçado são aqueles
Pra fazerem a eleição
Abatendo a lei de Deus
Suspendendo a lei do cão.

CONSELHEIRO: Agora veio a
República com toda a
ingratidão, mas há de mil
rebanhos correr, da praia para
o sertão, e haverá muitos
chapéus e poucas cabeças, e
haverá muito pasto e pouco
rastros, e um só pastor e um só

rebanho. *(Pausa.)* E quando as
nações brigarem com as
nações, o Brasil com o Brasil, a
Inglaterra com a Inglaterra e a
Prússia com a Prússia, das ondas
do mar sairá D. Sebastião, com
todo o seu exército, e então o
sertão virará praia e a praia vai
virar sertão.

MÚSICA:

Num dia de cerração, montado em
deu cavalo,

Quem quiser pode esperá-lo, El Rei
Sebastião

Sebastião já chegou e traz muito
regimento

acabando com o civil e fazendo o
casamento.

O anticristo nasceu e quer no Brasil
mandar

Mas aí está o Conselheiro para dele
nos livrar.

Visita nos vem fazer El Rei Sebastião
Coitado daquele pobre que estive
na lei do cão.

PONTO: ... Depois da vida cumprida
aquele tiver...

CONSELHEIRO: Aquele que não tem
uma espada, venda seu hábito
e compre um gládio, porque
das ondas do mar sairá D.
Sebastião.

MÚSICA:

Montado em seu cavalo, num dia de
cerração,

quem quiser pode esperá-lo, El Rei
Sebastião.

É tudo será festejo, parece que já o
vejo moço-rei a governar, moço-
rei a governar...

BEATO (como um arauto): É preciso
uma terra encontrá...

PAJEÚ (como um arauto): Pro nosso
povo morá...

ABADE (como um arauto): E dessa República escapá...

CONSELHEIRO: A caminho, filhos, a caminho.

(À medida que o Conselheiro fala, fundo musical em surdina. Todos caminham pelo picadeiro até estacarem num lugar do outro lado. É a fazenda velha, à beira do rio Vazabarris.)

CONSELHEIRO: É aqui, é aqui a terra da promessa. Neste lugar dos Canudos nós vamos abancar. Neste rio Vaza-Barris vai correr leite e de cuscus de milho serão as suas barrancas. E nos outros rios, no Mucuim no Umburanas, vai nascer mel... Nas colinas, nas serras, tudo dará em abundância: cana-de açúcar de descascar com os dedos, gerimum à farta, e chuva... muita chuva.... Meu povo vai fazer o saco nas vilas por cerca e trazer tudo para cá, e Mestre Abade, comandante do povo, vai distribuir tudo por igual, porque depois da enchente vem a semente. A peste não entra. É aqui que será o Império de Belo Monte.

(À medida que a próxima música for cantada, haverá intensa movimentação de povo. arrumando o lugar escolhido. A movimentação é mais ou menos assim: Abade e pajéu fincam uma cruz. Jagunços fazem traçado para casa. Beato recolhe dinheiro. Jagunços aram a terra. Manoel Quadrado distribui pás, enxadas, instrumentos de trabalho. Abade distribui espingardas.)

MÚSICA:

É aqui, é aqui, o Império de Belo

Monte

É aqui, é aqui. Canta jagunço, canta irmão.

Reza com o Conselheiro, tua libertação.

A sertão todo em flor esplende e cheira;

Jagunço! Chegou a hora da redenção!

Teu braço não mais vai bater o solo
Sob o manto pesado do feitor:

Teus filhos não mais dormirão ao relento

tatuados de bexigas, comidas de úlcera, castigados de maleita.

Tua mulher não mais irá viver na casa dos outros.

Como um traste qualquer.

Tu não terás mais ponto nem feitor

Nem zanga do coronel, nem as ordens do doutor.

Volta a terra, jagunço,

Larga o rifle, *mas deixa perto!*

Cava o solo que anseia pela semente.

É aqui, e aqui o Império de Belo Monte;

É aqui, é aqui!

ABADE (como um arauto): Vem, irmão. *(Som de trombeta sertaneja.)*

ABADE: Vem, irmão.

(Chegam romeiros. A "canção dos jagunços" é entoada em surdina, durante a cena.)

VOZ: E o povo chega como uma enchente. Do mar pro sertão, do sertão pro sertão.

VOZES: De Itabaina. De queimada.

Da Bahia. Do Piauí.

de Cansanção. De Massacará.

De Jacobina. de Itapicuru.

Do Cumbe. do Ceará.

De Pernambuco. De Traipu.

ABADE: Vem, irmão!

(Tudo vai se transformando até

entrar numa rotina de trabalho, amor e paz.)

SUB CENA

Entram dois ou três Peludos". Arrumam o picadeiro para a cena seguinte, espicaçados com violência pelo Mestre de Cerimônias e pelo Domador.

CENA V

(Surgem, num elevação do picadeiro, com uma rampa até o rés do chão, Frei Evangelista do monte Marciano e Frei Caetano Paptistão. Descem por entre o povo de Canudos que trabalha e canta. Os frades vêm em santa missão para salvar o jagunços... À medida que descem, passando pelo povo, a música cessa e o povo fica estático, em silêncio. Frei Marcelino é alto e solene. Frei Paptistão é corcunda. Chegam à porta da igreja nova, em construção. Vê-se um sino, preso a uma coluna e uma velha pia de batismo. Os frades são recebidos pelo Conselheiro, acompanhado de Abade, Pajeú, Beato, Tia Benta e povo.)

FREI MARCIANO: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CONSELHEIRO: Para sempre seja louvado, tão bom senhor!

FREI MARCIANO: Aqui venho em fim de paz, em missão sagrada, falar a essa gente de padre há muito abandonada.

CONSELHEIRO: No que a vosmecê puder ajudar, podeis contar.

PONTO: ... Na casa que reservei...

CONSELHEIRO (com má-vontade): Na casa que reservei para o vigário do Cumbe, logo ali na rua do

Campo Alegre, podeis vos alojar. Suprimo de boca mando já providenciar. Nada há de falar.

FREI MARCIANO: Estamos em missão sagrada, ordenada pelo arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé, preocupado por ter o povo de canudos perdido a fé...

CONSELHEIRO: Assim fato não é! Meu povo é respeitador das coisas da Igreja, e eu de mim nada mais quero do que viver em paz, além de aqui e ali uns açudes d' água arrumar... E o fruto do plantio a cada um assegurar.

FREI MARCIANO (cortando): No entanto, essa não é a notícia que temos. S. Exa., o governador Rodrigues Lima, este caso acompanha porque o governo desrespeitado foi. Sem dizer que nas coisas de Deus, mais aqui se fala no temporal do que no espiritual.

CONSELHEIRO: O governo, do sertão, só se lembra pra buscar soldado em tempo de guerra e imposto no tempo da paz.

FREI PAPTISTÃO (baixo, a Marciano): Eis aí. Eis aí a prova. É um revolucionário. Eis aí.

CONSELHEIRO: Se vosmecês quiserem, a igreja vou mostrar... Por favor, queiram me acompanhar.

(Os três andam por andaimes. Embaixo, Abade, Pajeú e o povo acompanham.)

CONSELHEIRO (apontando): Uma das torres daqui sairá, ali a base da outra. Mas acima, do outro lado, a nova pia de batizados. E

na frente, a nave...

PONTO: ... O altar dourado...

CONSELHEIRO (*com má-vontade*): ...

O altar dourado, com um Santo Antônio de Portugal mandado. E o povo, na volta do trabalho, todas as noites estará...

FREI MARCIANO (*cortando*): Senhor Antônio Mendes Maciel, como já vos disse, meu fim é todo de paz, e por isso estranhar devo de enxergar tantos homens armados...

CONSELHEIRO: É para minha guarda e da minha gente que o povo está armado. Porque fato conhecido, é, que a polícia atacou-me e quis matar-me num lugar chamado Masseté, onde houve mortos de um e outro lado...

FREI MARCIANO: Caminho legal para isso existe. Uma queixa à justiça podíeis apresentar.

(*Risos.*)

TIA BENTA (*imitando*): "Uma queixa à justiça podeis apresentar"... bah!!!

(*Risos.*)

CONSELHEIRO: No tempo da monarquia, deixei-me prender porque reconhecia o Governo. Hoje, não, porque não reconheço a República.

FREI PAPTISTÃO: Eis aí. É um revoltoso, eis aí.

FREI MARCIANO: Vou abrir a Santa Missão, para batizar, confessar e explicar ao povo transviado a pensar na vida eterna...

PONTO: ... E não apenas na felicidade terrena...

FREI MARCIANO: E não apenas na felicidade terrena e vou ainda

aconselhar essa gente toda a largar as armas e voltar para seus lares.

TIA BENTA: Não quero o padre herege.

VOZES: Nós queremos acompanhá o Conselheiro.

(*O Conselheiro com um gesto silencia o povo.*)

CONSELHEIRO: Meu frade, acolhida de irmão vos dei e, além de me agredir, nem seu nome sei.

FREI MARCIANO: O nome numa hora assim pouco importa; o que importa é saber que Cristo nos exorta!

(*Rumor de desaprovação do povo.*)

FREI MARCIANO: À ordem dos Capuchinhos pertencemos, Frei Caetano Paptistão, e eu que a Missão Chefia: Frei João Evangelista do Monte Marciano.

CONSELHEIRO: Nada há nos Canudos que assuste um marciano.

FREI MARCIANO: Senhor, se é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas e aceitando todas as formas de governo...

TIA BENTA: As Igreja tá sempre cos poderoso...

FREI MARCIANO: ... Ensina que os poderes constituídos regem os po vos em nome de Deus.

ABADE: Safa, padre maçom.

FREI MARCIANO: É assim em toda a parte: A França que é uma das principais nações da Europa foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos que é República e todo o povo de lá, sem exceção dos monarquistas, obedece às autoridades.

PAJEÚ: Esse povo tá errado de aceitar as coisas má.

TIA BENTA: Nois num tem nada cos francesos, nois qué o nosso Conselheiro aqui no sertão.

VOZES: Abaixo os padres do governo. *(Conselheiro acalma o povo.)*

CONSELHEIRO: Não sou nenhum vagabundo de Deus. Sei o que é bom para o meu povo. Se a gente da França aceita a República, pior para eles e mais ainda se a Igreja apóia...

FREI MARCIANO: Então afirma que a Igreja da França errou?

FREI PAPTISTÃO: Sacrílego, além de revoltoso, eis aí.

CONSELHEIRO: Não sei se errou ou acertou, das coisas de lá não posso dizer, mas das daqui posso e quero, foi para isso que eu recebi minha embaixada. Comigo os mansos possuirão da terra, mas os que tem fome e sede de justiça também serão saciados.

FREI PAPTISTÃO: Está adulterando as escrituras, sacrílego. *(Vozes agressivas de desaprovação.)*

ABADE: Cala. urubu de corcova.

TIA BENTA: Queto, corcunda safardana.

CONSELHEIRO: No dia que virá e perto está; que será um grande dia aquele e não há outro semelhante, o Senhor dos Exércitos afastará o jugo do pescoço de seu povo e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo.

FREI PAPTISTÃO: Agora adultera Jeremias. Excomunhão. É caso de excomunhão.

CONSELHEIRO: Aqui nos Canudos

meu povo vai viver em paz, porque nos outros lugares está tudo contaminado pela República.

BEATO: Tem de sê assim. Foi por isso que nós ficuemo com o Conselheiro.

PONTO: ... É mau esse pensar...

FREI MARCIANO: É mau esse pensar e doutrina errada é a vossa.

TIA BENTA: O padre é que tem doutrina errada e não o nosso Conselheiro.

VOZES: Abaixo os padres herege e Republicano. Viva o Bom Jesus.

PAJEÚ: Morra o padre maçõn.

TIA BENTA: Viva o Bom Jesus Conselheiro.

FREI CAETANO: Proíbe então a Santa Missão?

PONTO: ... Eu não estorvo.

CONSELHEIRO: Eu não estorvo essa Santa Missão, mas também não desarmo minha gente. *(Conselheiro sai.)*

CENA VI

(Mesmo cenário da última cena. Frei Marciano prega. Por perto, Frei Paptistão. Ouvem: Abade, Beato, Pajeú, Tia Benta e povo.)

À medida que esta cena se desenvolver, escorregarão do alto da nave grandes faixas negras e roxas, lentamente, até transformar o local, que era alegre, em sombrio e triste.)

FREI MARCIANO: A bem-aventurança eterna será obtida através de... *(Jagunços entreolham-se sem entender.)*

FREI MARCIANO: ... Obras pias, desprendimento, sacrifícios e, principalmente...

PONTO: ... Aceitação das condições

que a divina...

FREI MARCIANO: Aceitação das condições que a divina providência nos impôs... *(Pausa.)* Pode-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e uma chávena...

TIA BENTA: Chávena?

FREI MARCIANO: ... Chávena de café pela manhã...

PAJEÚ: Isso não é jejuar. É comer à farta.

(Risos. Pajeú e Tia Benta saem.)

FREI MARCIANO: ... A cada missa assistida, a cada óbulo...

(Olhares espantados.)

FREI MARCIANO: ... Óbulo doado à Santo Igreja, estareis assegurando uma parcela do Paraíso e livrando-vos dos castigos eternos do Inferno.

PONTO: ... O respeito ao sagrado...

FREI MARCIANO: O respeito ao sagrado direito de propriedade...

(À medida que Marciano prega, Paptistão coloca mesinhas com imagens de santos, velas, terços, água benta em vidros anforados de diversas cores, tudo amontoado, com preços espetados em cima, como numa feira. Descem as faixas negras e roxas.)

FREI MARCIANO: ... A cada oração, a cada prece, ou mesmo a cada terço adquirido ou imagem comprada, uma graça vos será acrescentada.

FREI PAPTISTÃO: Terços de vidro de Espanha por dois tostões, trezentos dias de indulgências acompanham. Madonas dos espinhos, importados de Paris, dão direito a um Santo colorido

de papel e graças mil.

FREI MARCIANO: Devagar, Paptistão, não se exceda.

(Paptistão quer conter-se, mas seu temperamento não permite.)

FREI PAPTISTÃO: Águas bentas, bentas pelas mãos de D. Tomé, Arcebispo da Bahia, dois tostões também a garrafinha, ricamente lapidada, cem dias de indulgências garantidos!

(Um jagunço aproxima-se e compra. Paga. Beato intervém. Arranca a garrafa, toma o dinheiro, empurra Paptistão. Quebra a garrafa no chão. O jagunço foge.)

BEATO: Padre sem vergonho!
(Beato sai.)

FREI MARCIANO: Tudo aqui fere a Deus.

PONTO: ... Ainda é tempo...

FREI MARCIANO: ... Ainda é tempo de salvar vossas almas; o governo providências logo vai tomar; vocês todos devem dispersar-se, voltar às casas reconhecer às autoridades, obedecer aos padres, ainda é tempo!

(Entra o conselheiro enfurecido, acompanhado de mestre Quadrado e outros. Vai derrubando as mesas de comércio à medida que passa. Quadrado joga Paptistão no chão.)

CONSELHEIRO: Fora! Esta é a casa do Senhor e vos fizestes dela um balcão de negócios e um centro de política. Fora.

FREI MARCIANO: Depois tarde será para o arrependimento. Pensai...

CONSELHEIRO: Fora. Fora.

ABADE: Esse frade Marciano mais o corcunda Caetano estão de inteligência co governo e só querem abri caminho pras tropa

que vem de surpresa prendê o
Conselheiro e acabá co'a nossa
raça. Fora cos padres safado.
Fora.

VOZES: Abaixo os frades republicano.
Fora. Fora.

(Com um apito, João Abade orienta o povo que, em movimentos harmônicos, vai expulsando os frades. Frei Marciano sai, tentando manter a dignidade. Frei Paptistão agarra o que pode de seus trastes e sai sob gritos. Sobem as faixas negras e a nave clareia alegre de novo. Luz em resistência. Acende nos dois padres subindo a mesa rampa por onde desceram para entrar em Canudos, vergados sob o peso dos trastes e da humilhação. Chegam ao alto da rampa. Paptistão cai ao chão, cabeça enfiada nos trastes. Marciano olha a vila aos pés. Tira a sandália, sacode o pó sobre Canudos e amaldiçoa a cidade.)

FREI MARCIANO: Povo maldito!
Tapera desgraçadas. Da tua
arrogância, em breve nada
ficará! Antônio Maciel, te
amaldição, a ti e a tua gente
do inferno!
Desses Canudos imundos, nem
uma pedra restará!
Delenda est Canudos!

Saem.
(Com ironia.) Delenda est Canudos.

PANO

(Na frente do pano, entra Zeca Tibério. Mestre de cerimônias.)

ZECA TIBÉRIO: Respeitável e seletor público, aqui termina o primeiro ato do belo espetáculo". A Guerra de Canudos". Tudo

correu bem... Mas uma desculpa apresento pela atuação de Vicente, ator convidado, que não conhecendo bem as falas vez por outra descuidou-se. Desculpai, Senhoras e Senhores. Agora, podeis regalar nas barracas de garapa, amendoim e pipoca.

ZECA TIBÉRIO *(continuando):*

Enquanto isso, Zebedeu, nosso grande autor, ficará por entre vós, para assinar as músicas, do drama que podeis adquirir por preços módicos...

(Zebedeu desce para o meio do público, levando a pluma para assinar, acompanhado de Magda, a primeira bailarina, ricamente vestida, e um Peludo. Ambos carregam folhetos das músicas do drama, para serem vendidos aos assistentes.)

VOZES: Garapa, Amendoim.
Tremoços. Pipoooca.

VOZ *(alto falante ao fundo):* Amanhã ainda "A Guerra de Canudos", e sábado inicia o sensacional espetáculo. "A Morte do Capitão- Mor." Não percam.
(Música de Circo.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Antes de se abrir o pano.)

VOZ *(ao fundo alto falante):* Distinto, seletor e educador público, com vossa permissão, teremos agora o segundo ato da "Guerra dos Canudos". Pedimos, de novo, que se mantenha o máximo

silêncio, a fim de que nada se perca e todos possam aproveitar tudo o que esse formidável drama nos ensina.

CENA 1

(Ouve-se uma voz, idêntica à de um locutor de futebol ao dar constituição das equipes que vão adentrar o campo para um jogo.)

VOZ *(pregão esportivo):* A nova expedição contra Canudos está assim constituída: Chefe, Coronel Antônio Moreira César; oficiais, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Major Cunha Mattos e Capitão Salomão da Rocha; Capitão Pedreira Franco, Tenente Ávila e outros menos graduados. Ainda mil e trezentos soldados, estupendamente armados. Briosa cavalaria. Quinze milhões de cartuchos, setenta tiros de artilharia.

(Moreira César surge ao rés do picadeiro e começa a subir uma rampa. Moreira César está de uniforme. É um homem pequeno, calvo, pálido, sofre de epilepsia.)

VOZ *(pregão esportivo):* Acompanhado da confiança popular, Moreira César partiu do Rio de Janeiro, desembarcou em Salvador, e, como um raio, em cinco dias estava em Queimadas, em mais duas jornadas chega ao alto da favela, pronto para o embate decisivo com os jagunços de Antônio Conselheiro. O país aguarda, com intensa expectativa o início do combate. Os prognósticos

favorecem a brava equipe de Moreira César, invicta em todos os encontros nos campos do sul do país.

(Moreira César chega ao meio da rampa. Entram oficiais uniformizados correndo. Param entre o início da rampa e o lugar onde se encontra Moreira César. Saúdam o público. Como um time de futebol. Estão o coronel tamarindo e outros oficiais.)

OFICIAIS *(coro, saudando):*

Arakan, barambakan, stumberê, stumberá, macambé, mecambecá... Rico reco, rico rá... rá-rá-rá...

Moreira- Moreira- Moreira- reira-reira...

Moreira César, César, César, César... *(Moreira César sobe mais uns passos com solenidade. À medida que ele sobe, a saudação esportiva vai se transformando numa saudação de triunfo romano.)*

OFICIAIS: Viva Moreira César. Viva César. Ave César. Ave César.

(Moreira César chega ao fim da rampa, senta num trono romano, em semicírculo, coberto com cetim vermelho e púrpura. Em volta, os oficiais. Entra uma mulher suja, terço preso à roupa, cruz de madeira. Agregada às tropas. Num relance, sobe correndo a rampa. Joga-se aos pés de Moreira César. Os oficiais saltam, temem um atentado. Moreira César assusta-se.)

MOREIRA CÉSAR: Arreda, mulher, arreda. Que é? Que é?

(A mulher coloca a cruz de madeira na mão de Moreira César.)

MULHER: É para protegê vosmecê, senhor generá. Vai precisá. É

santa cruz protetora.

(Moreira César gargalha.)

MOREIRA CÉSAR: Deixa prá lá, velha beata.

(Empurra a mulher com o pé. Joga a cruz no chão. Pega a espada.)

MOREIRA CÉSAR: Deixa pra lá, que santa cruz protetora coisa nenhuma. Eu só acredito na força da minha espada.

(Moreira César gargalha. A mulher sai.)

MÚSICA:

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria,
Moreira César, nosso chefe, nosso
guia,

vai, vai, vai, infantaria...

(Enquanto soa a música, Moreira César, acompanhado pelos oficiais. Anda pelo picadeiro, como numa revista, todos tem um ar glorioso, Marcial, Moreira César bate com o pé numa garrafa. Música cessa.)

MOREIRA CÉSAR: Que joça é essa?

OFICIAL *(abaixando-se e pegando a garrafa):* Uma garrafa, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR: Dê pra cá.

(Moreira César pega a garrafa.)

MOREIRA CÉSAR: Coronel Tamarindo!
(Moreira César fica roxo. Ameaça um ataque de epilepsia. Retorna ao normal. Tamarindo adianta-se e perfila-se.)

TAMARINDO: Pronto, meu coronel.

MOREIRA CÉSAR: Já determinei: não quero aguardente em minha tropa...

TAMARINDO: Coronel, não vejo em que...

MOREIRA CÉSAR: Não interrompa.

Não quero aguardente em minha tropa nem pra remédio.

TAMARINDO: Não posso ser responsabilizado por...

MOREIRA CÉSAR: Seu ordenança esteve ontem na Fazenda Cachimbé e trouxe para o acampamento mais de dúzia de garrafas de mandureba. Repito: Não admito álcool em minha tropa e muito menos que meus oficiais façam uso dele.

MOREIRA CÉSAR: O infante é o melhor dos soldados, quando tem um bom chefe. Não se esqueça Coronel Tamarindo, que se algo me suceder, o senhor é quem assume o comando, deve dar o exemplo.

PONTO: ... A infantaria quer que...

MOREIRA CÉSAR: A infantaria quer que seu chefe a comande em condições de superioridade. O chefe não é um igual. O infante sabe...

TAMARINDO *(à parte):* Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR: Reconhecer seu comandante sem precisar olhar-lhe os galões.

PONTO: ... E além disso, coronel, hoje...

MOREIRA CÉSAR: E além disso, coronel, hoje, ao inspecionar o acampamento, encontrei as instalações sanitárias em péssimo estado. E quando visito uma casa e encontro um local desses imundo, firmo logo conceito: é casa mal orientada e mal dirigida.

TAMARINDO: Pois eu, meu coronel, quando vejo uma casa arder, não me preocupo com a

latrina.

MOREIRA CÉSAR: Dê sua opinião, Cel. Nunes Tamarindo, quando esta for solicitada, entendido?

TAMARINDO (*mais à parte.*): Epilético filho da puta.

MOREIRA CÉSAR: Disse alguma coisa, coronel?

TAMARINDO: Concordava, não há motivo para disputa.

(*Pausa.*)

MOREIRA CÉSAR: Senhores!

(*Moreira César solene, os oficiais perfilam-se.*)

MOREIRA CÉSAR: Senhores, como todos sabem, estou muito doente. Há dias não me alimento, mas amanhã, vou almoçar em Canudos.

OFICIAIS: Amanhã!?!?

MÚSICA:

“Vai, vai, infantaria”

(*Começa a soar baixinho.*)

MOREIRA CÉSAR: Vamos atacar Canudos amanhã, pela madrugada. O plano é este.

(*Música mais alto.*)

MOREIRA CÉSAR: A cavalaria descerá pelo outeiro da favela, com a cobertura da artilharia, sob o comando do Capitão Salomão e eu mesmo cairei sobre o arraial à frente do sétimo.

PONTO: ...Canudos será...

MOREIRA CÉSAR: Canudos será tomada sem se perder um só homem. Alguma dúvida, Senhores?

(*Silêncio.*)

MOREIRA CÉSAR: Então, aos preparativos, vos.

MÚSICA:

Vai, vai, vai, infantaria...

vem, vem, vem, infantaria...

Avante, avante, infantaria...

É o sétimo batalhão de infantaria, Vai, vai, vai, infantaria...

Moreira César, nosso chefe, nosso guia.

CENA II

(*Grupo de jagunços em preparativos para o combate. Estão: o Conselheiro, João Abade, Pajeú, Manoel Quadrado e outros. Pelo chão, sacos e cordas.*)

CONSELHEIRO: Pega os homens.

Irmão Pajeú espalha por toda a serra, desde o Caypan até o Cambaio.

ABADE: Põe gente nos mutuans, cava buraco fundo e esconde os home ali. Quando os cabra do governo surgiu, fogo neles. Vai irmão.

PAJEÚ: Salve o Bom Jesus.

(*Pajeú sai.*)

ABADE: Mestre Quadrado, vai com rapidez, de cada cem em cem jarda, faiz um cercado com folha de mandacaru, põe um home dentro com quinhentos cartucho. Derrama dessas armadilha, por toda as marge do Vaza-barris. Um dos nossos vai sempre segurá um batalhão das fraqueza do governo. Os cabra do Moreira César vão corrê que nem animal cabrito desce descendo montanhas, mordidos pelas favela, escorraçado.

MANOEL QUADRADO: Viva o Bom Jesus Conselheiro!

(*Manoel Quadrado sai.*)

MÚSICA:

Nuvem do céu há de vir...

Pros inimigos destruir...

(Entram tia Benta e Beato. Trazem sacos e cordas. Fazem reverência para o Conselheiro.)

CONSELHEIRO: Quantas colmeias trouxe, tia Benta?

BENTA: Trinta e três, meu Santo, com cinco já pega dantes, trinta e oito são somadas.

PONTO: ...Bom, e vosmecê, mestre...

CONSELHEIRO: Muito bom! E vosmecê, mestre Beato?

BEATO: Meu bom Jesus, arrumei mais de duas dúzias, além das perdidas que se esborrachó no chão na hora de enfiá no saco.

ABADE: Co as cento e pocas que já tínhamo, dão mais de duzenta.

CONSELHEIRO: Alguém ficou ferido?

BEATO: Chegando de mansinho, como vosmecê falô, na hora de meia noite. Os bichinho tava dormindo... Inda sim, tia Benta levô ferroadada na mão.

BENTA: Foi uma das grande, das vermeia. Saiu da cormeia, voô pra cima de mim, carvô o ferrão. Tá inchado que dói.

CONSELHEIRO: Deixa ver.

(Conselheiro examina a mão de Benta.)

PONTO: ...Esfrega fumo com força...

CONSELHEIRO: Esfrega fumo com força em cima, depois, derrama um pouco de mandureba... Mecho com bicho há mais de dez anos e nunca fui mordido nem picado. Toma tento irmã: abeia é bicho bom, só pica quando provocado, fora disso é manso como louva-deus. Passeia na mão e perfuma até...

MÚSICA:
Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

CONSELHEIRO: Agora, Mestre Abade, vai dizer com fervor e jeito tudo o que deve ser feito.

(O Conselheiro sai.)

ABADE: Sei que nós pode contá com a ajuda do céu... Mais nos causos de milagre é sempre bom dá uma mãozinha... Agora, irmãos, vão tudo vosmecê se colocá nas altura da serra e ficá lá bem caludos até a hora que ouvi o meu apito... Então, pega no saco e gira assim...

(Abade pega uma corda com um saco amarrado e gira sobre a cabeça.)

ABADE: Depois, joga em cima das tropa do ruinoso do Moreira César... Os sacos vão se abri, as colmeia arrebenhá e os bichinho vão caí que nem enxame de Belzebu nos praça... Num vai ficá moleque da fraqueza do governo nos Canudos... Vão corrê até abancá o mar-oceano... Agora, vão irmãos, com presteza. Oia, espera o apito. Num vão se açulerá. Espera o apito. Vão.

(Os jagunços saem.)

MÚSICA: Nuvem do céu há de vir...
Pros inimigos destruir...

CENA III

(Flash - Moreira César espada à mão.)

MOREIRA CÉSAR: Avante, sétimo. Avante. Pela Pátria. Não dai quartel. Artilharia, fogo. Avante.

(Ruído de luta. Apitos. Tiros.)

VOZES (jagunços): Vem, soldado safado. Chega, cachorro da República. Arreda viva o Conselheiro!

(Tiros. Sinos.)

MOREIRA CÉSAR: Parem, lutem,
covardes.

(Tiros.)

VOZES (soldados): Milagre! Milagre!
Tá descendo nuvem do céu pra
nos matá! Milagre!

(Barulho. Tiros.)

MOREIRA CÉSAR: Milagre merda
nenhuma. É mosquito. Parem,
covardes.

*(Moreira César cai ferido na barriga.
Escurece. Chegam até Moreira
César caído, Tamarindo e outros
oficiais. Barulho de combate
decrece.)*

MOREIRA CÉSAR: Me pegaram... Mas
não é nada... Coisa à-toa...

*(Faz um movimento. Oficial ajoelha-
se, apóia a cabeça do chefe no
peito.)*

MOREIRA CÉSAR: Que lugar é este?

OFICIAL: Acho que é a "Fazenda
Velha"... Mais cem jardas e
estávamos dentro do arraial.

TAMARINDO: É a "Fazenda Velha",
no sítio das Umburanas.

OFICIAL: Que ordena agora, meu
coronel? Que fazer?

MOREIRA CÉSAR: Que fazer?
Continuar a luta. Lutar até o
último homem.

TAMARINDO: Não tem mais quase
nenhum.

MOREIRA CÉSAR: E o capitão
Salomão?

OFICIAL: Morto.

MOREIRA CÉSAR: Morto.

PONTO: ...Morreu como um herói...

OFICIAL: Morreu como um herói, caiu
dizendo: "onde fica a bateria,
fica seu capitão".

MOREIRA CÉSAR: Era um homem...
(Moreira César geme, contorce-se.)

TAMARINDO: Creio, coronel, que
devemos recuar...

MOREIRA CÉSAR: Recuar? O sétimo
não recua nunca. Mantenha
posição, coronel Tamarindo,
mantenha posição...

OFICIAL: É difícil, meu coronel,
impossível...

MOREIRA CÉSAR: É uma ordem.
Mantenha posição... Até o
último. Reforços vem aí...
Mantenha posição...

TAMARINDO (à parte para o Oficial):
Assumo o comando, o homem
não se agüenta mais.

OFICIAL: Como?

TAMARINDO: Mande tocar o "retirar".
(Um oficial sai.)

TAMARINDO: Meu coronel, é melhor
que...

(Ouve-se o toque de recuar.)

MOREIRA CÉSAR: Toque de retirada?!?

Quem mandou?... Ai...

Covardes... Estou morrendo, mas
não compactuo com essa
felonia... Ai... É desonrar minha
carreira. Mancha meu nome,
profana os penachos do sétimo.

*(Toque de recuar mais perto. Agudo.
Moreira César contrai-se.)*

MOREIRA CÉSAR: Eu... Não aceito...
Comigo... Morre a... República...

*(Moreira César morre. Oficial deixa o
corpo cair. Levanta-se. Os oficiais
ficam de pé. Observam o chefe
morto.)*

TAMARINDO (à parte): Eu sabia que
essa bosta ia estourar nas
minhas costas.

OFICIAL: Que ordens tem, meu
comandante?

TAMARINDO: Debandar! Em tempo
de murici, cada um cuide de si!
(Todos saem céleres, cada um por

um lado. Luz em resistência. O corpo de Moreira César fica só. Ruído de tiros decrescendo ao longe até parar completamente. Começam a chegar mulheres, jagunços. Olham o cadáver. Giram em torno dele. Começam a dançar lentamente em volta. Apressam depois em ritmo de ciranda.)

MÚSICA:

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas
Umburana...

Moreira César, olhos de cana caiana,
foi ferido nos Canudos, foi morrer nas
Umburana...

SUB CENA

(Ajudantes de circo providenciam a mudança do cenário. Preparam o picadeiro maltratados por ordens violentas do Mestre de Cerimônias e do Domador.)

CENA IV

(Anoitecer. Badaladas lentas do sino. Sob a latada da igreja nova, uma morena muito bela, ajoelhada, reza. Mais à esquerda, Pajeú, apoiado na latada em silêncio. Ao fundo, som de ladainhas, hinos religiosos. Fogueiras fogo desmaiando. Entra dançando usando, Isabel, a doida.)

ISABEL (cantando): Venho de
Patumaté,

onde a anta caiu n'água
vestida de maltratos...

vestida de maltratos...

(Passa correndo pela moça ajoelhada. Tira o chale dos ombros da morena. Corre desvairada, dançando com o chale.)

ISABEL: Eu vim ajudá o Conselheiro...

(Faz piruetas loucas pelo picadeiro.)

PONTO: ...Eu sou Isabel, a
Redentora...

ISABEL: Eu sou Isabel, a Redentora,
Imperatriz do Brasil. Tenho um
filho meu Imperador, de barbas
brancas, que foi concebido de
um facho de luz na hora da
estrela guia, aquela de luz
bendita que me fecundou.
Venho com ordens diretas do
céu. Trago embaixadas de
poderes pro meu Santo
Conselheiro...

(Isabel vai até a moça. Empurra-a . Pajeú aproxima-se. A velha volteia, sempre fazendo círculos com o chale.)

ISABEL: Deixa eu passá, gente. Não
posso ser contrariada na
estampa de meu filho
Imperador... *(Isabel fica séria. Sai cantando docemente. Ao sair, joga o chale para dentro.)*
Venho de Patamaté,
onde a anta caiu n'água

ISABEL (saindo): Vestida de
maltratos...
vestida de maltratos...

(Pajeú apanha o chale, leva-o até a moça.)

PAJEÚ (entregando o chale): Uma
morena assim bonita num
carece de rezar... Abasta o
mimo que tem pra sua alma
salvá... Ah morena, se eu
poderia no mundo formá altar,
nele te poria pro povo te
adorá...

(A morena se levanta.)

MORENA: Não diz assim não, seu
moço... Trais desgraça... Não
quero nem os ouvido deixá
aberto pra essas coisa do cão

escuta...

PAJEÚ: Modo de dizê, irmã... e os modo do dizê, às vezes num concorda com os modo do senti... Num carece de explicação, foi uma sincera saudação...

PONTO: ...Pra falá dos seus olho grande...

PAJEÚ: Pra falá dos seus olho grande, dos seus lábio fino... *(Pausa.)* Nunca arreparo, pois neste seu irmão mariposando por cerca de vosmecê?

MORENA: Arrepará, arreparei...

PAJEÚ: E foi bom?

MORENA: Sei, não... Nem seu nome sei...

(Pajéu pega o violão.)

PAJEÚ: Sou Pajeú, assim me tratam os que me conhecem. Sou raiz de cajazeira, pau que amarga, flor que cheira, cravo das menina, suspiro das casada, beijo das soltera.

MORENA: Vosmecê é dos que vive se adoçando só de vê rabo de saia ondulá... Nem que seja no vará...

(Pajeú larga o violão.)

PAJEÚ: É minha apresentação, sentido faz não... Foi Mestre Quadrado que ensinou... É só falação, conteúdo tem nada não...

MORENA: Assim me sai melhó... Num há nesse sertão mulher que goste de home com fama de pombo arrulhadô...

(Toca o sino. Sinal de recolher.)

MORENA: É o recolhe, vou chegando. Boas noite, seu Pajéu.

PAJEÚ: Vai não, moça. Fica um

pouco só... A lua vai despontando... Queda aqui... Conversa... Quem sabe o pouco que nos resta?

MORENA: Posso não... Mestre Abade, ordem deu: depois da última badalada, habitante dos Canudos tem que tá recolhido à morada.

PAJEÚ: João Abade dessas coisa num entende.

MORENA: Inda ontem vi você obedecendo a ele, pois não.

PAJEÚ: Nas coisa da guerra, obedeço obedecendo, nas outra, não. Home que faiz gosto a macho, só conheço o barbero, que alisa o fregueis na cara, passa pente e bota cheiro. *(Pausa.)* Escuta irmã olha no mato os bicho cantando, ouve o batê das asa dos pássaro se aqueitando... As águas do vazabarris tão murmurando: fica irmã, fica. Mantém conversa...

PONTO: ...As arage que beija...

PAJEÚ: As arage que beija as pedra do Caypan, que faiz as folha assobiá de manso, triste, no Cambaio, também fala-voando: fica, irmã, fica, mantém conversa... Quem sabe o tempo que nos resta?

(Pajéu pega a mão da moça.)

Ambos ficam apoiados na latada.

Pajeú passa os braços nos ombros da morena.)

MORENA: ...O tempo que nos resta... É pouco, pois então?

PAJEÚ: Sabe, ninguém sabe não...

PONTO: ...Mas o presidente da...

PAJEÚ: Mas o Presidente da República, força-montão tão

armando... Só nas Queimadas tem mais de cinco mil praça, vindo de tudo lado. Do Sergipe, das Alagoas, e muitos estrangeiro das terra grande, tudo gente lá dos baixo...

Paulista tem que nem formiga...

MORENA: Essas tropa do governo do diabo não vão vê nem as torre das igreja de Belo Monte.

PAJÉU: Tem mais de trinta canhão-matadera.

MORENA: Pra acabá como bigorna na loja da Chica Ferrera...

PONTO: ...São vinte batalhão...

PAJÉU: ...São vinte batalhão do exército e mais cinco das polícia dos Estado, diz eles que vêm pra acabá com o Conselheiro e arrasá com tudo.

MORENA: O Moreira César tá ali pra acabá com essa presunção, com quatro metro de chita e sete palmo no chão...

MORENA: Na ponta da faca os cinco mir vão acabá. Não vão nem passá a vereda sagrada do Massacará.

PAJÉU: Se o tempo que nos resta é pouco ou não, ninguém sabe, não... Por via das duda, carece de aproveitá. E da devera, pombinha, da faia que toda muié bonita tem: de querê bem a todo mundo ou num gostá de ninguém, prefiro que...

MORENA: Mestre Pajéu, deixa a falação. Das minha faia conhece poco. Das qualidade sabe nenhuma... *(Pausa.)* Olha os grilo cantando; as flores esparrama perfume na noite; os vaga-lume fais estrela-verde nas marge do Vaza-Barris... Vamos

até lá, deixa a conversa... **Quem** sabe o tempo que nos resta... *(Ambos saem abraçados.)*

CENA V

(Luz acende num canto do picadeiro. Trincheira avançada do Exército da República. É uma trincheira natural, constituída de enormes pedras. Há, no centro, uma pedra maior, cheia de inscrições patrióticas, pornográficas, corações etc. No centro, em destaque. A frase "Viva a República". O Praça João, de pé, desenha um coração. Ouvem-se ao longe tiros espaçados.)

PRIMEIRO PRAÇA: O baile começou.

VOZ: Oh, João, se abaxa, cuidado, rapaz.

PRIMEIRO PRAÇA: Tá querendo levá uma bala na cabeça, seu?

(O praça João não liga para os avisos. Continua desenhando. Dá um passo atrás, olha o desenho, volta, escreve um nome no coração: "Ana". Pega a espingarda, toma posição, olhando a terra de ninguém a sua frente. Luz em resistência na trincheira dos soldados. Fica apenas o tênue foco de uma pequena fogueira...)

Luz acende no canto oposto do picadeiro, entre o lugar onde a luz acende e a trincheira do governo fica um vazio: a terra de ninguém. No canto onde acendeu a luz estão quatro ou cinco trincheiras circulares dos jagunços, de meio metro de fundura, cavadas na terra, espaçadas umas das outras por alguns passos. Estão: João Abade, Pajéu, Manoel Quadrado, dois ou três jagunços. João Abade vai de trincheira em trincheira, distribuindo

cartuchos, examinando armas, iniciando ordens. Rebate de sinos. Luz aumenta na trincheira dos soldados. O espaço intermediário do picadeiro permanece às escuras.)

MÚSICA:

Postos estão frente à frente
os dois valorosos campos;
a um lado el-rei maluco, Sebastião
do outro lado.

Moço-rei Sebastião, valente e
determinado

Ai, se como eras valente, fosses bem
aconselhado.

E os mouros já sem conta - suas
hostes vão cercando
que por cada um dos seus - são eles
dezoito tantos.

Manda el-rei que nada teme - da
peleja deitar bando,
a frente dos seus galopa clamando: -
a eles Santiago.

(Sinos. Tiros. Inicia o combate. Gritos.)

JOÃO ABADE: Viva o Bom Jesus
Conselheiro!

UM OFICIAL: Viva a República!
Avançar!

ABADE: Mais arriba, irmão. Sobe na
árvore. Larga fogo. Mete
chumbo.

(João Abade ordena os movimentos dos jagunços, sincronizando-os com apitos. Movimentação dos Jagunços e dos soldados.)

MANOEL QUADRADO: Venham, seu
praças veacos. Quanto mais
vierem, mais morrem.

PAJÉU: Eu daqui não saio. Sô como
prego em pau de ferro. Me
arrebento dentro, mas não saio.

ABADE: Fogo neles. Viva o Bom Jesus
Conselheiro!

PONTO: ...Viva a República!...

OFICIAL: Viva a República!

PAJEÚ: Esta é minha casa. Ninguém
vai me tocá... Ceis tem é
lambança. Esse troço de
canhão é matadora de merda...
O mar também ronca e eu mijo
nele.

PONTO: Avante... Pela Pátria!

OFICIAL: Avante, pela Pátria! Viva
Floriano!

ABADE: Chega, seus maçon
protestante, chega!

PAJEÚ: Vem, cabrada safada, quero
vê essa terra cheia de sangue
até nas canela e urubu de
caganeira.

MANOEL QUADRADO: Vem, seus
porco, o padroeiro d'oceis é
fêmea, mas o meu é macho,
mija de pé e não sentando.

*(Flash - João Abade cantando,
entremeado com o coro.)*

MÚSICA:

Eu sou aquele que disse
e como disse não nego.
Levo faca, levo chumbo,
morro solto e não me entrego.
Diz minha mãe que eu nasci
num dia de quarta fêra
quando foram me dá banho,
foi visto pela partera
que eu trazia na cintura
marca de cartucheira...
Meu nome é João Abade,
temido em todo o sertão
na calma sô como ovelha,
na raiva viro leão...

*(O combate diminuiu de intensidade
até cessar completamente. Silêncio
de noite no campo de batalha.
Trincheira dos soldados iluminada
apenas por uma fogueira. Do outro
lado, trincheiras dos jagunços
iluminadas pelo lusco-fusco de duas
pequenas fogueiras. Manoel*

*Quadrado sobe numa elevação,
mão em concha junto à boca, grita
para os soldados.)*

MANOEL QUADRADO: Oh! Severino,
Severinooooo...

(Silêncio.)

MANOEL QUADRADO: José,
Josééééé... Arresponde, José,
arresponde...

(Silêncio.)

PAJEÚ: Êh! João, sei que ocê tá aí.
João, arresponde, tá me
iscuitando?

PRAÇA JOÃO: Tô ouvindo, sim. Que é
que você quer?

PAJEÚ: Grato por atendê. Onde
vosmecê é?

JOÃO: Sou lá de baixo, de São Paulo.

MANOEL QUADRADO: É dos paulista,
é dos pió. Cautela, Mestre Pajéu.

PAJEÚ: Como é que tá aí do seu
lado, irmão? Tem comida a
fartá?

JOÃO: Mantimento tem à vontade,
água é que escasseia um tanto.

ABADE: Esse povaréu que tá tudo aí
é macaco ou praça?

PRIMEIRO PRAÇA: Tá querendo sabê
o que, jagunço safado?

ABADE: Perguntava por mal
perguntá...

(Pausa.)

MANOEL QUADRADO: Arresponde,
paulista, porque tão aqui mata-
matando a gente?

PRAÇA JOÃO: Porque vosmecês
querem acabar com a
República?

PAJEÚ: Nós qué vivê em paz...

MANOEL QUADRADO: O povo do
conselheiro qué trabaíá em
sossego.

PRIMEIRO PRAÇA: Então o Conselheiro
não quer derrubar o presidente?

ABADE: O Bom Jesus só qué que
ninguém venha bolir com a
gente de Belo Monte

MANOEL QUADRADO: Oceis tão
morrendo à toa... Garanto que
nem sabe o que é essa joça de
República.

(Ouvem-se vozes como um eco.)

VOZES: Que é essa joça de
República? Que é essa joça de
República?

MANOEL QUADRADO: Arresponde,
irmão, que é essa joça de
República?

PRAÇA JOÃO: Eu não sei direito o
que é essa República.

PRIMEIRO PRAÇA: Eu também não...
(Vozes como num eco.)

VOZES: Nem eu... Nem eu...

ABADE: Porque vosmecê num larga
essas gente perversa das terra
grande?

PAJEÚ: Deixa esses pessoá ruinsos do
governo. Deixa.

MANOEL QUADRADO: Vem vivê aqui
em Belo Monte com a gente.
Larga esses governo do litorá.
Vem aqui pra as fartura dos
Canudos.

PRAÇA JOÃO: Tô na dúvida.

PRIMEIRO PRAÇA: Esse convite é prá
valê?

ABADE: De devera, irmão, pode
chegá, palavra de João Abade,
comandante do povo, falando
pelo Santo Conselheiro. Pode
chegá.

PAJEÚ: Vem aqui, ceis será irmão pra
nóis, com as mesma benção do
santo e morada ao pé da igreja
nova. Chega, irmão.

*(O praça João, acompanhado do
primeiro praça e outros soldados sai
da trincheira. Jogam armas,*

encaminham-se cautelosos para o lado dos jagunços. Surge um oficial.)

OFICIAL: Vocês aí, aonde vão?

Parem, seus desertores. Alto, traidores. Alto, voltem.

(Os dois soldados voltam para a trincheira. O praça João continua a avançar.)

OFICIAL: Toma.

(O oficial atira. João cai, mortalmente ferido. Escurece. Luz só sobre João que se arrasta lentamente até entrar na sua trincheira. Pega no giz ainda no chão, e, apoiando-se na parede, levanta-se. Oscilante, começa a escrever na pedra: inicia a escrever no coração por ele mesmo há pouco desenhado e vai com suas letras cobrindo o "Viva a República". Escreve: "M-E-R-D-A". No "A" final, cai estendendo a perna da letra até o chão. Morre. Recomeça o combate. Violento.)

OFICIAL: Artilharia, fogo!

(Tiros. Barulho de combate.)

OFICIAL: Infantaria, avançar. Viva Floriano, pela direita, pela Pátria. Ocupem o morro. Cavalaria, carga, Viva a República.

(Entram mais soldados, cercam os jagunços.)

OFICIAL: Êh, jagunços, vocês estão perdidos. O arraial está cercado.

PONTO: ...O exército já...

OFICIAL: O exército já tomou a rua da professora... As casas vermelhas caíram todas... Se entreguem...

PAJEÚ: Ó seu majó, deixa de lambuja...

OFICIAL: Garanto a vida de todos. Se entreguem. É o meu ultimatum.

Vocês não têm mais comida. Se entreguem.

MANOEL QUADRADO: Aqui ninguém come urtimatu. Tem paçoca de sobra...

OFICIAL: Rendam-se. Dou mais um minuto. Rendam-se.

ABADE: Larga a falação, inselência. Aproveita o minuto pra se abancá pro outro lugá. Fogo nele, irmãos. Viva o Bom Jesus!

(Recrudescer o combate. Os jagunços saem de suas covas-trincheiras e recuam sempre lutando. O Oficial atira em Pajéu. Manoel Quadrado salta à frente do crioulo e recebe no peito a bala a ele endereçada. Manoel Quadrado cai. Morre. Pajéu ainda atirando, ajoelha-se, ampara o corpo de Manoel Quadrado.)

MÚSICA:

Ao vê-lo que assim jazia, Sebastião solta um brado;

Ai de mim, até que extremo, aqui me vejo chegado;

de aceitar com tua morte a vida que já desamo.

Mas espera, amigo, espera, não será por mais de ano.

Que o rei que sabe morrer, morre ao pé do seu vassalo.

Isto dizendo com mágoa, dum salto monta o cavalo.

Com fúria se torna aos mouros, onde o combate é mais bravo.

Busca morre, dando mortos, busca a morte, Sebastião;

E agora a hora, esta morte é salvação!

(Pajeú atira com raiva, é atingido. Cai. Morre. Abade e dois jagunços arrastam seu corpo. Soldados ocupam as trincheiras dos jagunços.)

Luz em resistência. Silêncio. Flash. Silhueta do Abade e dois jagunços contra a luz das fogueiras, saindo lentamente, carregando corpo de Pajéu.)

MÚSICA:

Me corte, que eu nasço sempre
Sou que nem soca de cana...
Me cortem que eu nasço sempre
Sou que nem soca cana...

CENA VI

(Primeiros albos da alvorada. Abade e jagunços carregam numa rede o corpo de Pajéu. Caminham devagar. No outro lado do picadeiro, entra o Conselheiro com Beatinho, a Morena de Pajéu, velha Tia Benta e romeiros. Encontram-se no meio do picadeiro. O Conselheiro ajoelha-se ao lado do corpo de Pajéu. Sofre profundamente. O Conselheiro levanta-se. Sobe numa elevação. Vê-se só a sua silhueta marcada em luz. Alguns jagunços ajoelham-se.)

CONSELHEIRO (*música*): Irmão Pajéu,
não sei de que vosmecê morreria;
uns me alertaram que foi de bala,
outros que não seria;
Das coisas que vosmecê gostava,
não gosta mais;
cavalo galopeiro, lamparina de gás,
falar franco na frente, nunca
negacear por trás;
da morena de olho grande e lábio fino
que está aqui no fim do seu destino,
de ajudá os pequeninos,
da querença de não ter forte prá
bater no fraco,
da vida vivida sem alarma de sino:
Essas coisas, irmão Pajéu, eu garanto,
vão ter continuação.

MÚSICA:

Me cortem que eu nasço sempre sou

que nem soca de cana...

CONSELHEIRO (*música*): Só sei que de morte degolada não foi que Mestre Pajéu chegou a este fim; por isso, aqui no Império de Belo Monte, ele vai continuar a viver; no jagunço que nasce, no romeiro que reza, no jagunço que luta, no umbuzeiro que cresce, na ave que avoa...

CORO: Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: Até a hora de voltar... O irmão Pajéu e todos os que caíram: no Massetê, no Caypan, no cachorro, no Cambhio, nas bordas do Vaza-Barris, até a hora de voltar...

CORO: Me cortem que eu nasço sempre...

CONSELHEIRO: Aqueles que são os mornos: nem frio, nem quente ou os desgraçados que duvidam do sol e acreditam na tocha, esses eu vomito todos.

CORO: Sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: Estava escrito que neste ano, as águas iam ficar em sangue e o sol nalgum lugar se confrontar vai com a terra e há de chover grande chuva de estrelas... e aí quando virdes os Canudos situados, sabereis que está próxima a devastação. Aí, então, das que estiverem grávidas...

(A morena de Pajéu protege a barriga.)

CONSELHEIRO: Aí das que amamentarem, porque haverá grande aflição na terra e ira contra o meu povo.

CORO: Me cortem que eu nasço sempre, me cortem que eu

nasço sempre...

CONSELHEIRO: Muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos por todas as nações.

CORO: Sou que nem soca de cana, sou que nem soca de cana...

CONSELHEIRO: Mas...

PONTO: ...Todas essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO: ...No ano dos 900...

PONTO: ...Essas aflições serão recompensadas na vida eterna...

CONSELHEIRO: ...Num dos anos dos 1900...

(Um jagunço levanta uma tosca cruz, onde está pendurado um couro à guisa de pergaminho.)

CONSELHEIRO: ...Num dos anos dos 1900, eu voltarei...

(Enquanto fala, o conselheiro desenha no couro uma cruz. Na parte de cima, do lado esquerdo, põe o número "um", do outro lado, o número "nove". Nos dois lados de baixo acrescenta duas interrogações, uma de cada lado.)

CONSELHEIRO: Eu voltarei lá pelas bandas das terras baixas, lá pelos lados do sul... Voltarei porque sou o alfa e o ômega...

(O Conselheiro desenha um alfa e um ômega.)

CONSELHEIRO: E então os orgulhosos vão tremer, os poderosos vão ser destronados, os fartos serão despojados e nutridos os esfaimados...

BEATO (meio à parte): Num tá interessando essas coisas pra depois...

ABADE: Queto, irmão Beato.

BEATO (meio à parte): Bem-

aventurança pra depois num serve... De dantes, isso a Igreja já apontava nas falação dos padres...

ABADE: Cala, Beato, aqueta...

BEATO: O Santo prometeu mel e leite pra agora, não pra depois... Do que valeu então essas mortandade toda?

ABADE: Nas horas do combate, vosmecê nunca foi dos primeiro...

BEATO: Meu combate é outro, de mais valia...

(Beato sai.)

CONSELHEIRO: ...E vou chegar numa nuvem de cerração com poder e grande glória, junto com Pajéu e o Rei D. Sebastião com todo o seu exército...

MÚSICA (coro):

Montado no seu cavalo num dia de cerração, quem quiser pode esperá-lo El Rei D. Sebastião.

CONSELHEIRO: E então, nesse ano marcado, exultai e erguei vossas cabeças porque o rei D. Sebastião vai enfiar sua espada encantada na pedra até os copo...

(Pausa.)

PONTO: ...E vai garantir com isso a salvação eterna de...

CONSELHEIRO: E vai tirar no fio da espada todos os que estiverem do lado da República...

(Pausa. A auréola de luz que envolve a silhueta do Conselheiro aumenta.)

CONSELHEIRO: Em verdade vos digo, irmãos, que esta geração não passará sem que isso aconteça. Passarão o céu e a terra, mas o que vos digo hoje, diante do

corpo de Mestre Pajéu e na
Anunciação da vinda d'El Rei
D. Sebastião não passará.

*(Os jagunços levantam e saem
lentamente carregando o corpo de
Pajeú.)*

MÚSICA:

Por três noites e três dias
haverá mil agonias
que eu aqui não vos direi.
Andará tudo de luto.
Sem os campos darem fruto,
sem se seguir a lei.
Nas profecias
dos modernos Isaias
há uma que diz assim:
com fé espere o povo por mim!
Se alguém duvida do dia
aqui lhe ponho os sinais:
como reza a profecia
como ela reza não mais:
verás no céu um cometa
e do nascente,
segundo crê muita gente,
virá vindo a cerração
e depois dela desfeita
surgirá a boa seita
D'El Rei D. Sebastião.
Montado em seu cavalo
num dia de cerração
quem quiser pode esperá-lo
El Rei D. Sebastião.

SUB CENA

*(Mudança de cenário feita pelos
"Peludos" sob ordens do Mestre de
Cerimônias e do Domador. Vouques,
o palhaço, ajuda os peludos. Zeca
Tibério, agride Vouques. Vouques
avança sobre Zeca. Ponciano, o
Domador, intervém em auxílio de
Zeca. Vouques e Ponciano medem-
se. Vouques volta a arrumar o*

cenário.)

CENA VII

*(Os muros da nave da igreja nova
em ruínas. Sino dependurado numa
coluna semidestruída pelo fogo. Ao
lado, a pia batismal, rachada, com
água.*

*Em continuação a nave, muros
destruídos pelos combates, formando
um labirinto que se estende da nave
até o início da borda do picadeiro
de um dos lados. À esquerda na
nave, o Conselheiro, João Abade e
um romeiro. O Conselheiro está de
hábito impecavelmente limpo e tem
uma cruz de prata, presa ao cordão
da túnica. O romeiro dorme deitado
no chão. Abade cochila na nave.
Conselheiro numa réstia de luz de
vela. Um vento lúgubre, ciciante,
agita as vestes. Ao longe, barulho de
tiros de artilharia. Entram pelo
labirinto de muros, às ocultas,
Beatinho, seguido de um oficial e
dois praças. Esgueiram-se por entre
as paredes. À entrada da nave,
estacam. Beato entra, oficial e os
praças ficam escondidos,
observando a nave. Conselheiro e
Beatinho encaram-se. Pausa.
Música.)*

CORO: Aquele que me falseia

*come e bebe na minha mesa...
(Beatinho caminha vagorosamente
até o Conselheiro, Abade tenta
interpor-se entre eles. O Conselheiro
faz um gesto. Abade pára. Beato
chega até o Conselheiro, beija-o na
face. Beato sai por um lado, música.)*

CORO: Aquele que me falseia

*come e bebe na minha mesa...
(Entram o oficial e um praça.)*

OFICIAL: Viva a República.

(Tiros.)

OFICIAL: Morre, traidor.

(Tiros. Romeiro foge.)

SUB-CENA TODA EM SONHO

(Tiroteio continua. Abade corre para proteger o Conselheiro. O

Conselheiro cai vagarosamente, diluindo-se, fluindo para o chão.)

CONSELHEIRO: Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?

(O Conselheiro morre. Abade cai ao seu lado direito. O oficial tomba ao lado esquerdo. Os três mortos com os braços abertos. O Conselheiro um pouco mais acima. O praça foge para as ruínas. Ruído de vento aumenta. Relâmpagos de circo. Estrondo de bala batendo em sino, com eco agudo, prolongado. Silêncio. Entra Isabel, a doida. Tem duas sinetas nas mãos. Dança e canta apenas melodias de qualquer das músicas cantadas por ela anteriormente, circunda os corpos, tilintando as sinetas, como fazem os coroinhas.

Ajoelha-se, toma o Conselheiro morto nos braços. Pausa. Silêncio. Isabel sai bimbando as sinetas. Entram dois praças. Chegam até os corpos. Tiram a cruz e a chave de prata do corpo do Conselheiro. Disputam os objetos. Tiram par ou ímpar. O que ganha amarra os objetos num lenço e enfia no bolso da farda estropiada. Clarim de Vitória.)

VOZ: Viva a República.

VOZES: Viva a República.
(Acordes de Hino Nacional.)

VOZ: O general-em-chefe.

VOZES: O general-em-chefe.
(Entra o general-em-chefe, seguido de um oficial. Os praças perfilam-se. O

general examina os corpos. Empurra com o pé o cadáver do oficial. Observa atentamente o Conselheiro. Faz um gesto. O oficial sai. Pausa. Retorna num segundo; trazendo Beatinho. O general aponta o corpo do Conselheiro. Beato olha com desdém.)

GENERAL: Então?

BEATO: É o Santo, num tem dúvida.
(Gesto do general. O oficial empurra Beato sai escoltado por um praça.)

GENERAL: Tirem os outros, tirem os outros, chus, chus, rápido.

(Afastam os dois outros corpos. Fica só o do Conselheiro. Flash do general-em-chefe.)

GENERAL: Pelo que ordenei que se passasse a verificar a exata identidade de pessoa...

PONTO: ...Tendo-se reconhecido...

GENERAL: ...Tendo-se reconhecido ser o corpo do famigerado Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo Bom Jesus Conselheiro, como consta da ata lavrada. Mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele aqueles que o conheceram.

(Entra um praça com uma desproporcional máquina fotográfica tipo caixão. Põe o pano preto sobre a cabeça, enfoca o cadáver do Conselheiro. Explode o magnésio com estrondo. Escurece. Pausa. Surge o tradicional retrato do Conselheiro, em contraste negativo, preso por duas cordas. Começa a subir lentamente.

MÚSICA:

E cortaram a cabeça do Conselheiro e trouxeram num caixote de sal no selim de um animal. Examinando o crânio, na Capital,

a ciência disse: normal!
(O retrato finda a ascensão,
escurece. Silêncio.)

Surge um quadro rústico escrito, o quadro é assim: "E se alguém fizer qualquer acréscimo às verdades contidas neste drama, Deus lhe acrescentará. Os flagelos nele escritos; e se alguém tirar qualquer coisa, Deus tirará dele e a sua parte na árvore da vida".

PANO

CENA FINAL COM OS ARTISTAS DO CIRCO

(À frente do pano, surge Zeca Tibério, com a roupa do Mestre de Cerimônias)

ZECA TIBÉRIO: Prezado e seleta público. Aqui se encerra a apresentação do maravilhoso drama "A Guerra de Canudos", que o "Gran Circo Irmãos Tibério" espera tenha sido do vosso inteiro agrado. Repetimos as desculpas pela apresentação de Vicente, artista que estreou nesta noite, garantindo que, nos próximos espetáculos, não cometerá as perdoáveis falhas de hoje. E agora, nossos artistas distribuirão – gratuitamente – suas fotos ao distinto público. Muito obrigado e muitíssimo boa noite.

(Abre-se o pano. Mesmo cenário da cena de morte do Conselheiro. No picadeiro, estáticos Vicente num plano superior, logo abaixo, Pedrão, e um pouco mais abaixo ainda: Zebedeu. Zebedeu tem nas mãos a pluma de escrever e seu instrumento de trabalho com fogo.

O cartão distribuído ao público é

assim: No lado da frente, em cima, os dizeres: "Retrato do artista Vouques". No meio um círculo de papel prateado de proteger cigarros, que reflita deformando o rosto de quem olhar. Flecha indicativa com os dizeres: "Isto é um espelho". No outro lado do cartão, estarão impressos os dizeres: "Vendo ele que a espada vem sobre a terra deve tocar a trombeta e avisar o povo" (Ezequiel, 33/4.)

A distribuição prossegue, com as portas de saída fechadas, até quase todos os assistentes terem recebido os cartões. Som violento de trombeta ao fundo do picadeiro, os artistas viram-se, e ficam estáticos. Vouques, uma das bailarinas (a que fez tia Benta, mulher do povo), Zebedeu e Vicente convidam a trupe e o público para saírem com eles... Violento conflito entre Zeca Tibério, Mestre de Cerimônias e Ponciano, o Domador, contra Vicente, Zebedeu e Vouques. Os dois primeiros são dominados. Zebedeu arranca o chicote das mãos de Zeca Tibério, Ponciano cai vencido. Vouques e a bailarina tiram as roupas de circo, estão com roupas simples, atuais bem modestas por baixo... Saem os quatro...)

MÚSICA:

Num dia de cerração.

(O resto da trupe continua a distribuir os cartões, alegremente, para o público.)

VOZ (alto-falante): Não percam... Não percam... Nosso próximo espetáculo: "A Morte do Capitão-Mor" ... Não percam!

(Abrem-se as portas para o público.)

OBS: a primeira montagem de O Evangelho Segundo Zebedeu foi

produzida pelo Teatro do Onze Centro Acadêmico Xi De Agosto, da Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco - USP.

Estreiou em 23 Julho 1970 no Circo Irmãos Tibério, no Parque do Ibirapuera (SP).

Texto: César Vieira (Idibal Pivetta).

Direção: Silnei Siqueira

Música: Murilo Alvarenga

Letras: César Vieira

Cenário e figurinos: José de Anchieta

Iluminação: Milton Lopes

Fotos: Paulo Malta Migliano

Coreografia: Ruth Rachou

Elenco: Anníbal Figueiredo

Antônio Augusto Machado de Campos

Auristela de Miranda Leão

Belisário dos Santos Júnior

Claire Marie Regnier

Diva Maria Vieira

Eduardo Ricardo Grandillone Neto

Eliane Faia Amorim

Elizabeth Nazar

Fausto Pavani

Jota Ferreira

Luiz Alberto Marcondes Piccina

Márcia Ramos de Souza

Márcio Luiz Valente

Marco Cícero Bottino

Marco Antônio da Rocha

Marici Abreu Bonafé

Naia Ferreira

Nery Moreira

Onofre Darca Gioia

Ricardo Gonzaga Aranha Campos

Rodolfo Malanga

Thais Helena Franco de Oliveira

Valter Fernandes

Walter Correa

Músicos: Pedro Abrahão Filho

Antônio Mercado Netto

Ricardo Vespucci

FIM

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**



IMPrensa OFICIAL
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE